

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO CEARÁ

REVISTA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, SAÚDE E ESPORTE

PERIÓDICO DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA DO IFCE

v. 2, n. 1
Dezembro de 2019

REFISE	Limoeiro do Norte/CE	v. 2	n. 1	p. 1 - 117	Dezembro - 2019
--------	----------------------	------	------	------------	-----------------

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará – IFCE
Pró-Reitoria de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação – PRPI
Departamento de Educação Física - PROEN
Cursos de Licenciatura em Educação Física do IFCE

Correspondências e solicitações de números avulsos deverão ser endereçados a:

[All correspondences and claims for missing issues should be addressed to:]

IFCE Limoeiro do Norte

Rua Estevão Remígio de Freitas, 1145 - Monsenhor Otávio, Limoeiro do Norte - CE, 62930-000, Ceará, Brasil. Telefone: (85) 3401-2290. Endereço virtual: <https://intranet.limoeiro.ifce.edu.br/ojs>. E-mail: refise@ifce.edu.br.

Publicação anual

É permitida a reprodução total ou parcial dos artigos desta publicação, desde que citada a fonte.

Reitor

Prof. Me. Virgílio Augusto Sales Araripe

Pró-Reitor de Administração e Planejamento

Prof. Dr. Tássio Francisco Lofti Matos

Pró-Reitor de Ensino

Prof. Me. Reuber Saraiva de Santiago

Pró-Reitora de Extensão

Ma. Zandra Dumaesq

Pró-Reitor de Gestão de Pessoas

Prof. Me. Ivam Holanda de Sousa

Pró-Reitor de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação

Prof. Dr. José Wally Mendonça Menezes

Coordenadora de Publicações Científicas e Tecnológicas

Rebeca Maria Gadelha de Sousa

Editor-Chefe

Prof. Dr. Rômmulo Celly Lima Siqueira (IFCE)

Conselho editorial

Prof. Me. Cesar Augusto Sadalla Pinto (IFCE)

Profa. Dra. Ialaska Guerra (IFCE)

Prof. Me. Kleber Augusto Ribeiro (IFCE)

Prof. Dr. Rômmulo Celly Lima Siqueira (IFCE)

Profa. Me. Samara Moura B. de Abreu (IFCE)

Capa

Prof. Dr. Rômmulo Celly Lima Siqueira

Secretaria editorial e diagramação

Prof. Me. Cesar Augusto Sadalla Pinto

Suporte técnico do sistema OJS

Mário Jorge Limeira dos Santos

Consultores ad hoc

Me. Arliene Stephanie Menezes Pereira (IFCE)

Me. Cesar Augusto Sadalla Pinto (IFCE)

Me. Daniel Pinto Gomes (IFCE)

Me. Jaques Luis Casagrande (IFCE)

Me. João Paulo dos Santos Oliveira (IFPE)

Dra. Juliana Zani de Almeida (IFCE)

Dr. Nilson Vieira Pinto (IFCE)

Dr. Rômmulo Celly Lima Siqueira (IFCE)

Me. Samara Moura Barreto de Abreu (IFCE)

Dr. Valter Cordeiro Barbosa Filho (IFCE)

Ms. Wallingson Michael Gonçalves Pereira

Revista em processo de indexação e qualificação pela CAPES

Publicação anual

Correspondências deverão ser endereçadas para:

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará – IFCE
Pró-Reitoria de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação – PRPI
Departamento de Educação Física - PROEN
Cursos de Licenciatura em Educação Física do IFCE
Rua Estevão Remígio, nº 1145, bairro Centro. CEP: 62930-000. Limoeiro do Norte-CE. Telefone: (85)
3401-2290. E-mail: refise@ifce.edu.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Bibliotecário responsável: Carlos Henrique da Silva Sousa CRB N° 3/1042

R454 Revista de Educação Física, Saúde e Esporte: periódico de divulgação científica e tecnológica do IFCE [recurso eletrônico] / Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará. -v. 2, n. 1(dezembro 2019) - . - Limoeiro do Norte: IFCE, 2019.
117p.: il.

Anual

Data de publicação do primeiro volume: nov. 2018

Acesso: <https://intranet.limoeiro.ifce.edu.br/revistas/refise>

ISSN: 2596-1012

1. Educação Física – Periódico. 2. Saúde – Periódico. 3. Esporte – Periódico. I. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará.

CDD 796.07

Os artigos assinados são de responsabilidade exclusiva dos autores e não expressam, necessariamente, a opinião do Conselho Editorial da revista ou do IFCE. É permitida a reprodução total ou parcial dos artigos desta publicação, desde que citada a fonte

SUMÁRIO

Ficha técnica.....	1-4
Editorial	5-6

Entrevista

Trajetória experiencial na editoração científica: entrevista com o professor Alex Branco Fraga

Samara Moura Barreto de Abreu, Braulio Nogueira de Oliveira	7-23
---	------

Artigos Originais

A produção científica em história da Educação Física brasileira com base nos grupos de pesquisa/CNPQ

Maria Luselma de Sousa ,Ariza Maria Rocha.....	24-39
--	-------

Educação Física e saúde mental: oficinas de práticas corporais como estratégia de cuidado nos centros de atenção psicossocial

Victor Hugo Santos de Castro, Samara Moura Barreto de Abreu.....	40-55
--	-------

Efeitos de um programa de qualidade de vida no trabalho e Ginástica Laboral nos colaboradores da Justiça Federal no Ceará

Isabele Islai Da Silva Melo.....	56-70
----------------------------------	-------

Avaliação do risco de ortorexia, anorexia e bulimia nervosa entre praticantes de exercício físico em academias de Limoeiro do Norte– CE

Leontina Maciel da Silva, Josicléia Vieira de Abreu	71-83
---	-------

Força, agilidade e velocidade de deslocamento em atletas de voleibol juvenil

Pedro Henrique de Sousa, Alisson Polineli Moura Brito, Danilo Lopes Ferreira Lima	84-91
---	-------

Relatos de Experiência

A iniciação a pesquisa na formação de professores de Educação Física

Neucivânia Moreira da Silva, Ticianne Bezerra Campos, Cesar Augusto Sadalla Pinto.....	92-101
--	--------

Os saberes-fazeres nos/dos/com os cotidianos do estágio de Educação Física na Educação Infantil

Lucas Borges Soeiro, Victor José Machado de Oliveira	102-117
--	---------

SÚPLICA CIENTÍFICA EM UM MAR DE “FALSOS-NEWS”

“Oh! Deus, perdoe esse pobre coitado

Que de joelhos rezou um bocado

Pedindo pra chuva cair, cair sem parar...

...Oh! Senhor, pedi pro sol se esconder um pouquinho

Pedi pra chover, mas chover de mansinho

Pra ver se nascia uma planta, uma planta no chão...

...Violência demais, chuva não tem mais

Roubo demais, política demais

Tristeza demais

Interesse tem demais!”¹

É chegado o momento do lançamento da segunda edição da REFISE (Revista de Educação Física, Saúde e Esporte). Saibam que fazemos isso com grande orgulho e entusiasmo. Seguindo a tradição do nosso primeiro editorial trazemos aqui versos da canção “Súplica Cearense”, de autoria Waldeck Macedo e famosa pela regravação de Luiz Gonzaga e mais recentemente do Rappa. Que estes versos juntamente com nossa xilogravura possam expressar a atual realidade social – política – científica – editorial na qual estamos passando.

Historicamente a informação sempre foi uma fonte para o desenvolvimento, assim também como a “sede” de conhecimento do ser humano e os mecanismos de como segregá-lo aos mais poderosos. Porém, a “seca do 15”² gerada pela falta de informação hoje dá lugar à “enxurrada” de notícias dispostas na *web*³.

Na qualidade de primeiro periódico da área no Estado do Ceará, saber que podemos auxiliar na divulgação científica nos traz imensa satisfação, possibilitando o desenvolvimento de novos conhecimentos através da publicação de pesquisas de qualidade e excelência. Como revista eletrônica e gratuita a REFISE tenta engatinhar e crescer dentro de um cenário de “bombardeio” entre o papel informativo e DESINFORMATIVO das novas tecnologias na disseminação da informação.

¹ Versos “soltos” da Canção “Súplica Cearense” de autoria do cantor, radialista, humorista e artista de circo Waldeck Artur de Macedo (conhecido também como Gordurinha).

² Menção à Grande Seca de 1915, muito bem retratada no livro “O quinze” da escritora cearense Raquel de Queiroz.

³ Referência à World Wide Web (www), rede que conecta computadores do mundo todo.

Em meio século, o desenvolvimento tecnológico cresceu como nunca e frente à tantas notícias falsas disseminadas pela internet (fakenews) e afrontas à pesquisa científica trazemos esse editorial com um salutar suspiro no intuito de tentar amenizar as diversas e cansativas investidas contra a ciência, por meio de crenças extremistas que pregam por exemplo o “terraplanismo” ou mesmo que “vacinas causam doenças”.

Com deveras indagações, dentre elas: “o que fazer para melhorar a divulgação científica? Quais as possibilidades frente à grande força das mídias sociais? Qual o nosso papel quanto revista científica no enfrentamento dos malefícios das novas tecnologias da informação?”, tentaremos através da REFISE manter nosso papel de persistir, valorizar e aumentar a visibilidade dos resultados de pesquisadores que através de seu árduo trabalho (muitas vezes pouco valorizado) produzem ciência. Sendo assim, o nosso pequeno (mas grandioso!) Corpo editorial tenta trabalhar “in-cansavelmente” para disponibilizar esse acesso de forma gratuita aos princípios e métodos científicos empregados pelos pesquisadores da área de Educação Física.

Ao longo da criação da revista o corpo editorial tem buscado avaliadores externos ao IFCE (Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará) e até internacionais; realizar reuniões com outros editores mais experientes de periódicos clássicos; participar de congressos e reuniões da área; ganhar espaço nacionalmente através da participação no Forum de Docentes dos Institutos Federais no CONBRACE (Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte); e, associar a REFISE à ABEC (Associação Brasileira de Editores Científicos).

Caro leitor, você perceberá que assim como a edição anterior este volume traz uma variedade considerável de temas com os mais diversificados objetivos entrelaçados à área da Educação Física. Conseguimos manter a periodicidade anual e com um ótimo grupo de avaliadores ad hoc, mantendo a avaliação duplo-cego, na tentativa de tornarmos a REFISE uma revista científica de alta qualidade com acesso aberto na íntegra e uma plataforma digital (www.refise.ifce.edu.br) para disponibilidade digital dos manuscritos (.pdf) através do OJS/SEER (Open Journal Systems/ Sistema de Editoração Eletrônica de Revistas).

Esperamos que tenham bastante proveito na leitura de nossa revista.

Dr. Rômmulo Celly Lima Siqueira

Professor do Instituto Federal do Ceará – IFCE

Membro do Conselho Editorial

TRAJETÓRIA EXPERIENCIAL NA EDITORAÇÃO CIENTÍFICA: ENTREVISTA COM O PROFESSOR ALEX BRANCO FRAGA

IN SCIENTIFIC PUBLISHING: INTERVIEW WITH PROFESSOR ALEX BRANCO FRAGA

Samara Moura Barreto de Abreu¹
Braulio Nogueira de Oliveira²

RESUMO

O Prof. Alex Branco Fraga é docente da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e coordenador do grupo de pesquisa Políticas de Formação em Educação Física e Saúde (Polifes). Dentre outros temas, dedica-se ao estudo da editoração científica, temática explorada em seu estágio pós-doutoral na Faculty of Kinesiology & Physical Education (FKPE) e The Centre for Critical Qualitative Health Research (CQ), ambos da University of Toronto, Canadá. É também editor chefe da revista *Movimento*, da UFRGS. Aborda, na entrevista, sua trajetória experiencial, enfatizando desafios e potencialidades nesse campo e as implicações sobre os referentes de qualidade.

Palavras-chaves: Editoração Científica. Comunicação científica. Periódicos. Qualis. Educação Física.

ABSTRACT

Prof. Alex Branco Fraga is a professor at the Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) and leader of the Políticas de Formação em Educação Física e Saúde (Polifes) research group. Among other topics, he is dedicated to the study of publishing, a theme explored in his postdoctoral internship at the Faculty of Kinesiology & Physical Education (FKPE) and The Center for Critical Qualitative Health Research (CQ), both from the University of Toronto, Canada. He is editor-in-chief of UFRGS's journal *Movimento*. In the interview, he discusses his experience, emphasizing challenges and potentialities in this field and the implications on quality referents.

Keywords: Scientific Publishing. Scientific Communication. Periodical. Qualis. Physical Education.

1) Você poderia falar um pouco sobre a sua trajetória experiencial na editoração científica na área de Educação Física? Como essa realidade foi se constituindo em sua formação e no desenvolvimento profissional docente?

A minha trajetória experiencial na editoria de revistas começou, por incrível que pareça, logo quando eu terminei meu doutorado, em 2005. Coincidentemente, também nesse ano aconteceu o Conbrace, em Porto Alegre, o Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte, que tem a *Revista Brasileira de Ciências do Esporte (RBCE)*, uma das mais antigas de Educação Física, no Brasil, ainda em atividade. Naquela época, os editores eram a professora Carmen Lúcia Soares e o professor Jocimar Daólio, que estavam em fim de mandato, e já haviam manifestado à direção do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE), à época, que não iriam seguir na função.

Diante dessa decisão, a direção do CBCE resolveu convidar a mim e à professora Silvana Goellner, durante o Conbrace de 2005, convite que prontamente aceitamos. No final do mesmo ano, em uma reunião na [Universidade de Campinas] Unicamp, com Carmen Lucia Soares e Jocimar Daólio, assumimos a editoria da *RBCE*. Ter a minha primeira experiência editorial em uma das mais antigas e renomadas revistas brasileiras de nossa área foi uma honra e, ao mesmo tempo, um enorme desafio, pois não havia - e ainda não há em muitos lugares - formação para a carreira de editor. Aprendia-se - e ainda se aprende - a ser editor de revista no exercício da função, portanto, os desafios que Silvana e eu assumimos eram enormes, pois, para

ela, a função também era uma novidade. Tanto para Silvana quanto para mim, o fato de estarmos dividindo as responsabilidades na tarefa editorial, nos deixava mais seguros, já que, naquela época, o trabalho era mais artesanal e tínhamos à disposição apenas um secretário, um orientando de mestrado da Silvana, em nosso Programa de Pós-graduação (PPG), para a organização de todo o processo.

A título de exemplo sobre o quão artesanal era o processo de funcionamento das revistas brasileiras, naquela época, o momento no qual se “tomava posse” como editor da *RBCE* era quando se “buscava a revista” na instituição onde atuava o predecessor. Em nosso caso, tomamos posse quando fomos a Campinas buscar o acervo da *RBCE*, que, basicamente, eram os números impressos, os manuscritos em papel e os velhos disquetes, nos quais estava registrada a história da revista. Dá para imaginar que toda a documentação de uma revista do porte da *RBCE* ficava armazenada em disquetes e um volume gigantesco de papéis? Quando comecei nesse processo de editoração de revistas, as submissões dos artigos eram feitas por correio convencional, com os textos encaminhados em papel impresso e acompanhados de disquete, para que fosse possível fazer a editoração do material. A *RBCE* operava por meio de dossiês específicos para cada fascículo, o que nos levava a eleger temáticas para cada número e a solicitar a submissão de artigos dentro do escopo daquela temática. Não havia, portanto, fluxo contínuo, era necessário pensar e divulgar as temáticas com alguma antecedência para que pudessemos ter um volume de artigos suficiente para operacionalizar a avaliação

de número mínimo de artigos para publicação de cada um dos quatro fascículos da *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*.

Nosso mandato na *RBCE* terminou em 2008. E dada a experiência acumulada, já naquele mesmo ano fui convidado, pelos colegas Marco Paulo Stigger e Vicente Molina Neto, para atuar na *Movimento*. Lá comecei como editor de seção, desempenhando as funções que hoje correspondem às do editor executivo; depois assumi a função de editor adjunto; e, em dezembro de 2012, assumi a função de editor chefe, quando o colega Marco Paulo Stigger saiu para o seu estágio pós-doutoral em Paris.

2) Quais os principais desafios encontrados nessa trajetória de editoração científica na área de educação física, considerando os elementos históricos políticos da área como um campo de produção de conhecimento científico?

A questão mais complicada, no início, era dar conta de todo um procedimento editorial na era analógica, muito centrado no papel, baseado na comunicação por *e-mail*, e até mesmo por correio convencional. O volume de artigos era muito menor, evidentemente, mas o trabalho era muito maior. Uma equipe muito pequena, sem financiamento constante, e uma revista em que predominava a versão impressa. As revistas impressas demandavam um trabalho muito pesado, por parte de toda a equipe, pois tinha todo um processo de revisão da parte gráfica. Seguiu para uma gráfica, para fazer todo o procedimento de organização e editoração, para depois ir

para a impressão final. Era muito trabalhoso, e sempre havia o risco de algo sair com algum tipo de erro, e, por ser impresso, havia pouca margem de manobra para qualquer retificação. Só por meio de errata, o que gerava trabalho extra.

Apesar de termos evoluído muito, no processo de profissionalização das revistas, dá para afirmar que o trabalho editorial da maior parte das revistas nacionais ainda hoje tem traços de semiprofissional; em alguns casos, é quase amador, pois depende muito do trabalho voluntário de professores, técnicos e estudantes de graduação e pós-graduação. Evidentemente, revistas como a *RBCE*, a *Movimento*, a *Revista Brasileira de Medicina do Esporte*, *Revista de Cineantropometria e Desenvolvimento Humano*, a revista *Motriz*, a *Pensar a Prática*, já adquiriram um *status* profissional, mas, mesmo assim, não deixam de contar com o trabalho dedicado e voluntário de muitos colegas nossos que abraçam essas revistas, bem como dos avaliadores *ad hoc*. É um trabalho que, por exemplo, não tem uma determinada carga horária específica dos docentes/pesquisadores que se dedicam à editoria, pelo menos no caso da maioria das universidades federais. Também não é comum ter financiamento externo, principalmente hoje em dia, o que nos leva a buscar uma série de outros recursos para sustentar a revista, além de tentar viabilizar uma série de solicitações de apoio para contar com mais pessoas no desenvolvimento do trabalho. No caso da *Movimento*, por exemplo, temos colegas da biblioteca da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança, que trabalham para a revista, e isso não chega a se

configurar como uma função formal a ser desempenhada pelas colegas envolvidas, pois, muitas vezes, não é vista nem mesmo como uma função específica do profissional bibliotecário. Esse tipo de situação pode ser, a longo prazo, um complicador para a sequência do trabalho na revista, pois, quando alguém se aposenta, e quem assume não tem o mesmo perfil, o trabalho fica prejudicado. Felizmente, dada a tradição e o prestígio da *Movimento* dentro da UFRGS, várias colegas bibliotecárias têm se interessado pelo trabalho de editoração de revistas. A profissionalização dos serviços, portanto, é um desafio para revistas como a *Movimento*, especialmente diante de um cenário de incertezas que se apresenta para o serviço público federal no atual governo.

3) Que dispositivos de gestão editorial fundam a sua experiência em revistas científicas? Qual é o suporte institucional (incentivos financeiros, recursos humanos) necessário para a consolidação de uma revista científica de qualidade reconhecida?

No que se refere à questão do financiamento, tivemos um forte retrocesso em função da política adotada pelo novo governo federal, que assumiu em janeiro de 2019. Esse governo demonstra ser frontalmente contra a produção do conhecimento científico, por conseguinte, contra a divulgação científica, especialmente oriunda das universidades públicas federais. Essa política de confronto reflete-se numa série de questões, como a ausência de editais voltados ao financiamento específico para a editoração científica; a dificuldade na distribuição de bolsas; a escassez de concursos públicos; etc. A título de

exemplo, quando a revista *Movimento* adquiriu prestígio internacional, e passou a ocupar uma posição destacada nos *rankings* nacionais, passou a contar com projetos de financiamento de vários setores públicos, como o Ministério do Esporte, num primeiro momento; o [Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico] CNPq e a [Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior] Capes, nos últimos anos. Era possível manter toda a produção da revista por um ano, às vezes quase dois, com os recursos concedidos. Contudo, tínhamos de renovar o projeto todos os anos, para contar com esse tipo de financiamento.

No primeiro semestre de 2018, dada a dificuldade de captação de recursos via editais, começamos a discutir alternativas para assegurar a qualidade da publicação e continuar atendendo aos requisitos mínimos para manutenção das revistas nas bases de dados internacionais em que hoje se encontra. Para tanto, optamos pela cobrança de uma taxa de processamento dos artigos submetidos. Foram várias reuniões com a Comissão Editorial, e uma delas, inclusive, contou com os editores eméritos, para que pudéssemos “bater o martelo” com relação à cobrança e à modelagem de taxa. Depois de várias proposições, consideramos que a modelagem ideal seria a cobrança da taxa de submissão.

Cabe esclarecer que uma revista sempre tem um custo a ser coberto. Se não há financiamento público, esse custo é pago pelo autor, ou pelo leitor. Então, para evitar a cobrança do leitor, que seria contrário ao princípio do acesso livre ao qual estamos fortemente vinculados e, ao mesmo tempo, incentivar a submissão responsável, passamos a cobrar uma taxa

de submissão a partir de 1º de setembro de 2018. Se voltarmos a receber financiamento público das agências de fomento, muito provavelmente deixaremos de cobrar ou teremos uma taxa meramente simbólica. Por enquanto, acreditamos que a cobrança no momento da submissão é uma forma mais justa de financiamento coletivo. Há revistas que cobram entre R\$ 800,00 a R\$1.500,00 dos autores, quando o trabalho é aceito, mas não cobram nada para submeter. No caso dessas revistas, todo o processo de avaliação, de todos os manuscritos submetidos, passa a ser financiado somente pelos autores que têm seus artigos aceitos. E há revistas que cobram taxa de submissão e de aceite, o que onera demasiadamente o autor. Então, julgamos que o mais justo é a cobrança somente de uma taxa de submissão.

Existem muitas críticas à cobrança pela submissão, e a maioria está centrada no fato de que o trabalho submetido pode não vir a ser aceito. Também somos autores e entendemos bem esse tipo de crítica, mas é preciso ter claro, no momento em que se submete um artigo na *Movimento*, que a taxa é cobrada pela submissão, e não pela aceitação do artigo. E quando se submete um manuscrito à avaliação de uma revista como a *Movimento*, o percentual de rejeição é de mais de 50% dos manuscritos submetidos, apenas no ano de 2019. Em que pesem as controvérsias, a taxa cobrada é uma espécie de financiamento coletivo de um patrimônio científico-cultural da Educação Física brasileira.

A *Movimento* é uma revista vinculada a uma universidade pública, que divulga a produção de conhecimento dos campos sociocultural e pedagógico da Educação Física, e que hoje figura nas

mais importantes bases de dados internacionais. Provavelmente, pouca gente saiba, mas, desde 2009, a revista tem sido anualmente avaliada pelo Journal Citation Report (JCR) - Web of Science (WoS), e é a única revista brasileira da Educação Física e dos Esportes (EFE) a constar na divisão Social Science Citation Edition (SSCI) dessa renomada base de dados internacional. Em consulta realizada no mês novembro de 2019, na plataforma JCR-SSCI-WoS, entre os 3.381 periódicos lá cadastrados e avaliados, há 47 periódicos diretamente ligados ao campo da EFE; 24 deles baseados nos Estados Unidos da América (EUA); 14, na Inglaterra; dois, na Holanda; e um em cada um dos seguintes países: Alemanha, África do Sul, Brasil, China, Croácia, Espanha e Itália. Desse total, 44 publicam artigos exclusivamente na língua inglesa, inclusive aqueles países nos quais o inglês não é a língua oficial. A *Movimento* destaca-se tanto por ser a única revista brasileira na JCR-SSCI-WoS quanto por ser a única nessa base de dados que aceita submissões nos quatro principais idiomas falados no continente americano: português, espanhol, inglês e francês.

Houve muito investimento para que a revista *Movimento* chegasse nesse patamar, e nesse período de escassez de investimento público precisamos encontrar outras possibilidades de financiamento, para manter o padrão da revista. Nossa missão, nesse momento histórico, é encontrar alternativas para preservar esse patrimônio e deixar um legado positivo às próximas gerações.

No que se refere aos recursos humanos, temos um diferencial, quando comparados às demais revistas nacionais. Conforme mencionado, temos um corpo

de pessoas ligadas à biblioteca da UFRGS; estudiosas do campo da Ciência da Informação; que são as bibliotecárias diretamente envolvidas com a produção da revista. Inclusive, a editora adjunta é uma bibliotecária que fez o mestrado em Ciências da Informação, e depois o doutorado em nosso PPG em Ciências do Movimento Humano da UFRGS, que é a Ivone Job, uma bibliotecária com doutorado em nossa área e hoje editora adjunta da revista, uma raridade no mundo da editoração científica no campo da EFE. Apesar de já estar aposentada, ela faz questão de seguir atuando na revista e tem nos dado um suporte muito importante, e desde muito tempo. Com seu trabalho, ajudou a convencer os diferentes setores da nossa escola de que a editoração de revistas é um dos nichos da Biblioteconomia, e que, portanto, nossa universidade, e mais especificamente nossa escola, precisava apostar na biblioteca como suporte fundamental para a operacionalidade da revista. É bem provável que a *Movimento* seja uma das únicas revistas que tem uma sala exclusiva dentro de uma biblioteca. Isso faz uma diferença muito grande, não apenas pelo fator material, mas também pelo simbolismo. Em função do pioneirismo da Ivone, hoje contamos com outra colega bibliotecária, a Ana Cristina Griebler, que atua na biblioteca da [Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança] Esefid/UFRGS, e abraçou a revista muito em função desse trabalho inicial da Ivone. Ana é outra colega que desenvolve um trabalho extraordinário em várias áreas da revista, e hoje está à frente da editoria de texto.

É interessante notar que muitas pessoas que conhecem a revista, que leem

os artigos, e até mesmo submetem manuscritos, não fazem ideia do volume de trabalho que há no que chamamos de “cozinha” da *Movimento*. Depois que um manuscrito é submetido, um longo e complexo processo se inicia, mobilizando um número considerável de colegas e recursos. A primeira tarefa é analisar se o manuscrito cumpre, ou não, todas as normas da revista, e, como são muitas, várias pessoas se envolvem nessa checagem. Essa é uma tarefa destinada aos editores executivos. Se estiver tudo certo com as normas, encaminham então o manuscrito para a editoria de seção; senão, a autoria é informada de que é necessário ajustar alguma coisa. Não é necessário fazer uma nova submissão, mas a autoria precisa deixar tudo pronto para seguir adiante. Também temos hoje vários colegas trabalhando como editores de seção, dado o volume de manuscritos recebidos, pois, antes da cobrança da taxa, chegou a bater na casa dos cem artigos por mês, algo humanamente impossível de processar. Para trabalhar dentro das nossas possibilidades, ainda antes de implantarmos a cobrança de taxa, estabelecemos a seguinte regra: no máximo duas submissões simultâneas por autor/coautor. Essa simples regra, que ainda permanece, levou à diminuição no volume de submissões. A distorção no processo fazia com que toda a estrutura da revista fosse acionada para avaliar cinco, seis, às vezes, sete artigos de uma mesma autoria. Não fazia o menor sentido! A partir da adoção dessa regra, havendo dois manuscritos em avaliação de um mesmo autor/coautor, o manuscrito recém-submetido era arquivado e só poderia ser novamente submetido assim que uma decisão final sobre um dos dois

manuscritos em avaliação já tivesse sido tomada.

Essa ideia surgiu quando estava desenvolvendo um projeto durante o período em que atuei como professor visitante na FKPE, na UofT. O projeto tinha por objetivo analisar o processo de consolidação de revistas científicas líderes na área da EFE indexadas na Web of Science (WoS), mais especificamente, na Social Science Citation Edition (SSIE), e como essas revistas lidavam com as demandas implícitas para aumentar seu fator de impacto e o aumento da submissão de artigos originalmente escritos por autores que não têm o inglês como primeira língua. Entrevistei dez editores de 47 revistas do campo da EFE, à época, indexadas na SSIE. Um deles, durante a entrevista, comentou que sua revista havia adotado como regra avaliar somente um artigo, de um determinado autor/coautor, por vez, ou seja, se já houvesse outro manuscrito do mesmo autor/coautor em processo de avaliação, a nova submissão não seria levada em conta. Considerei essa decisão muito justa; simples e genial, e aplicável aos casos das revistas brasileiras que recebiam um volume extraordinário de submissões. Só que, para adaptar à realidade da revista *Movimento*, precisávamos fazer um ajuste, pois a submissão limitada a um único manuscrito por autor/coautor não seria adequada, devido ao tempo necessário para o encerramento do ciclo de avaliação de um manuscrito. Por isso, decidimos limitar a dois manuscritos em avaliação simultânea.

Antes, havíamos adotado outro tipo de limitação. Não me lembro exatamente o ano em que passamos a seguir a regra de publicar apenas dois artigos, por ano, de um mesmo autor/coautor. Ainda hoje,

seguimos essa regra, mas o fato de, naquela época, não termos colocado uma trava para o número de submissões por autor/coautor, acabamos produzindo um acúmulo de manuscritos em avaliação, pois não podíamos dar vazão aos já aprovados, que ultrapassavam o limite imposto. Tivemos um caso emblemático, e que nos serve de exemplo, sobre a importância da limitação do número de submissões. Certa vez, um colega submeteu cinco manuscritos de uma só vez, e quase todos foram aprovados no espaço de um ano. Como era necessário aplicar a regra dos dois artigos por autor/coautor, por ano, tivemos que represar a publicação de três deles, assim, o último dos trabalhos aprovados veio a ser publicado quase três anos depois de submetido, o que é muito ruim para todos os envolvidos. Ao adotar a regra da submissão simultânea de apenas dois manuscritos por autor/coautor, corrigimos esse tipo de distorção. Contudo, só foi possível sentir os efeitos da equalização de ambas as regras em 2019, já que tínhamos manuscritos aprovados antes da efetiva implantação dessa regra.

Além da equipe da *Movimento*, que pertence aos quadros da UFRGS, outra marca que considero importante destacar é o fato de contarmos com colegas de fora da Esefid/UFRGS no trabalho de apoio. Além do Edwin Alexander Cañon-Buitrago, que é professor da Universidad de la República do Uruguay (Udelar), e também atua na Editoria Executiva, já passaram - e muitos ainda atuam - pela editoria de seção, colegas de outras instituições de dentro e fora do Brasil, como é o caso de Edison Jesus Manoel (Universidade de São Paulo - USP); Santiago Pich (Universidade Federal de

Santa Catarina - UFSC); Leandro Forell (Universidade Estadual do Rio Grande do Sul - UERGS); Ileana Wenzel (Universidade Federal do Espírito Santo - Ufes); Humberto Luis de Cesaro (IFSC); Giliane Dessbesell (Secretaria de Educação de Porto Alegre); Felipe Quintão Almeida (Ufes); Mark Norman (UofT); Guilherme Nothen (Secretaria do Esporte e Lazer/DF). Colegas de mais alta qualidade profissional e pessoal, que demonstraram alto grau de comprometimento com o processo editorial; pessoas com as quais mantemos uma relação extraordinária, e a quem podemos recorrer e confiar. Além desse grupo, temos também o Conselho Editorial da revista, que está passando por uma renovação, justamente neste ano em que a revista completa 25 anos de história. Enviamos convites, e já recebemos respostas, de colegas de várias partes do Brasil e do mundo, tanto para permanecerem quanto para se juntarem ao nosso Conselho Editorial. Quais foram os critérios que adotamos para fazer tais convites? Como somos uma revista brasileira com boa projeção internacional, e que aceita manuscritos nos quatro principais idiomas falados no continente americano, decidimos convidar colegas de vários cantos do mundo, mas tendo como objetivo principal aumentar o número de colegas do continente americano, sem deixar de fora colegas de outros continentes, que mantêm forte diálogo com as temáticas veiculadas pela *Movimento*. Com base nesse critério, agregamos colegas dos seguintes países do continente americano: Argentina, Uruguai, Colômbia, Chile, Canadá, além de colegas de países europeus, como Alemanha, Bélgica, Dinamarca, Espanha, Itália, Portugal. Da Oceania, contamos com um

colega, que é professor na Victoria University, em Melbourne, Austrália. A ideia de convidar um número maior de pessoas ligadas a países latino-americanos, está atrelada a um movimento que começamos a fazer quando a revista completou 20 anos. Naquela ocasião, lançamos um número especial intitulado Por uma Sociologia Pública do Esporte nas Américas: Conquistas, Desafios e Agendas Emergentes, e tivemos como editores convidados o professor Peter Donnelly (University of Toronto, Canada) e a professora Angela Aisenstein (Universidad de Luján, Argentina). No artigo que escrevemos em parceria, intitulado Por uma Sociologia Pública do Esporte nas Américas: um Chamado Editorial em prol de uma Educação Física Socialmente Relevante, escrito originalmente em três idiomas (inglês, espanhol e português), apontávamos que uma das nossas metas era “trilhar um processo de internacionalização com os ‘pés’ no território latino-americano e o ‘olhar’ na divulgação de pesquisas engajadas e socialmente relevantes para o continente” (DONNELLY; FRAGA; AISENSTEIN, 2014, p. 12). Nossa intenção, com aquele número, era reforçar o elo com os povos latino-americanos, processo que havia sido iniciado muito timidamente no ano de 2000, com o lançamento da seção Mercosul, no volume 6, número 13, mas que foi extinta apenas dois anos mais tarde.

Desde o lançamento do número especial comemorativo aos 20 anos da *Movimento*, temos procurado reatar os laços acadêmicos com colegas mundo afora, mas tendo como mote a maior atenção aos dilemas que afetam os povos latino-americanos, algo que nos últimos

tempos tem sido cada vez mais importante. É interessante observar que todos aqueles e aquelas que foram convidados/as recentemente para compor o Conselho Editorial, disseram estar honrados/as e orgulhosos/as com a lembrança e o convite, algo que evidentemente nos reconforta e anima para a sequência do trabalho. A partir desse tipo de retorno, começamos a perceber o impacto positivo da revista na comunidade não só brasileira, o que aumenta ainda mais a nossa responsabilidade. Cremos que um dos motivos para o impacto positivo entre colegas de países tão diferentes é o fato de a *Movimento* ser uma revista multilíngue, que aceita submissões em quatro idiomas: português, inglês, espanhol e francês, apesar de ainda não termos conseguido captar artigos nesse último idioma.

Enfim, há 25 anos temos conseguido agregar um grupo de pessoas de vários cantos do mundo em torno de uma revista que nasceu e segue vinculada à Esefid/UFRGS, o que nos permite dizer que a *Movimento* ultrapassou, e muito, os limites da nossa instituição. E isso se deve, certamente, à dedicação dos editores precursores da revista, o professor Marco Paulo Stigger, que, além de primeiro editor, foi também o criador da revista; o professor Vicente Molina Neto; o professor Jorge Luiz de Souza; e a professora Silvana Vilodre Goellner. Os quatro hoje compõem o quadro dos editores chefes eméritos.

De modo particular, e para encerrar esta longa resposta, uma das marcas que fundam minha experiência como editor chefe da *Movimento*, e que faço questão de salientar para os meus alunos de graduação e pós-graduação, é o fato de que, logo nos primórdios da revista, no tempo em que os

editores corriam atrás dos artigos para publicar, tive o privilégio de ter um artigo publicado de minha autoria no volume dois, número 3, de 1995, ou seja, no segundo ano da *Movimento*. O artigo se intitula *Concepções de Gênero nas Práticas Corporais de Adolescentes*, e nele analiso as relações de gênero em turmas de Educação Física da então 8ª série de uma escola pública municipal de Cachoeirinha, região metropolitana de Porto Alegre, na qual dei aulas regularmente entre os anos de 1991 até 1998, ano em que assumi uma vaga de professor no Departamento de Educação Física da Universidade Federal do Paraná. Gosto de salientar esse artigo pelo fato de que o publiquei numa época na qual os artigos não eram objetos acadêmicos tão valiosos; uma época na qual só se publicava quando se tinha algo a dizer para uma dada comunidade de leitores. No caso específico, tinha algo a dizer sobre o trabalho que fazia no chão de uma escola municipal, lugar que muitos de nossos alunos e nossas alunas de graduação ainda resistem em estar. Esse trabalho serviu de base para o projeto de mestrado que desenvolvi, entre 1996 e 1998, no PPG em Educação da UFRGS, e que deu origem a uma série de acontecimentos que me levaram a ser, hoje, professor da Esefid/UFRGS. Por isso, gosto muito de ver nos registros do meu primeiro artigo a menção “professor da Rede Municipal de Ensino Cachoeirinha”, publicado justamente na revista da qual sou hoje o editor chefe. Sei que é bastante inusitado, mas procuro usar esse episódio como inspiração para quem está começando a se aventurar no mundo acadêmico.

4) Como você percebe a nova parametrização de avaliação do atual

Qualis-Capes no que se refere à sustentabilidade das revistas na área de Educação Física e quais os desafios emergentes para uma assunção nesses referentes de qualidade? Que adequações e ações são necessárias em tempos de desinvestimentos e ameaças à Ciência no Brasil?

Esse é um tema que daria cinco dias de conversa. Esse problema relacionado ao Qualis-Periódicos vem se agravando, ao longo dos últimos anos, pois o princípio da avaliação, em nosso modo de ver, está equivocado. De acordo com o que consta na página oficial da Capes, na internet, o Qualis-Periódico “é uma ferramenta usada para classificar a produção científica dos programas de pós-graduação no que se refere aos artigos publicados em periódicos científicos”. É um princípio fundamentalmente baseado em um modelo matemático, no qual prevalece o Fator de Impacto (FI) da JCR como critério distintivo para aferição da qualidade de um periódico, e não na avaliação da qualidade do produto em si; no caso, o artigo.

Tal modelo é adotado no Brasil pela necessidade, manifestada em documentos oficiais da Capes, de discriminar e estratificar a produção dos docentes permanentes de PPGs. Apesar de haver uma série de itens que compõe o sistema de avaliação dos PPGs, o peso maior tem sido para o item publicação em revistas científicas. A cada quatro anos, os programas são avaliados e recebem uma nota dentro de uma escala que, até o momento em que concedo esta entrevista, varia entre um e sete. Os programas com melhores escores recebem mais recursos, ou seja, a discriminação existe, grosso modo, para estabelecer um critério de

distribuição dos cada vez mais escassos recursos públicos para financiamento de pesquisas.

Independentemente do objetivo final deste sistema de avaliação, que é em si bastante questionável, no que se refere ao processo de avaliação que resulta na elaboração dos critérios Qualis-Periódicos, a avaliação centrada em indicativos de mensuração de impacto tende a ser muito superficial, pois, por meio de ferramentas desta natureza, é possível avaliar, por exemplo, apenas a quantidade de vezes que uma revista é citada, e não o artigo que está ou será nela publicado. Uma revista pode ter um fator de impacto bastante elevado, em função de um grupo de artigos ter sido muito citado, em determinado período de tempo, mas isso não significa que os outros artigos tenham (ou venham a ter) a mesma *performance*. A injustiça desse sistema está no fato de que, tanto os autores do grupo de artigos com alta citação quanto os do conjunto de artigos com baixa citação, pelo simples fato de estarem publicados na mesma revista, receberão a mesma pontuação, dentro do sistema de avaliação da pós-graduação no Brasil. Além disso, ao privilegiar o FI, ou ferramentas de mensuração similares, não é levado em conta que o impacto de um trabalho na área das humanidades não pode ser comparado, por exemplo, com outro das ciências exatas, pois são muito diferentes. Outro ponto a destacar é que se deixa de avaliar a singularidade de cada artigo dentro de uma mesma área de conhecimento, e quanto esse artigo de fato contribui para o avanço das pesquisas naquela área. Por isso, em vez de usar ferramentas de mensuração de revistas para avaliar os artigos nelas publicados, é

preciso buscar critérios que permitam avaliar o que é um trabalho de qualidade em cada área. Por exemplo, o que é um trabalho de qualidade de Artes Visuais? O que é um trabalho de qualidade na área de Agronomia? O que é um trabalho de qualidade nas subáreas sociocultural e pedagógica da Educação Física? E na subárea biodinâmica? É muito difícil precisar, certamente, mas não será por meio de um modelo matemático que se chegará a um consenso, pelo contrário, temos visto, a cada quadriênio, que o processo de valorização das revistas por meio do FI tem levado a uma série de distorções, tanto no processo de produção quanto no de divulgação do conhecimento; e o prejuízo tem sido sempre muito maior para quem produz/divulga nas áreas das Ciências Sociais, das Humanidades e das Artes, que baseiam sua produção em teorias e metodologias qualitativas, portanto, mais artesanais. Recentemente, circulou uma lista com a nova classificação de periódicos, a partir de uma nova lógica que a Capes pretende - ou pretendia, não sabemos ainda - lançar para a avaliação ao final deste quadriênio. Nessa lista, que, de acordo com os comunicados disponibilizados no *website* da Capes não é oficial - alguns afirmam que sequer existe -, a lógica dos estratos, bem como a pontuação atribuída, tornou o processo de avaliação das revistas ainda mais incongruente. Tomando como base essa tal lista com o Qualis-Periódicos, que deverá ser único para todas as áreas, as revistas vinculadas à área 21 mudaram radicalmente de posição, e as revistas brasileiras foram condenadas ao segundo escalão do *ranking*. Os critérios não estão claros, e dada a repercussão negativa, houve recuo. Agora, tem se dito por aí que

não houve autorização para a circulação daquela lista, portanto, não teria qualquer validade. Logo que tomei conhecimento dessa nova classificação, disse a alguns colegas mais próximos que se o objetivo dos coordenadores de área na Capes era unificar o Qualis-Periódicos, para aumentar o rigor na avaliação, a lista que estava circulando seria uma prova cabal de que falharam redondamente na adoção de critérios. Vamos aguardar os desdobramentos.

Mesmo que aquela lista não venha a ser referendada, ao final do quadriênio, é preciso estar muito atento aos efeitos do movimento de unificação do Qualis-Periódicos, com base num modelo matemático. Parece não haver dúvidas de que está em curso uma supervalorização de um modo de fazer e divulgar ciência, que é bem mais afeito à subárea biodinâmica em nosso campo de atuação. Portanto, a classificação de revistas é mais uma forma, e das mais eficientes, de serem estabelecidas supremacias de uma área sobre a outra; de fazer crer que determinada forma de se produzir ciência tem mais valor do que outra. É isso que está no fundo dessa disputa pelo Qualis-Periódico único, que de único só tem a posição no estrato que uma dada revista ocupa, que agora vai de A1 a A4, e de B1 a B5, pois a classificação das revistas no Qualis-Periódicos continua sendo definida pelos critérios internos dos comitês de consultores de cada área de avaliação.

É difícil entender, num primeiro momento, mas a diferença em relação ao Qualis-Periódico anterior (ou melhor, o vigente) é que uma revista avaliada como A1 pela área “mãe” será considerada A1 por todas as demais áreas. E esse foi o ponto central para a deflagração de uma

forte disputa entre as áreas na Capes, porque dá para imaginar que áreas tradicionalmente hegemônicas, como a Medicina, teriam grande dificuldade em acolher uma revista classificada como A1 proveniente das áreas-mãe Educação ou Artes. Antes de a Capes decidir adotar o Qualis-Periódicos único, uma mesma revista poderia aparecer como A1 na Educação e B5 na Medicina, o que, aliás, era bem comum, pois cada área tinha autonomia para definir a posição de uma revista, independentemente do fato de essa revista constar ou não no Qualis de outra área. Então, como dá para perceber, a definição do Qualis-Periódicos unificado levou à disputa pela definição de um critério único a ser aplicado transversalmente em todas as áreas, prevalecendo a adoção de um modelo matemático. Na minha singela opinião, esse modelo adotado no fundo não apenas classifica as revistas, mas indiretamente também as áreas de conhecimento, ou seja, a aplicação desse critério único não resultaria apenas em uma lista de revistas A e B, mas na classificação de áreas de conhecimento em A e B. Por isso, penso que é fundamental um posicionamento muito firme, bem como a apresentação de critérios alternativos bem consistentes, por parte das áreas mais prejudicadas.

Outro ponto absolutamente importante de ser levado em consideração nesse processo de reorganização dos critérios, e que também precisa ser enfrentado pelos coordenadores das áreas mais prejudicadas, é a desvalorização da língua portuguesa como forma de comunicação científica. Minha opinião sobre esse assunto está centrada em uma experiência muito marcante, na minha vida acadêmica, que foi ter atuado de março de

2017 a fevereiro de 2018 como professor visitante na Universidade de Toronto, no Canadá. Durante esse período por lá, pude constatar, especialmente em conversas com os colegas das subáreas sociocultural e pedagógica, bem como com editores de revistas de língua inglesa dessas mesmas subáreas, que o mais importante no processo de comunicação científica é ter algo a comunicar à comunidade acadêmica da qual fazem parte, algo que é absolutamente básico no processo de divulgação científica. Por isso, o número de revistas científicas nas quais os pesquisadores anglófonos submetem seus manuscritos é muito menor do que nós, pesquisadores brasileiros, submetemos. Aqui, em função da lógica absurda da definição de notas dos programas no que se refere à publicação estar baseada na mediana auferida ao final do quadriênio, os docentes credenciados são praticamente obrigados a enviar sua produção a várias revistas para aumentar o potencial de artigos publicados e, assim, ganhar pontos suficientes - coisa que só sabem ao final do quadriênio -, para se manter na condição de credenciados. O volume de submissões por parte de docentes nessa condição, ou por parte daqueles que almejam chegar lá, aumentou consideravelmente, o que tem afetado a capacidade de processamento dos manuscritos por parte das revistas nacionais, levando a outro efeito colateral: ao aumento no número de artigos traduzidos e submetidos para revistas de língua inglesa.

Obviamente, há trabalhos realizados no Brasil que têm potencial para atrair o interesse de pesquisadores estrangeiros, e, nesses casos, sim, é importante tentar publicar em língua

inglesa e fazer o trabalho chegar a um maior número de leitores, pois a língua inglesa tem um potencial de alcance realmente muito maior. O problema é quando a publicação em inglês se torna regra praticamente compulsória, assim como é no Brasil, o que acaba impondo tremenda desvantagem para quem não tem inglês como primeira língua. É interessante notar de que modo os pesquisadores do mundo anglo-saxão veem essa questão. Peter Donnelly, professor da Universidade de Toronto, que foi editor de duas das mais importantes revistas da área da Sociologia do Esporte, chamou a atenção, em 2004, em um editorial publicado na *International Review for the Sociology of Sport*, para o fato de que há um custo étnico a ser pago por quem publica numa outra língua, que vai muito além do custo econômico. Por exemplo, há um custo a ser pago para se posicionar no debate específico de um dado assunto que circula majoritariamente em língua inglesa, pois, no processo de tradução de uma língua para outra, há perdas consideráveis de boa parte daquilo que foi pensado e expresso na língua nativa, principalmente nas áreas das humanidades e nas Ciências Sociais, nas quais a elaboração de conceitos, o uso de metáforas, a necessidade do bom manejo da narrativa, a captação de nuances de significado são cruciais no processo de produção e comunicação. Não se trata, portanto, de um simples processo de tradução de uma língua para outra, e sim de um processo de “transcrição”, o que resulta praticamente em um novo trabalho, cujo custo é sempre maior do que a despesa financeira final.

Então, já vislumbrando esse cenário, a revista *Movimento* definiu sua

política editorial internacional de um modo muito singular em relação a esse tema. Não deixaremos de publicar artigos em língua inglesa, pois essa é uma das exigências das bases de dados internacionais nas quais estamos indexados, mas, como já comentei em uma das respostas anteriores, vamos aceitar submissões em qualquer um dos quatro principais idiomas falados no continente americano: português, espanhol, inglês e francês. Dessa forma, não deixamos de valorizar o que é um dos maiores patrimônios do povo brasileiro, que é a língua portuguesa e, ao mesmo tempo, nos posicionamos geograficamente no cenário internacional como uma revista articulada às questões que afetam os demais países do continente, em especial os latino-americanos. Acreditamos que, desse modo, conseguimos sinalizar mais claramente para os nossos autores/leitores o tipo de produção que interessa à revista publicar, para que, com base nessas premissas, tenhamos mais visibilidade e reconhecimento. Obviamente, vamos seguir dialogando com os critérios impostos pelas agências de fomento, comitês de avaliação e, fundamentalmente, as bases de dados, ou seja, vamos jogar dentro das regras do jogo, mas mantendo a independência editorial e a crítica às injustiças produzidas pelo sistema de avaliação vigente no Brasil.

Por fim, cabe destacar, ainda, que considero muito importante construir uma frente de trabalho com os demais editores das revistas de EFE para buscar saídas coletivas a desafios comuns que vamos enfrentar nos próximos anos. Tivemos um encontro de editores muito interessante, durante a programação do Conbrace deste ano, ocorrido em setembro, na cidade de

Natal/RN. A pauta principal foi a famigerada e já comentada nova lista do Qualis-Periódicos da Capes e as perspectivas quanto ao enfrentamento da progressiva desvalorização das revistas nacionais. Naquele encontro, combinamos de fazer outro, que será em Porto Alegre, entre os dias 28 e 29 de novembro deste ano. Estamos chamando de Fórum de Editores de Periódicos Científicos de Educação Física, e será realizado nas dependências da Esefid/UFRGS, com a celebração dos 25 anos da Movimento. Esperamos contar com um número considerável de colegas que vem escrevendo a história da publicação científica em nossa área, especialmente os colegas editores responsáveis por revistas como a *RBCE*, a *Motrivivência*, a *Revista Brasileira de Cineantropometria e Desenvolvimento Humano*, a *Revista Brasileira de Ciência e Movimento Humano*, a *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, a *Pensar a Prática*, a *Revista Brasileira de Atividade Física e Saúde*, a *Licere*, a *Revista Brasileira de Estudos do Lazer* e outras tantas que têm recém-começado a se aventurar no trabalho com editoração científica no Brasil, como é o caso da *Revista de Educação Física, Saúde e Esporte (Refise)*. São revistas que, independentemente de seu escopo, vêm apostando na qualificação do processo editorial não apenas para receber mais artigos de qualidade de pesquisadores e professores daqui, como também preservar esse patrimônio científico-cultural nacional

5) Como a *Refise* pode contribuir para a produção do conhecimento científico na área de Educação Física na Região Nordeste no sentido da

“(des)colonização”, uma vez que temos maior ênfase territorial no campo da pesquisa - Grupos de pesquisa, Programa de Pós-Graduação, revistas reconhecidas -, nas Regiões Sul-Sudeste?

É uma excelente questão. É muito interessante analisar esse fenômeno do surgimento de revistas em diferentes cantos do Brasil, apesar dos pesares. E o caso da *Refise*, pelo que vocês já me relataram, é muito interessante e singular, e vou comentar na sequência da resposta.

De modo geral, o problema a ser enfrentado pelas revistas que começam a aparecer na cena editorial brasileira na era Qualis-Periódicos é se manter regular, ou seja, ter artigos suficientes para manter a publicação dos números dentro do cronograma estabelecido. E para uma revista manter a regularidade da publicação, é preciso ter capacidade de atração de artigos interessantes, o que exige dos editores muita dedicação no processo de construção de uma identidade editorial que posicione o periódico num dado nicho dentro do contexto nacional. Para tanto, algumas perguntas-chave devem ser feitas por quem pretende se apresentar nesse cenário: que tipo de produção acadêmico-científica a revista pretende acolher e veicular? Como esse novo projeto se articula e, fundamentalmente, distingue-se dos projetos de revistas já consolidadas na mesma área? De que modo o escopo da revista pode ser suficientemente atrativo e, assim, conquistar autores/leitores identificados com as temáticas que a revista veicula? No Brasil, o índice de revistas que surgem e desaparecem é bastante significativo; não disponho de dados para afirmar com precisão quantas

já fecharam as portas, mas muito provavelmente as revistas que abriram, e depois de certo tempo fecharam, eram aquelas cujo projeto não foi concebido, ou ao menos abraçado, pela instituição na qual o periódico está atrelado. O começo é sempre muito difícil, a revista *Movimento*, por exemplo, apesar de ser outra época, levou quase dois anos para publicar o seu primeiro número, tanto por não haver o hábito de se publicar em revistas científicas quanto pelo fato de ser desconhecida do grande público. Além disso, assim como outras tantas que surgiram antes, ou na mesma época, a *Movimento* começou como uma revista guarda-chuva, ou seja, aceitando manuscritos de todos os temas possíveis da Educação Física. E assim foi até 2003, quando passou a publicar somente artigos provenientes das subáreas sociocultural e pedagógica.

Em função do elevado número de revistas ativas nos dias de hoje, um periódico precisa deixar muito claro qual é o seu escopo. E quanto mais específico, melhor para o seu posicionamento entre os demais da mesma área de abrangência. Apenas para se ter uma ideia, há uma revista editada nos Estados Unidos da América, chamada *Field Methods*, que publica somente artigos sobre processos de produção e análise de dados de pesquisas qualitativas, e há muito a ser publicado dentro desse campo bem específico, apesar de parecer exatamente o contrário. Outro exemplo de escopo específico, entre tantos possíveis, é da revista chamada *Postcolonial Studies*, vinculada ao The Institute of Postcolonial Studies, localizado em Melbourne, Austrália. Esse periódico dedica-se à temática dos efeitos da colonização majoritariamente dentro da

perspectiva dos estudos culturais, mas que também aceita artigos sobre decolonização (ou descolonização), tema que parece estar de algum modo relacionado ao foco da *Refise*. Quando uma revista se especializa em um assunto, é interessante observar que o conjunto de autores/leitores passa a reconhecê-la como vinculada àquele assunto, o que leva à maior captação de artigos de interesse, sem contar o fato de que facilita até mesmo o processo de captação de pareceristas. Assim, o periódico aumenta sua capacidade de contribuição ao campo científico.

No caso da *Refise*, parece-me implícito, nesta última pergunta, que vocês estão interessados em divulgar pesquisas em Educação Física que tenham a Região Nordeste do Brasil como ponto geográfico de referência e o tema da (des)colonização como elemento articulador dos trabalhos a serem submetidos. Se for assim, creio que vocês acertaram em cheio na estratégia. É algo realmente inovador. Se vocês tiverem a oportunidade de fazer um mapeamento sobre o que já tem produzido sobre esse tema na região, talvez esse venha a ser um diferencial não apenas para os pesquisadores situados no Nordeste, mas para os pesquisadores do Brasil inteiro. Se esse for realmente o caminho, talvez vocês possam lançar um número especial sobre, por exemplo, “a produção nordestina a partir da perspectiva da descolonização em relação à Região Sul-Sudeste”, ou algo nessa linha. Certamente, demarcaria o território de produção da revista, bem como atrairia muita gente espalhada pelo Brasil que estuda o tema.

Como todo começo, e dada a realidade brasileira, muito provavelmente a revista vai ter por um certo tempo um número reduzido de artigos, pois é

possível que ainda não haja número suficiente de pesquisadores produzindo nessa interface temática, mas uma das funções de uma revista é também a indução de temas importantes a serem pesquisados em dada área. A comunidade existe para que você possa dialogar com ela. Não se trata de publicar apenas os temas já estabelecidos, mas também de provocar o debate de temas emergentes. É a função, por exemplo, dos dossiês específicos em revistas já consolidadas. Demanda-se um tema específico e este passa a ser estudado/pesquisado pela comunidade. A revista funciona, nesse caso específico, como mediadora do diálogo entre os membros dessa comunidade acadêmica. E essa estratégia

pode muito bem ser usada para fazer com que a política editorial de uma revista galgue mais espaço no cenário editorial e reforce ainda mais sua identificação com um dado tema e determinada região. Portanto, o fato de não ter muita gente pesquisando sobre o assunto pode até ser um ponto positivo para a revista, tudo depende da capacidade de posicionamento e articulação institucional para mobilizar recursos humanos e financeiros, tanto internamente quanto em associação com outras instituições. O fato é que a *Refise* começa em sintonia com os temas contemporâneos na Educação Física, já demarca um lugar nesse cenário, ou seja, já nasce como uma revista promissora.

Entrevista concedida em 24 de outubro de 2019, na Cidade de Fortaleza/CE.

REFERÊNCIAS

CAPES. Disponível em: <https://capes.gov.br/avaliacao/instrumentos-de-apoio/qualis-periodicos-e-classificacao-de-producao-intelectual>. Acesso em: 10 nov. 2019.

DONNELLY, Peter. Editorial. *International Review for the Sociology of Sport*, v. 39, n. 1, p. 5–6, 2004.

DONNELLY, Peter; FRAGA, Alex Branco; AISENSTEIN, Angela. Por uma sociologia pública do esporte nas Américas: um chamado editorial em prol de uma educação física socialmente relevante. **Movimento**, v. 20, p. 9-20, 2014.

FRAGA, Alex Branco. Concepções de gênero nas práticas corporais de adolescentes. **Movimento** (Esefid/UFRGS), v. 2, n. 3, p. 35-41, 1995.

CREDENCIAIS DOS ENTREVISTADORES

¹Samara Moura Barreto de Abreu

Doutoranda em Educação no Programa de Pós Graduação em Educação pela Universidade Estadual do Ceará (PPGE UECE). Mestre em Educação formada no mesmo programa - PPGE UECE, com área de concentração em formação de professores(2015). Especialista em Educação Física Escolar pela Universidade Cândido Mendes(2013). Graduação em Educação Física pela Universidade Estadual do Ceará (2007).

E-mail: samaraef@hotmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8989448843028647>

²Braulio Nogueira de Oliveira

Possui título de licenciatura plena em Educação Física pela Universidade Estadual do Ceará. Especialização em Saúde do Idoso pela Universidade Estadual do Ceará. Especialização em caráter de Residência Multiprofissional em Saúde da Família - EFSFVS. Mestrado acadêmico em Saúde Coletiva pelo Programa de Pós-graduação em Saúde Coletiva (PPSAC-UECE). Atualmente é doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

E-mail: brauliono08@hotmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6972021620191039>

ARTIGO ORIGINAL

A PRODUÇÃO CIENTÍFICA EM HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA
BRASILEIRA COM BASE NOS GRUPOS DE PESQUISA/CNPQMaria Luselma de Sousa¹Ariza Maria Rocha²

RESUMO

Este artigo objetiva conhecer a produção histórica dos Grupos de Pesquisa da Educação Física com ênfase à História e à Memória da Educação Física brasileira, a partir do Diretório de Grupos de Pesquisa – Plataforma Lattes – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Tem como apoio teórico-metodológico Hayashi e Ferreira Junior (2010) e Paiva (2004). A metodologia consistiu em levantamento bibliográfico da produção histórica. Por esse caminho, recorreu-se aos documentos disponibilizados no banco de dados de uso e acesso público do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. A busca utilizou o tempo de atuação e a produção científica que envolviam levantamentos e pesquisas bibliográficas como descritores; como critério de inclusão, selecionaram-se apenas os Grupos Ativos existentes na plataforma. Os resultados obtidos foram: 412 grupos, dos quais apenas 19 abordavam os estudos de registros históricos da área. Quanto à produção nos periódicos *Qualis*, dos 772 títulos, 40 receberam artigos completos. Observou-se um crescimento do estudo histórico e da memória em diferentes regiões no período de 1996 a 2015. Referente à produção científica, elencaram-se dois grupos, a saber: a) História e Memória do Esporte; e b) História e Memória de Atletas e Professores de Ginástica, Educação Física, Lazer e Instituições Educativas. Tal pesquisa revela a contribuição dos Grupos de Pesquisa no estudo da História e Memória da Educação Física no Brasil.

Palavras-chave: Diretório de Grupo de Pesquisa – CNPq. Educação Física. Produção Científica.

THE SCIENTIFIC PRODUCTION IN HISTORY OF BRAZILIAN PHYSICAL
EDUCATION BASED ON RESEARCH GROUPS / CNPQ

ABSTRACT

This article aims to know the historical production of Physical Education Research Groups with emphasis on History and the Memory of Brazilian Physical Education, based on the DGP, “CNPq’s lattes platform”. Our theoretical-methodological support, Hayashi and Ferreira Junior (2010) and Paiva (2004). The methodology consisted of a bibliographical survey of historical production. In this way, we use the documents available in the database of public use and access of the CNPq. The search used the time of action and the scientific production that involved surveys and bibliographical research as descriptors and as inclusion criterion we selected only the Active Groups existing in the Platform. The results obtained were: 412 groups, only 19 address the studies of historical records of the area. As for production in the *Qualis* journals, of the 772 titles, 40 received complete articles. We observed a growth of historical study and memory in different regions in the period from 1996 to 2015. According to the scientific production, we list two groups, namely: a) History

and Memory of Sport; b) History and Memory of Athletes and Teachers of Gymnastics, Physical Education, Leisure and Educational Institutions. Such research reveals the contribution of research groups in the study of the History and Memory of Physical Education in Brazil.

Keywords: Research Group Directory - CNPq. PE. Scientific production.

1 INTRODUÇÃO

O crescimento quantitativo e qualitativo dos estudos na área da Educação Física tem ocorrido substancialmente nas últimas décadas. Diante desse fato, cabe perguntar: o que se tem produzido nos Grupos de Pesquisa (GPs) voltados para a área da História e Memória da Educação Física na base de dados do Diretório dos Grupos de Pesquisa (DGP)¹ do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq)?

Eis o ponto de partida para traçarmos os objetivos de pesquisa realizada em 2016 por ocasião do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) em Educação Física na Universidade Regional do Cariri (Urca), a qual aqui apresentaremos em poucas páginas, fazendo um recorte do referido trabalho com o objetivo principal de conhecer a produção histórica dos GPs na área da Educação Física no período de 2005 a 2015.

A respeito da temática, Hayashi e Ferreira Junior (2010) serviram de exemplo para tal investigação. Os autores apresentam o panorama das produções científicas na base censitária de 2004 do DGP/CNPq utilizando os métodos bibliométricos e cientométricos. Além dos autores, recorremos a estudiosos que contemplam o conhecimento histórico da Educação Física em suas obras, como Chaves (2005), Le Goff (1990), Paiva (2004), entre outros.

Partimos da base de dados do DGP da Plataforma Lattes do CNPq. A coleta de dados ocorreu por meio de consulta parametrizada na base corrente do DGP a partir do descritor “História e Memória da Educação Física” e da realização do último Censo do DGP/2014. Posteriormente mapeamos os Grupos de Pesquisa e suas produções científicas adotando os seguintes critérios de inclusão: a) ser artigo completo publicado em periódico *Qualis/Capes*; e b) ter o descritor “História e/ou Memória da Educação Física”.

Por esse caminho, recorremos aos documentos disponibilizados no banco de dados de uso e acesso público do CNPq. A busca utilizou o tempo de atuação e a produção científica que envolviam levantamentos e pesquisas bibliográficas; como descritores e como critério de inclusão, selecionamos apenas os Grupos Ativos existentes na Plataforma do CNPq, já que era inviável identificar os grupos excluídos.

O texto, além desta Introdução, está dividido em três outras seções: 1) Os Grupos de Pesquisa em Educação Física no Brasil cadastrados no CNPq; 2) A Produção *Qualis* dos Grupos

¹ Esclarecemos que: “O Grupo de Pesquisa é definido como um conjunto de indivíduos organizados hierarquicamente em torno de uma ou, eventualmente, duas lideranças: [...] cujo fundamento organizador dessa hierarquia é a experiência, o destaque e a liderança no terreno científico ou tecnológico; no qual existe envolvimento profissional e permanente com a atividade de pesquisa; cujo trabalho se organiza em torno de linhas comuns de pesquisa [...]; e que, em algum grau, compartilham instalações e equipamentos [...]” (BRASIL, 2002, s.p.).

de Pesquisa em História da Educação Física; e3) Conclusão. Acreditamos que o texto somará no conhecimento das produções científicas com enfoque na História da Educação Física brasileira e no acompanhamento da pesquisa produzida na referida área, revelando a contribuição dos GPs no estudo da História e Memória da Educação Física no Brasil.

2 OS GRUPOS DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO FÍSICA NO BRASIL CADASTRADOS NO CNPQ

Criado em 1951 por meio da Lei n.1.210, oCNPq é um órgão vinculado ao Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações (MCTIC) que tem o importante papel de fomentar a pesquisa científica e a inovação para o desenvolvimento da ciência e da tecnologia brasileira. Com esse propósito, foram implementados alguns instrumentos para estruturar a ciência produzidano país, por exemplo, a criação do GP no CNPq constituído por um conjunto de indivíduos organizados hierarquicamente em torno de uma ou duas lideranças, em que a hierarquia se fundamenta na experiência, destaque e liderança no terreno científico à pesquisa.

Assim, as informações referentes aos grupos – como identificação, localização, recursos humanos, linhas de pesquisa, atuação, projetos, produção científica, tecnológica e artística dos participantes–alimentam continuamenteo DGP,que disponibiliza a base de dados ao público².Outro instrumento utilizado é o Currículo Lattes no fomento à Plataforma Lattes e à base de dados do DGPno CNPq.Diante do exposto, realizamos o levantamento dos GPsem História da Educação Física brasileira,que, no ano de 2015, contava com 412 grupos cadastrados no DGP do CNPq (BRASIL, 2015)distribuídos da seguinte forma:Sudeste (145 GPs), Sul (109 GPs), Nordeste (97 GPs), Centro-Oeste (41GPs) e Norte (20GPs).

Retrocedendo ao ano de 2014, embora os números sejam outros, a realidade da pesquisa na referida área ainda predomina na região Sul e Sudeste³. Outro registro extraído da

² O CNPq explica que“O Diretório possui duas bases distintas: uma Base Corrente e uma Base Censitária. A Base Corrente é a base onde os grupos são registrados no dia adia. Por isso mesmo, diariamente osnúmeros dessa base se modificam, pois grupos novos são adicionados, grupos não mais ativos são excluídos. É, assim, uma base de atualização contínua. De dois em dois anos, o CNPq tira uma fotografia da base corrente e prepara um Censo, formando a Base Censitária. Deste modo, a base censitária é fixa e seus números refletem a situação naquela data em que foi fotografada. O Censo mostra números trabalhados e consolidados pelas mais diversas variáveis” (BRASIL, 2002, s.p.).

³ Hayashi e Ferreira Junior (2010, p. 175) explicitam que:“As regiões Sul e Sudeste apresentam a maior concentração dos grupos de pesquisa em ‘História da Educação’, com 58 e 20 grupos, respectivamente, totalizando 72,2%. Os 30 demais grupos de pesquisa (27,8%) estão distribuídos nas regiões Nordeste, Centro-Oeste e Norte e parecem coincidir com a distribuição dos 83 Programas de Pós-Graduação em Educação existentes no país, dos quais 62 (74,6%) localizam-se nas regiões Sul e Sudeste, enquanto que os outros 21

base de dados no Diretório de Pesquisa do CNPq diz respeito às áreas de conhecimento divididas em: Ciências da Saúde; Ciências Humanas; Ciências Exatas e da Terra; Ciências Biológicas; Ciências Agrárias; Ciências Sociais Aplicadas; Linguísticas; Letras e Artes; e Engenharias. Nesse contexto, diferentes estudos voltados para a Educação Física transitam nas Ciências da Saúde (70%), Ciências Humanas (26%) e dispersos (4%).

Ressaltamos que nas Ciências Humanas está o predomínio do estudo histórico, com 19 GPs. Tal dado corrobora os resultados obtidos na base censitária de 2004 do DGP/CNPq dos pesquisadores Hayashi e Ferreira Junior (2010). Apesar da diferença numérica, os autores explicam que: “Na grande área de Ciências Humanas, a área de Educação é majoritária, com 89,6% dos grupos, seguida pela História, com 8,3%, e Sociologia, com 2,1%” (HAYASHI; FERREIRA JUNIOR, 2010, p.175).

Enfatizamos que o predomínio das pesquisas da Educação Física nas Ciências da Saúde justifica-se pelas raízes históricas da *gymnastica*, da Educação *Physica* e das atividades físico-esportivas associadas às práticas de saúde que tiveram como berço as diretrizes dos higienistas e eugenistas. Prosseguindo na identificação do perfil dos GPs, apresentaremos os dados gerais dos 19 GPs no site do CNPq, tais como: nome do grupo, ano de formação, nome do primeiro líder com título de doutor, vínculo institucional, total de publicação (artigo completo) e número de publicações nos periódicos *Qualis/Capes*.

Destacamos que em comum os GPs possuem o objetivo de se aprofundar no estudo histórico, formar pesquisadores e divulgar o conhecimento da área. Desse modo, apresentamos os referidos grupos adiante.

Quadro1 -Perfil dos Grupos de Pesquisa em História da Educação Física

(continua)

	GRUPO	ANO	LÍDER	VÍNCULO INSTITUCIONAL	TOTAL DE PUBLICAÇÃO (Artigo completo)	PERIÓDICOS QUALIS /CAPES
1	Laboratório de Estudos em Educação Física (LeseF)	1996	Prof. Dr. Felipe Quintão de Almeida	Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes)	46	33
2	Grupo de Estudos Socioculturais, Históricos e Pedagógicos da Educação Física	1998	Prof. Dr. Mauro Betti	Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP)	56	27

(25,4%) programas estão situados nas regiões Nordeste, Centro-Oeste e Norte. Estes dados confirmam que a atividade de pesquisa no país está fortemente vinculada à pós-graduação”.

Quadro1 - Perfil dos Grupos de Pesquisa em História da Educação Física

(continuação)

	GRUPO	ANO	LÍDER	VÍNCULO INSTITUCIONAL	TOTAL DE PUBLICAÇÃO (Artigo completo)	PERIÓDICOS QUALIS /CAPES
3	Grupo de Estudos e Pesquisas em História da Educação Física e do Esporte (Gephefe)	2002	Prof. Dr. Luís Carlos Lira	Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF)	21	6
4	Grupo de Estudos sobre Esporte, Cultura e História (Grecco)	2002	Profa. Dra. Silvana VilodreGoellner	Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)	121	64
5	Grupo Educação Física Escolar, Esporte e Sociedade	2004	Prof. Dr. Aldo Antônio de Azevedo	Universidade de Brasília (UnB)	12	4
6	Núcleo de Pesquisa, Estudo e Extensão em Educação Física (NUPEF)	2004	Profa. Dra. Ariza Maria Rocha	Universidade Regional do Cariri (Urca)	10	1
7	Núcleo de História do Esporte, Lazer e Educação Física	2005	Prof. Dr. Edison Francisco Valente	Faculdade Estácio de Alagoas (Estácio FAL)	6	0
8	Núcleo de Estudos em História do Esporte e da Educação Física (Nehme)	2005	Profa. Dra. Janice ZarpellonMazo,	Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)	103	59
9	Grupo de Estudo e Pesquisa das Artes Circenses (Circus)	2005	Prof. Dr. Marco Antônio Coelho Bortoleto	Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)	50	24
10	Centro de Estudos sobre Memória da Educação Física (Cemef)	2008	Profa. Dra. MeilyAssbúLinhaes	Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)	10	4
11	Grupo de Pesquisa em Educação do Corpo, Práticas Corporais Institucionalizadas, Educação Física e Esporte (Hápax)	2009	Prof. Dr. Douglas da Cunha Dias	Universidade Federal do Pará (UFPA)	2	0
12	Proteoria - Instituto de Pesquisa em Educação e Educação Física	2009	Prof. Dr. Amarílio Ferreira Neto	Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes)	67	43
13	Grupo de Estudos e Pesquisas em Pedagogia do Esporte e Movimento	2010	Prof. Dr. Rafael Castro Kocian	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais (Ifsuldeminas)	28	14
14	Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação Física Escolar	2011	Profa. Dra. Isabel Porto Filgueiras	Universidade Presbiteriana Mackenzie (Mackenzie)	7	5

Quadro1 -Perfil dos Grupos de Pesquisa em História da Educação Física

(conclusão)

	GRUPO	ANO	LÍDER	VÍNCULO INSTITUCIONAL	TOTAL DE PUBLICAÇÃO (Artigo completo)	PERIÓDICOS QUALIS /CAPES
15	Experiências Inovadoras na Formação de Professores e Prática Pedagógica em Educação Física (Ressignificar)	2011	Profa. Dra. Marta Genú Soares	Universidade do Estado do Pará (UEP)	14	2
16	Grupo de Estudos, Pesquisa e Extensão em Educação, Educação Física, Esporte e Sociedade (Gepefes)	2012	Prof. Dr. Itamar Silva de Sousa	Universidade do Estado da Bahia (Uneb)	0	0
17	Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação Física Escolar (Gepefe)	2013	Prof. Dr. José Carlos Rodrigues Júnior	Universidade Adventista de São Paulo (Unasp)	5	2
18	Epikos - Grupo de Pesquisa em História da Educação Física	2014	Prof. Dr. Haroldo Moraes de Figueiredo	Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)	3	0
19	Grupo de Pesquisa em História do Corpo, da Educação Física e dos Esportes	2015	Prof. Dr. Roberto CamargosMalcher Kanitz	Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG)	1	0

Fonte: Autoria própria (2018).

A partir desses dados, traçamos um panorama da formação dos GPs com apoio teórico no pensamento de Melo (1999) sobre as três fases da produção histórica na área: a primeira fase foi marcada por uma produção nacional escassa, em que predominavam livros de outros países, contudo realçamos as obras de Azevedo (1960) e Bonorino et al. (1931). Nesse período inicial, por volta do ano de 1996, ocorreu o certame dos Jogos Olímpicos, o que influenciou a produção de livros dessa natureza, bem como de livros comemorativos de Clubes Recreativos e Esportivos. A segunda fase caracterizou-se pelo crescimento dos estudos histórico-descritivos. Nesse cenário, enfatizamos as obras de Inezil Penna Marinho. A terceira fase, após a década de 1980, representou o período em que a Educação Física se questionou e questionou a história na visão crítica e marxista.

Nesse contexto, emergiram os GPs diante dos frutos do crescimento da pesquisa, produção, debates e eventos científicos na área; assim, pelos anos de criação expostos no Quadro 1, compreendemos o período histórico do surgimento e da formação dos GPs. Mas qual o retrato da produção científica *Qualis* dos GPs? Com apoio do censo de 2014, acessamos os Currículos Lattes dos líderes dos GPs e os apresentaremos na próxima seção.

3 A PRODUÇÃO QUALISDOS GRUPOS DE PESQUISA EM HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA

Primeiramente precisamos prestar alguns esclarecimentos sobre o Portal de Periódicos do CNPq, que completou 18 anos no cenário científico do país. Essa “porta virtual” reúne e disponibiliza os conteúdos direcionados à pós-graduação e à pesquisa, tais como: informações, serviços, acervos, treinamentos, materiais didáticos aos usuários e parceiros da comunidade científica nacional e internacionalmente.

Ao longo desses anos, o Portal, que inicialmente foi criado no intuito de apoiar os cursos de pós-graduação através de “[...] programa para bibliotecas de Instituições de Ensino Superior, [que cresceu][...] e consolidou-se como uma das maiores bibliotecas virtuais do mundo” (CAPES, 2015, s.p.)⁴. Da enorme quantidade do acervo, emerge a necessidade de acompanhar e avaliar a produção científica, tanto para zelar pela qualidade como também para apoiar as agências de financiamento à pesquisa, surgindo, assim, o Qualis⁵, um “[...] conjunto de procedimentos utilizados pela Capes para estratificação da qualidade da produção intelectual dos programas de pós-graduação” (CAPES, 2009, s.p.).

Pelo Qualis, as revistas, livros, anais, editoras e eventos científicos são classificados em estratos indicativos de qualidade, alimentando a Coleta de Dados/Capes com a lista classificatória da produção científica realizada nos programas de pós-graduação. Retornando à Educação Física, encontramos 772 títulos classificados no Qualis Periódicos/Capes no ano de 2014. Desse universo, extraímos a relação das principais produções dos 19 GPs mencionados no tópico anterior e as respectivas estratificações de Qualis nos Periódicos/Capes/2014-2015⁶.

⁴ No balanço comemorativo dos 10 anos, o Portal de Periódicos contava com o seguinte acervo: “[...] mais de 24 mil títulos com texto completo, passando de 1.882 periódicos em 2001 para 26.372 em 2010. O número de bases referenciais e de resumos aumentou dez vezes, totalizando 130 bases ao final de 2010. A quantidade de instituições participantes também evoluiu, passando de 72 para 311 nesse período. O Portal de Periódicos disponibiliza conteúdos fundamentais para a pós-graduação e a pesquisa brasileira”.

⁵ Para mais informações sobre o “Qualis”, consultar a página da Capes na Plataforma Sucupira (2015).

⁶ A saber: Qualis A1: *Sport, Education and Society*; Qualis A2: *Movimento* (Porto Alegre. On-line), *Movimento* (UFRGS. Impresso); Qualis B1: *Revista da Educação Física* (UEM. On-line), *Revista da Educação Física* (UEM. Impresso), *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*, *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, *Revista Brasileira de Ciências do Esporte* (On-line), *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, *Motriz: Revista de Educação Física* (On-line); Qualis B2: *Revista Brasileira de Ciência e Movimento*, *Licere: Centro de Estudos de Lazer e Recreação* (On-line), *Motrivivência* (UFG), *Pensar a Prática* (On-line), *Pensar a Prática* (UFG. Impresso), *Revista Brasileira de Atividade Física e Saúde*; Qualis B3: *Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte* (On-line), *Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte* (Mackenzie. Impresso); Qualis B4: *Kinesis* (Santa Maria), *Sociedade e Estado* (UnB. Impresso); Qualis B5: *Apunts. Educación Física y Deportes*, *Atos de Pesquisa em Educação* (Furb), *Educação Física em Revista* (Brasília), *Cadernos de Formação RBCE*, *Cena* (UFRGS), *Cinergis* (Unisc), *Coleção Pesquisa em Educação Física*, *Conexões* (Campinas. On-line), *Corpoconsciência* (São Paulo), *Educação em Revista* (UFMG. Impresso), *Esporte e Sociedade*, *Humanidades*

A relação acima revela a proximidade dos periódicos com os programas de pós-graduação localizados predominantemente nas regiões Sul e Sudeste, com a existência de um grande número de cursos de pós-graduação *lato sensu* em Educação Física Escolar, mestrado e doutorado em Educação Física, sendo consequentemente maior o apoio financeiro das agências fomentadoras de pesquisa, a exemplo do CNPq, Capes e MCTIC.

Frisamos ainda que são Instituições de Ensino Superior (IES) consideradas referências no desenvolvimento dos grupos de estudos e na formação de novos professores-pesquisadores que conciliam o estudo, a pesquisa, o ensino e a extensão. Tal realidade repercute também na produção dos líderes de pesquisa⁷ no período de 1990 a 2006. Ainda a respeito da referida relação, observamos a importante presença da produção em periódicos internacionais, como, por exemplo, com Qualis A1: *Sport, Education and Society* (Paris), Qualis B1: *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto* (Porto, Portugal) e Qualis B5: *Apunts. Educació Física y Deportes* (Catalunha, Espanha), como também a relação com as revistas na área da Educação, a exemplo da *Revista Atos de Pesquisa em Educação*, *Cadernos de Formação RBCE* (Santa Catarina, Brasil), entre outras.

Com base no levantamento realizado dos 40 periódicos citados, encontramos 228 artigos completos publicados, conforme apresentamos no Quadro 1, distribuídos pelo nome do grupo, quantidade de artigos completos publicados e quantidade de publicações em Periódicos/Qualis/Capes. A partir daí, realizamos o levantamento das temáticas voltadas para a “História da Educação Física” dos 19 GPs, já citados anteriormente, e encontramos 48 artigos que atenderam aos seguintes critérios de inclusão: a) ser artigo completo publicado em periódico Qualis/Capes; e b) ter o descritor “História e/ou Memória da Educação Física”. A escolha apoiou-se em estudos de Le Goff (1990).

Nessa perspectiva, organizamos o material encontrado em dois grupos temáticos e os agrupamos de acordo com o número de publicação, a saber: a) História e Memória do Esporte; e b) História e Memória de Atletas e Professores de Ginástica, Educação Física, Lazer e Instituições Educativas. Esclarecemos que não menosprezamos a fragilidade da divisão pela fragilidade entre as fronteiras conceituais dos dois grupos, assim apresentamos aqui apenas uma possibilidade, considerando o trânsito das ideias e as aproximações metodológicas dos artigos analisados.

(Brasília), *Pulsar* (Jundiaí), *Recorde: Revista de História do Esporte*, *Revista Brasileira de Futsal e Futebol*, *Revista Contemporânea de Educação*, *Revista Homium* e *Revista Mineira de Educação Física* (UFV).

⁷ Sobre os critérios para ser o líder do GP: tem que pertencer à instituição do grupo de pesquisa, possuir liderança acadêmica e intelectual no seu ambiente de pesquisa. Coordena e planeja os trabalhos do grupo.

No primeiro grupo, empregamos o sentido de esporte em Melo (2010). Desse modo, a “História e Memória do Esporte” destacou-se com 55,75% das produções científicas⁸. No segundo grupo, apoiamo-nos no Coletivo de Autores (1992) sobre o entendimento da Cultura Corporal que amplia a compreensão de Educação Física. Assim, o grupo “História e Memória de Atletas e Professores de Ginástica, Educação Física, Lazer e Instituições” teve 21,43% das produções científicas⁹. Embora as metodologias sejam diferentes, como, por exemplo, pesquisa documental, bibliográfica, biografia, autobiográfica, história oral e história de vida, os autores tecem a trajetória da área ao longo do tempo, bem como a formação do professor de Educação Física a partir da experiência de vida do atleta, da iniciativa de algumas instituições e de lazer, segundo a docência da primeira sistematização da *gymnastica* à Educação Física.

4 CONCLUSÃO

Ao longo do texto, trouxemos o retrato da produção científica com foco na História da Educação Física a partir do Diretório de Grupo de Pesquisa (DGP) – Plataforma Lattes do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), por meio do qual obtivemos os seguintes dados: 412 grupos, porém apenas 19 abordavam os estudos de registros históricos da área. Quanto à produção nos periódicos Qualis, dos 772 títulos, somente 40 receberam artigos completos. Observamos um crescimento do estudo histórico e da memória distribuído em diferentes regiões brasileiras no período de 1996 a 2015, principalmente no Sudeste do país. Com relação à produção científica, elencamos dois grupos, a saber: a) História e Memória do Esporte; e b) História e Memória de Atletas e Professores de Ginástica, Educação Física, Lazer e Instituições Educativas.

A partir dos dados, verificamos que: a) a produção científica predomina nas regiões Sul e Sudeste, fruto das atividades dos GPs nos programas de pós-graduação; e b) a

⁸ Consultar: Assman e Mazo (2013); Begossi, Carmona e Mazo (2014); Carmona, Martini e Mazo (2014); Cunha e Mazo (2010); Dalsin e Goellner (2006); Frosi e Mazo (2011); Frosi e Mazo (2012); Frosi, Maidana e Mazo (2011); Kilpp, Mazo e Lyra (2010); Ledur, Carmona e Mazo (2013); Maduro, Mazo e Kilpp (2009); Mazo e Gaya (2013); Mazo e Silva (2012); Mazo e Silva (2015); Pereira e Mazo (2014); Pereira, Fernández e Mazo (2010); Pereira, Mazo e Lyra (2010); Pereira, Silva e Mazo (2015); Santos e Goellner (2008); Silva e Mazo (2009); Silva, Pereira e Mazo (2013); Skowronski, Moraes e Mazo (2014); Varnier et al. (2012); Varnier, Gomes e Almeida (2014); e Vicari e Silva (2014).

⁹ Consultar: Cunha Junior (2003); Cunha e Mazo (2011, 2015); Filgueiras (2007); Goellner (2003, 2012); Goellner, Macedo e Silva (2013); Lacerda, Bortoleto e Paoliello (2012); Ledur, Carmona e Mazo (2013); Lima e Linhares (2014); Lyra e Mazo (2010); Macedo, Haas e Goellner (2015); Mazo e Lyra (2010); Mazo e Silva (2012); Mazo, Frosi e Maduro (2012); Muhlen, Natividade e Goellner (2013); Oliveira et al. (2015a, 2015b); Sant’anna e Mazo (2015); e Santos, Bracht e Almeida (2009).

significativa produção na História e Memória do Esporte. Nesse sentido, temos um retrato da produção científica em História da Educação Física brasileira com base nos grupos de pesquisa/CNPq.

REFERÊNCIAS

ASSMANN, Alice Beatriz; MAZO, Janice Zarpellon. As Schützenvereine – Sociedades de Atiradores – de Santa Cruz do Sul: um tiro certo na história do esporte no Rio Grande do Sul. *Esporte e Sociedade*, Rio de Janeiro, v. 7, n.20, p. 122-153, 2012.

ASSMANN, Alice Beatriz; MAZO, Janice Zarpellon. As sociedades de damas atiradoras: pelos caminhos da prática do tiro ao alvo em Santa Cruz do Sul, Rio Grande do Sul. *Revista Educação Física*, Maringá, v. 24, n. 4, p. 567-580, 2013.

AZEVEDO, Fernando de. *Da Educação Física*. O que ela é, o que tem sido e o que deveria ser. 3. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1960.

BEGOSSI, TuanyDefaveri; CARMONA, Eduardo Klein; MAZO, Janice Zarpellon. Um relato histórico do voleibol porto-alegrense:1945 a 1970. *Educação Física em Revista*, Brasília, DF, v. 8, n. 3, p. 52-64, 2014.

BONORINO, Laurentino Lopes et al. *Histórico da Educação Física*. Vitória: Imprensa Oficial, 1931.

BRASIL. *Grupo de Pesquisa*. Brasília, DF: DGP, 2002.

BRASIL. Ministério da Educação. *Plataforma Sucupira*. 2015. Disponível em:<<http://qualis.capes.gov.br/webqualis>>. Acesso em: 27 dez. 2015.

BRASIL. *DataSUS- Departamento de Informática do SUS (Portal da Saúde – DataSUS)*. Disponível em:<<http://www2.datasus.gov.br/>>. Acesso em: 18 abr. 2016.

CALDAS, Maria Aparecida Esteves. *Estudos de revisão de literatura: fundamentação e estratégia metodológica*. São Paulo: Hucitec, 1986.

CARMONA, Eduardo Klein; MARTINI, Sérgio Roberto de Brito; MAZO, Janice Zarpellon. O ensino da esgrima no Rio Grande do Sul: o caso das cidades de Porto Alegre e Pelotas. *Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte*, São Paulo, v. 13, n. 2, p. 162-180, 2014.

CHAVES, Márcia Ferreira. *A produção do conhecimento em Educação Física nos estados do Nordeste (Alagoas, Bahia, Pernambuco e Sergipe), 1982-2004: balanço e perspectivas*. 2005. Pesquisa de pós-doutorado. Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2005.

COLETIVO DE AUTORES. *Metodologia do Ensino da Educação Física*. São Paulo: Cortez, 1992.

- CUNHA JUNIOR, Carlos Fernando Ferreira da. Os exercícios gymnasticos no imperial Collegio de Pedro Segundo (1841-1870). *Revista Brasileira Ciência do Esporte*, Campinas, v. 25, n. 1, p. 69-81, 2003.
- CUNHA, Maria Luisa Oliveira; MAZO, Janice Zarpellon. A criação dos clubs nas praças públicas da cidade de Porto Alegre (1920-1940). *Revista Brasileira Ciência e Esporte*, Florianópolis, v. 32, n. 2-4, p. 123-139, 2010.
- CUNHA, Maria Luisa Oliveira; MAZO, Janice Zarpellon. As demonstrações de Educação Física no Parque Farroupilha em Porto Alegre. *Pensar a Prática*, Goiânia, v. 14, p. 1-13, 2011.
- CUNHA, Maria Luisa Oliveira; MAZO, Janice Zarpellon. Difusão das práticas corporais nas praças públicas da cidade de Porto Alegre (1920-1940). *Revista Educação Física*, Maringá, v. 26, n. 1, p. 79-87, 2015.
- DALSIN, Karine; GOELLNER, Silvana Vilodrer. Elegante esporte da rede: o protagonismo feminino no voleibol gaúcho dos anos 50 e 60. *Movimento*, Porto Alegre, v.12, n. 1, p. 133-152, 2006.
- DANTAS, Mônica Fagundes; MAZO, Janice Zarpellon. O Instituto de Cultura Física de Porto Alegre/RS e suas práticas corporais (1928-1937). *Movimento*, Porto Alegre, v. 19, n. 1, p. 33-53, 2013.
- FILGUEIRAS, Isabel Porto. O portfólio autobiográfico como experiência formativa no curso de licenciatura em Educação Física. *Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte*, São Paulo, v. 6, n. 2, p. 179-184, 2007.
- FROSI, Tiago Oviedo; MAIDANA, Wagner; MAZO, Janice Zarpellon. Os primórdios da prática do wu-shu/kung fu em Porto Alegre, Rio Grande do Sul (décadas de 1970-1990). *Revista da Educação Física*, Maringá, v. 22, n. 3, p. 387-397, 2011.
- FROSI, Tiago Oviedo; MAZO, Janice Zarpellon. O abasileiramento do clube de remo dos italianos em Porto Alegre nas décadas de 1930-1940. *Movimento*, Porto Alegre, v. 18, n. 3, p. 51-71, 2012.
- FROSI, Tiago Oviedo; MAZO, Janice Zarpellon. Repensando a história do karate contada no Brasil. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, São Paulo, v.25, n.2, p.297-312, 2011.
- GOELLNER, Silvana Vilodre. A importância do conhecimento histórico na formação de professores de Educação Física e a desconstrução da História no singular. *Kinesis*, Santa Maria, v. 30, p. 37-55, 2012.
- GOELLNER, Silvana Vilodre. Informação e documentação em esporte, Educação Física e lazer: o papel pedagógico do Centro de Memória do Esporte. *Revista Brasileira Ciência Esporte*, Campinas, v. 25, n. 1, p. 199-207, 2003.
- GOELLNER, Silvana Vilodre et al. Memória e programas sociais de esporte e lazer: o acervo do Programa Segundo Tempo do Repositório Digital do Centro de Memória do Esporte. *Revista Motrivivência*, Florianópolis, v.24, n. 38, p. 89-97, 2012.

GOELLNER, Silvana Vilodre; MACEDO, Christiane Garcia; SILVA, Carina Kaiser Miranda da. Repositório digital do Centro de Memória do Esporte: notas sobre a coleção lazer e recreação. *Licere*, Belo Horizonte, v.16, n.1, p. 1-9, 2013.

HAYASHI, Carlos Roberto Massao; FERREIRA JUNIOR, Amarílio. O campo da História da Educação no Brasil: um estudo baseado nos grupos de pesquisa. *Avaliação*, Campinas, v. 15, v. 3, p. 167-184, 2010.

KILPP, Cecilia; MAZO, Janice; LYRA, Vanessa. Um olhar histórico sobre a emergência dos primeiros clubes esportivos na cidade de Teutônia no Rio Grande do Sul. *Pensar a Prática*, Goiânia, v. 13, p. 1-16, 2010.

LACERDA, Débora Jucá; BORTOLETO, Marco Antonio Coelho; PAOLIELLO, Elizabeth. Grupo Ginástico Unicamp: 22 anos de ginástica geral. *Conexões: Revista da Faculdade de Educação Física da Unicamp*, Campinas, v. 10, n. esp., p. 192-208, 2012.

LEDUR, Josiana Ayala; CARMONA, Eduardo Klein; MAZO, Janice Zarpellon. Karategōjū-ryūno Rio Grande do Sul: revisitando a vida de Akira Taniguchi. *Recorde: Revista de História do Esporte*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 2, p. 1-23, 2013.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas:Unicamp, 1990.

LIMA, Cássia Danielle Monteiro Dias; LINHALES, Meily Assbú. Sujeitos, saberes e práticas em circulação nas Jornadas Internacionais de Educação Física: tessituras e modelagens pedagógicas (Belo Horizonte, 1957-1962). *Movimento*, Porto Alegre, v. 20, n. 4, p. 1499-1521, 2014.

LYRA, Vanessa Bellani; MAZO, Janice Zarpellon. A Escola Superior de Educação Física e o campo da formação de professores do estado sul-rio-grandense: as origens da formação especializada (1869-1929). *Movimento*, Porto Alegre, v. 16, n. esp., p. 37-60, 2010.

MACEDO, Christiane Garcia; GOELLNER, Silvana Vilodre. A primeira formação do conjunto de folclore internacional Os Gaúchos. *Revista Cena*, Porto Alegre, n. 15, p.1-11, 2014.

MACEDO, Christiane Garcia; GOELLNER, Silvana Vilodre. Os estudos biográficos e sua contribuição para a pesquisa em História da Educação Física e esportes no Brasil. *Revista Brasileira de Ciência e Movimento*, Brasília, DF, v. 21, n. 3, p. 157-165, 2013.

MACEDO, Christiane Garcia; HAAS, Aline Nogueira; GOELLNER, Silvana Vilodre. O Método Pilates no Brasil segundo a narrativa de algumas de suas instrutoras pioneiras. *Pensar a Prática*, Goiânia, v. 18, n. 3, p. 571-583, 2015.

MACIEL, Maria Goretti de Lacerda; ROCHA NETO, Ivan. O Qualis periódicos na percepção de um grupo de coordenadores de programas de pós-graduação. *Revista Brasileira de Pós-Graduação*, Brasília, DF, v. 9, n. 18, p. 639-659, 2012.

MADURO, Paula Andreta; MAZO, Janice Zarpellon; KILPP, Cecília E. A participação das mulheres no automobilismo de rua em Porto Alegre: de coadjuvantes a protagonistas. *Revista Brasileira de Ciência e Movimento*, Brasília, DF, v. 17, n. 3, p. 123-129, 2009.

- MAZO, Janice Zarpellon; FROSI, Tiago Oviedo; MADURO, Paula Andreatta. O atleta olímpico brasileiro Willy Seewald: memórias do primeiro recordista nacional do lançamento de dardo. *Revista Brasileira Ciência e Esporte*, Florianópolis, v. 34, n. 3, p. 537-555, 2012.
- MAZO, Janice Zarpellon; GAYA, Adroaldo. As associações desportivas em Porto Alegre, Brasil: espaço de representação da identidade cultural teuto-brasileira. *Revista Portuguesa Ciência Desporto*, Porto, v. 6, n. 2, p. 205-213, 2013.
- MAZO, Janice Zarpellon; LYRA, Vanessa Bellani. Nos rastros da memória de um “Mestre de Ginástica”. *Motriz*, Rio Claro, v.16, n.4, p.967-976, 2010.
- MAZO, Janice Zarpellon; SILVA, Carolina Fernandes da. Uma história das instrumentalidades do esporte no campo do associativismo esportivo em Porto Alegre/RS. *Movimento*, Porto Alegre, v. 21, n. 2, p. 377-389, 2015.
- MAZO, Janice Zarpellon; SILVA, Carolina Fernandes da; FROSI, Tiago Oviedo. A Associação Cristã de Moços e a propagação dos esportes em Porto Alegre. *Kinesis*, Santa Maria, Porto Alegre, v. 30, n. 1, p. 158-173, 2012.
- MELO, Victor Andrade de. Por uma história do conceito esporte: diálogos com Reinhart Koselleck. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Campinas, v. 32, n. 1, p. 41-57, 2010.
- MELO, Victor Andrade de. História da educação física e do esporte no Brasil: panorama, perspectivas e propostas. *Revista Eletrônica de História do Brasil*, Juiz de Fora, v. 1, n. 1, p. 12-31, 1999.
- MUHLEN, Johanna Coelho Von; NATIVIDADE, Daniela; GOELLNER, Silvana Vilodre. Fragmentos da história da ginástica rítmica no Rio Grande do Sul: as primeiras professoras e suas memórias. *Pensar a Prática*, Goiânia, v. 16, n. 1, p. 1-319, 2013.
- OLIVEIRA, Antonio Sergio Francisco et al. Inezil Penna Marinho: lugares e práticas em periódicos da Educação Física. *Movimento*, Porto Alegre, v. 21, n. 3, p. 575-590, 2015a.
- OLIVEIRA, Antônio Sergio Francisco et al. Inezil Penna Marinho: operações historiográficas na Educação Física (1940-1958). *Movimento*, Porto Alegre, v. 21, n. 2, p. 291-302, 2015b.
- PAIVA, Fernanda Simone Lopes de. Notas para pensar a Educação Física a partir do conceito de campo. *Perspectiva*, Florianópolis, v. 22, n. esp., p. 51-82, 2004.
- PEÑA, Zuley Jhojana Duran et al. Mapeamento da produção do conhecimento em Educação e Educação Física no Brasil: uma análise da produção em periódicos Qualis Capes (2009-2014). In: CONCENO, 3., 2010, Castanhal/Belém. *Anais...* Castanhal: Belém: Conceno, 2010. p. 1-6.
- PEREIRA, Ester Liberato; FERNÁNDEZ, Elias Casemiro Dutra; MAZO, Janice Zarpellon. A fundação do primeiro clube de golfe em Porto Alegre. *Cinergis*, Florianópolis, v. 11, n. 2, p. 26-34, 2010.
- PEREIRA, Ester Liberato; MAZO, Janice Zarpellon. A caça à raposa em Porto Alegre - Brasil: uma apropriação cultural. *Recorde: Revista de História do Esporte*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 2, p. 1-23, 2014.

PEREIRA, Ester Liberato; MAZO, Janice Zarpellon; LYRA, Vanessa Bellani. Corridas de cavalo em Cancha Reta em Porto Alegre (1852/1877): uma prática cultural-esportiva sul-rio-grandense. *Revista da Educação Física*, Maringá, v. 21, n. 4, p. 655-666, 2010.

PEREIRA, Ester Liberato; SILVA, Carolina Fernandes da; MAZO, Janice Zarpellon. As primeiras participações de atletas do hipismo sul-rio-grandense em jogos olímpicos. *Revista Brasileira Educação Física*, São Paulo, v. 29, n. 1, p. 47-64, 2015.

PEREIRA, Ester Liberato; SILVA, Carolina Fernandes da; MAZO, Janice Zarpellon. Revista do Globo: as mulheres porto-alegrenses nas práticas equestres. *Motriz*, Rio Claro, v.17, n.2, p.292-302, 2011.

SANT'ANNA, Ricardo Tannhauser; MAZO, Janice Zarpellon. Charrua Rugby Clube: memórias do primeiro clube do rugby Gaúcho. *Revista Kinesis*, Santa Maria, v. 33 n.2, p. 23-40, 2015.

SANTOS, Luís Roberto dos; GOELLNER, Silvana Vilodre. História comparada do esporte: uma contribuição para a historiografia brasileira. *Recorde: Revista de História do Esporte*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 1-8, 2008.

SANTOS, Núbia Zorzanelli dos; BRACHT, Valter; ALMEIDA, Felipe Quintão de. Vida de professores de Educação Física: o pessoal e o profissional no exercício da docência. *Movimento*, Porto Alegre, v. 15, n. 2, p. 141-165, 2009.

SILVA, Carolina Fernandes da; CARMONA, Eduardo Klein; MAZO, Janice Zarpellon. História do ciclismo em Porto Alegre: os altos e baixos de uma prática. *Cinergis*, Santa Cruz do Sul, v. 16, n. 1, p. 39-46, 2015.

SILVA, Cecília Nunes da et al. O esporte na imprensa em Vitória (1926-1936): uma análise dos jornais *A Gazeta* e *O Diário da Manhã*. *Revista Educação Física*, Maringá, v. 23, n. 4, p. 529-541, 2012.

SILVA, Luis Henrique Rolim; MAZO, Janice Zarpellon. A Corrida de Revezamento do Fogo Simbólico da prática em Porto Alegre (1938-1947): estudo sobre a participação dos clubes esportivos. *Movimento*, Porto Alegre, v. 15, n. 4, p. 11-33, 2009.

SILVA, Luis Henrique Rolim; PEREIRA, Ester Liberato; MAZO, Janice Zarpellon. O uso das fontes orais nas pesquisas em História do Esporte: memórias da “Corrida do Fogo Simbólico”. *Cinergis*, Santa Cruz do Sul, v. 14, n. 3, p. 166-171, 2013.

SKOWRONSKI, Marcelo; MORAES, Ronaldo Dreissig de; MAZO, Janice Zarpellon. Grêmio Esportivo Força e Luz: Futebol, Trabalho e História. *Licere*, Belo Horizonte, v.17, n.1, p. 1-22, 2014.

VARNIER, Thacia Ramos et al. A emergência dos clubes esportivos em Vitória. *Esporte e Sociedade*, Niterói, v. 7, n.20, p. 97-121, 2012.

VARNIER, Thacia Ramos; GOMES, Ivan Marcelo; ALMEIDA, Felipe Quintao de. Esporte e nacionalismo em Vitória: uma análise a partir do jornal *A Tribuna*. *Pensar a Prática*, Goiânia, v. 17, p. 156-174, 2014.

VICARIA, Paulo Renato; SILVA, Carolina Fernandes da. Manifestações esportivas nas comemorações do centenário da independência do Brasil (1822-1922) no Rio Grande do Sul. *Pensar a Prática*, Goiânia, v. 17, n. 2, p. 485-502, 2014.

CREDENCIAIS DAS AUTORAS

¹Maria Luselma de Sousa

Pós-Graduada em nível de especialização *lato sensu* em Docência do Ensino Superior (2017.1 - 2018.2) pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia (IFCE), *campus* Cedro, Ceará, e graduada em Educação Física pela Universidade Regional do Cariri (Urca). Integrante do Núcleo de Pesquisa, Estudo e Extensão em Educação Física (Nupef).

E-mail: marialuselma@hotmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1674005931646712>

²Ariza Maria Rocha

Pós-Doutora em História pela Universidade de Lisboa (UL), tendo como agência de fomento a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), doutora em Educação Brasileira pela Universidade Federal do Ceará (UFC), tendo como agência de fomento o Programa de Qualificação Institucional (PQI), em parceria com a UFC, a Urca e a Capes, mestra em Educação Brasileira pela UFC e licenciada em Educação Física Universidade de Fortaleza (Unifor). Docente permanente no Mestrado Profissional em Educação da Urca.

E-mail: ariza.rocha@urca.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3657678560716070>

Recebido em: 19 jul. 2018.

Aprovado em: 26 out. 2018.

ARTIGO ORIGINAL**EDUCAÇÃO FÍSICA E SAÚDE MENTAL: OFICINAS DE PRÁTICAS CORPORAIS
COMO ESTRATÉGIA DE CUIDADO NOS CENTROS DE ATENÇÃO
PSICOSSOCIAL**

Victor Hugo Santos de Castro¹
Samara Moura Barreto de Abreu²

RESUMO

Este estudo incita a problematização sobre o cuidado em saúde mental, na perspectiva da integralidade, no âmbito da intervenção profissional da Educação Física a partir de oficinas de corporeidade. Tem como objetivo cartografar as oficinas de práticas corporais como estratégia de cuidado integral no plano terapêutico da Saúde Mental, situado sobre o território do CAPS Geral e Ad de Eusébio-Ceará. Quanto à metodologia, tratou-se de um estudo de natureza empírica, descritivo, com abordagem qualitativa, cujo método é um relato de experiência atravessado pela disposição cartográfica. A coleta de dados foi realizada através do diário de campo do sujeito-autor (residente de Educação Física), assim como os registros documentais de planejamento e avaliação das oficinas de práticas corporais no cuidado com o usuário dos serviços. A implicação cartográfica circunscreve o modo de planejamento e materialidade das oficinas de práticas corporais, assim como as características de duração, periodicidade e categorias profissionais envolvidas, demarcando também os pressupostos da integralidade em saúde fundados na intervenção do profissional de educação física no escopo da saúde mental. A análise interpretativa dos dados foi realizada através da análise de conteúdo. Verificou-se pela disposição cartográfica que as oficinas de práticas corporais são estratégias potenciais de cuidado do profissional de Educação Física, uma vez que possibilita a integralidade em saúde do usuário, fomenta a democratização deste cuidado, suscita a intervenção multiprofissional, busca a mobilização de metodologias participativas incidindo no coinvestimento dos sujeitos em implicação social colaborativa.

Palavras-chave: Cuidado em saúde mental. Educação Física. Integralidade. Oficinas Corporais.

**PHYSICAL EDUCATION AND MENTAL HEALTH: BODY PRACTICE
WORKSHOPS AS A CARE STRATEGY IN PSYCHOSOCIAL CARE CENTERS****ABSTRACT**

This study incites the problematization of mental health care, from the perspective of comprehensiveness, within the scope of the professional intervention of Physical Education from corporeality workshops. Its objective is to map bodily practices workshops as a strategy of integral care in the therapeutic plan of Mental Health, located on the territory of CAPS Geral and Ad de Eusébio-Ceará. As for the methodology, it was an empirical, descriptive study with a qualitative approach, whose method is an experience report crossed by the cartographic disposition. Data collection was performed through the subject-author's field diary (resident of Physical Education), as well as the documentary records of planning and evaluation of bodily practices workshops in the care of the service user. The cartographic implication circumscribes the planning and materiality of the bodily practices workshops, as well as the characteristics of duration, periodicity and professional categories involved, also

demarcating the assumptions of integrality in health based on the intervention of physical education professionals in the scope of mental health. . Interpretative analysis of the data was performed through content analysis. It was verified by the cartographic disposition that the bodily practices workshops are potential strategies of care of the Physical Education professional, since it allows the integrality in the user's health, promotes the democratization of this care, raises the multidisciplinary intervention, seeks the mobilization of methodologies. focusing on the co-investment of the subjects in collaborative social implication.

Keywords: Mental health care. PE. Integrality. Body Workshops.

1 INTRODUÇÃO

As novas terapias inseridas como forma de tratamento das pessoas com transtornos mentais defendem a inserção social em detrimento do isolamento. Nesse contexto, a saúde mental tem sido apreendida como um potencial campo de trabalho para a Educação Física objetivando amplificar o cuidado do indivíduo (FURTADO *et al.*, 2016).

A convivência com profissionais de diferentes especialidades é rica e de suma importância para as terapias psicossociais, pois possibilita a troca de saberes e reflexões que os submetem a sair de uma visão específica de determinada classe profissional, ampliando a compreensão das problemáticas (MUYLAERT, 2013), sobre a perspectiva da clínica ampliada.

A ação-reflexão dos profissionais de Educação Física e de suas práticas nos Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) compreendem formas de diálogo e de interação na busca por outras estratégias de organizar o cuidado em saúde mental, a reinserção social, a desinstitucionalização e a humanização (GUIMARÃES *et al.*, 2012).

Inúmeras são as possibilidades de intervenção do profissional de Educação Física no âmbito da saúde mental, especificamente, nos Centros de Atenção Psicossocial, como: exercícios resistidos (treinamento de força), exercícios de flexibilidade (alongamentos), exercícios recreativos (jogos e brincadeiras), exercícios esportivos e culturais (esportes, danças, lutas) dentre outros, que compõem as práticas corporais estreitados ao seu conhecimento específico, podendo ser organizadas em forma de oficinas.

As oficinas se constituem estratégias de cuidado, determinadas por cada CAPS, considerando o perfil de seus profissionais e os interesses e necessidades dos usuários, tendo como um de seus objetivos, o desenvolvimento de habilidades corporais em contexto biopsicossocial (BRASIL, 2004).

As atividades que envolvem o cuidado terapêutico são aquelas em que há contato direto com o usuário, podendo ser sistematizadas a partir de planejamentos ou serem

assistemáticas e eventuais, realizadas por um profissional ou por equipes multiprofissionais (FURTADO *et al.*, 2016, p. 1081).

As oficinas proporcionam laços afetivos entre os participantes, promoção da saúde e regressão de processos de adoecimento. A oficina pode, então, constituir-se como uma interessante estratégia de ressocialização comunitária, quando trabalha com práticas implicadas à cultura corporal da comunidade que o usuário faz parte (WACHS *et al.*, 2009).

Além da reinserção social, as oficinas de práticas corporais corroboram com a desinstitucionalização. Segundo Wachs (2008) o movimento que a Educação Física promove no interior da instituição e nos espaços exteriores a esta, age de forma muito significativa para os usuários do CAPS, uma vez que não limita as ações a determinada infraestrutura física. A Educação Física proporciona a circulação, o movimento, a expressão corporal e talvez isso seja uma de suas principais contribuições da área no serviço de saúde mental.

Estando inserido como profissional de Educação Física no contexto da formação em serviço pela Residência Integrada em Saúde (RIS)¹ no Estado do Ceará e no movimento de reflexividade “na e sobre a ação” (SCHÖN, 1992) como profissional no território de Saúde Mental, emerge como dimensão epistêmica a seguinte pergunta de partida, de cunho investigativo para o estudo: de que modo as oficinas de práticas corporais se inserem como estratégia de cuidado integral no plano terapêutico da Saúde Mental?

Portanto, o objetivo deste estudo foi cartografar as oficinas de práticas corporais como estratégia de cuidado integral no plano terapêutico da Saúde Mental, situado sobre o território do CAPS Geral e Ad de Eusébio – CE, localizado na Região Metropolitana de Fortaleza, lócus de formação e investigação dos sujeitos-atores inseridos.

Os objetivos específicos foram: caracterizar as oficinas de práticas corporais desenvolvidas no lócus de intervenção do cuidado em saúde mental; demarcar os pressupostos da integralidade em saúde fundados na intervenção do profissional de educação física no escopo da saúde mental.

Neste sentido, o presente estudo reveste-se sobre uma representação de contributo epistemológico, assim como retroação social aos sujeitos e as políticas de saúde mental, especialmente do território investigado. Portanto, o estudo tem relevância para os profissionais da área da saúde atuantes nos Centros de Atenção Psicossocial, em especial, os

¹ A Residência Integrada em Saúde é um programa de pós-graduação, Lato Sensu, da Escola de Saúde Pública do Ceará (ESP-CE), que se caracteriza pelo processo de ensino e aprendizagem em serviço no Sistema Único de Saúde. Esta possui três componentes a saber: Saúde Coletiva, Hospitalar e Comunitário. Sendo este último subdividido em duas ênfases, Saúde Mental Coletiva e Saúde da Família e Comunidade. As vagas ofertadas, especificamente para a Educação Física, pertencem à ênfase de Saúde Mental Coletiva, do componente comunitário.

profissionais de Educação Física, assim como para a sociedade em geral que futuramente necessite dos serviços, uma vez que este apresenta vivências e experiências que o usuário do CAPS pode ter fora do contexto da doença, através de práticas corporais, que possibilitam qualidade de vida, melhores relações interpessoais e reinserção social.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Trata-se de um estudo de natureza empírica, descritivo, com abordagem qualitativa cujo método é um relato de experiência atravessado pela disposição cartográfica. Nesta disposição “a pesquisa faz-se assim como cartografia do meio em que o pesquisador está mergulhado na produção de mapas referentes aos encontros vividos nesses trajetos e aos afetos e sensações ali produzidas” (LIBERMAN; LIMA, 2015, p.183)

Desse modo, a postura cartográfica foi permeada pela experiência de si significada pela trajetória de formação em serviço, engendrada na Residência Integrada em Saúde por um período de 24 meses, cujo objetivo é corroborar para a consolidação da carreira no âmbito da saúde pública, e, por conseguinte, fortalecimento das redes assistenciais do SUS.

Portanto, a significação desta experiência vivida é tomada como objeto de formação e viés de apreensão da realidade, entendendo que:

[...] a formação experiencial designa a atividade consciente de um sujeito que efetua uma aprendizagem imprevista ou voluntária em termos de competências existenciais (somáticas, afetivas, conscientes), instrumentais ou pragmáticas, explicativas ou compreensivas na ocasião de um acontecimento, de uma situação, de uma atividade que coloca o aprendente em interações consigo mesmo, com os outros, com o meio natural ou com as coisas, num ou em vários registros (JOSSO, 2004, p. 55).

O cenário de intervenção profissional foi o CAPS Geral e CAPSad do município de Eusébio, localizado a 7 km da de Fortaleza, com acessos pela BR-116 ou pela CE-040. Ressalta-se que a residência tem um período de dois anos, os residentes da ênfase em Saúde Mental Coletiva, exercem no primeiro ano, atividades no CAPS Geral e no segundo ano vivenciam o CAPSad.

Caminhou-se sobre um inventário documental realizado através do diário de campo do sujeito-autor (residente de Educação Física), assim como os registros documentais de planejamento e avaliação das oficinas que envolviam as práticas corporais no cuidado com o usuário dos serviços, elencando: Atividades Rítmicas; Alongamento e Relaxamento; e Atividades Aquáticas com Treino de Atividades de Vida Diária (AVDs), realizadas no CAPS

Geral; e grupo de Práticas Corporais implementado no CAPSad. O período de registros foi de agosto de 2015 a fevereiro de 2017 como evidências para o *corpus* de análise frente às categorias de análise da pesquisa.

O diário de campo é um instrumento eficiente no relato de experiência, uma vez que no mesmo:

Podem ser registradas tanto as perspectivas que o pesquisador tem ao iniciar a pesquisa, como as diversas teias que envolvem cada momento, do campo de pesquisa/lócus ao diálogo com os escritos que emergiram das diversas observações (OLIVEIRA, 2014, p. 74).

A análise dos dados foi realizada através da análise de conteúdo, compreendida em três processos, a saber: a pré-análise (leitura e contato com o material de campo); exploração do material (redução textual às expressões significativas); e tratamento dos resultados (relação entre os dados que emergiram na pesquisa e o que se encontra na literatura científica) (MINAYO, 2007).

3 NOTAS DA EXPERIÊNCIA CARTOGRÁFICA

3.1 CARACTERIZAÇÃO DAS OFICINAS: POTENCIALIDADES E DESAFIOS SOBRE A INTEGRALIDADE DO CUIDADO EM SAÚDE MENTAL

As oficinas de práticas corporais foram matizadas através da territorialização em saúde. O processo de territorialização envolve a coleta sistemática de dados que tem por finalidade apontar situações-problemas e necessidades em saúde de uma dada população de um território específico. Por meio dessa estratégia é possível identificar vulnerabilidades e problemas prioritários para as intervenções (GONDIN *et al.*, 2008). De modo subjetivo, também se opera sobre os modos de conhecer as inter-relações sociais que substanciam os modos de ser e viver dos sujeitos em apreensão cultural. O período de territorialização da RIS foi compreendido entre os meses de abril e maio de 2015.

Aproximando o olhar sobre o território do CAPS Geral, no ano de 2015, a partir do mês de maio, as atividades começaram a ser planejadas e apresentadas aos profissionais e coordenação do serviço, sendo implementadas em agosto do referido ano e encerradas em abril de 2016. No segundo ano de Residência, as atividades foram aplicadas no CAPSad, a partir do mês de maio de 2016 e término em fevereiro de 2017.

O desenvolvimento das oficinas buscou incorporar a integralidade do cuidado ao usuário. A integralidade diz respeito ao atendimento integral do indivíduo, garantindo assistência à saúde, que transcenda a prática curativa (BRASIL, 1990). Em suma, o usuário do serviço de saúde, deve ser contemplado em todos os níveis de atenção, considerando as variáveis sociais, familiares e culturais.

Situa-se abaixo a caracterização das oficinas de práticas corporais conforme o território de realização: CAPS Geral e CAPSad, demarcando a periodicidade, a duração, as categorias profissionais envolvidas, assim como as potencialidades e os desafios da execução das mesmas. O trato metodológico seguia a divisão em alongamento/aquecimento, aula propriamente dita e volta a calma. Temas transversais também eram abordados e a avaliação das oficinas era constante, a fim de identificar falhas e corrigi-las.

3.1.1 Oficinas de Práticas Corporais no Território do CAPS Geral

No **Território do CAPS Geral** eram desenvolvidas as oficinas de: Atividades Aquáticas com Treino de AVDs; Atividades rítmicas; e Alongamento e relaxamento.

A oficina de **Atividades Aquáticas com Treino de AVDs** envolvia a Educação Física e a Terapia Ocupacional. Os profissionais, em parceria, desenvolviam intervenções que incluíam aspectos físicos, motores e cognitivos. Este grupo foi criado a partir da necessidade de combate ao sedentarismo dos usuários e das dificuldades por eles apresentadas para a realização de atividade cotidianas, envolvendo higiene pessoal e troca de roupa.

Cada usuário recebeu um convite impresso, destinado à família, informando a necessidade de levar nos dias de prática, roupas para a troca e uma toalha. Os residentes montaram um *kit* individual de higiene pessoal, com xampu e sabonete líquido para os usuários, pois seria inviável solicitar aos mesmos, devido às vulnerabilidades sociais existentes.

Este grupo era realizado, todas as quintas-feiras no turno matutino, nas dependências do CAPSad, que possuía uma piscina, oportunizado pelo diálogo em rede. A realidade apontada, como alternativa à ausência de infraestrutura adequada, conforme nos diz Wachs *et al.* (2009) a falta de recursos físicos com os quais o CAPS não conta para a realização de algumas práticas corporais, pode impulsionar a ocupação de outros espaços da cidade, de outros territórios de cuidado.

O deslocamento era realizado através do carro do CAPS Geral. A aula tinha duração de cinquenta minutos, dividida em alongamento e aquecimento, aula propriamente

dita, volta a calma e momento de tempo livre. Antes e após a aula, os usuários eram acompanhados pela terapeuta ocupacional. Alguns usuários do CAPSad participavam da oficina, por demanda voluntária.

Os desafios desta atividade consistiam: na falta de facilidade de acesso à piscina, pois existiam participantes idosos e obesos, com pouca mobilidade, portanto, necessitavam de estratégias dos residentes, para adentrar o meio líquido com segurança; limpeza da piscina, mesmo sendo pactuado, que no dia mencionado, a atividade seria realizada, por vezes, a piscina estava suja, imprópria para a realização das atividades, o que gerava o desânimo dos usuários. “Essas situações fazem com que os professores tenham que pensar em outras possibilidades caso a estratégia inicial não possa ser concretizada. Frequentemente, as atividades são adaptadas, trocadas ou combinadas com os usuários” (MACHADO *et al.*, 2016). Nestes dias, era aplicado um circuito, envolvendo habilidades motoras básicas, como correr, andar, saltar e estimulação cognitiva.

Quanto às potencialidades, o CAPSad disponibilizava espaguete flutuador ou macarrão de natação para as aulas e os usuários eram assíduos e pontuais na oficina. As atividades aquáticas eram realizadas com músicas, que por vezes, eram solicitadas pelos usuários. As práticas corporais realizadas com música interferem nos estados de ânimo de seus praticantes de forma positiva, tornando-os mais ativos (SENA *et al.*, 2011). A música propicia benefícios psicológicos, elevando a motivação (MOURA *et al.*, 2007). Ao término da aula, os registros da mesma eram feitos nos prontuários dos usuários.

Ao término das atividades, havia uma conversa com os usuários, a fim de obter *feedbacks* sobre a intervenção, alguns mencionavam que momentos tão simples como aquele, revigoravam e que os faziam esquecer os problemas da vida. Outros falavam ainda, que apreciavam a atividade, pois por morarem em zona ribeirinha, gostavam do contato com a água.

Através desta oficina, também era possível perceber, alguns problemas de pele nos usuários, que eram devidamente encaminhados para a profissional de enfermagem do serviço, para que a mesma pudesse tomar as medidas mais adequadas para o cuidado daquele indivíduo. Nesta perspectiva, apoiava-se na ideação do sistema de referência e contrarreferência, como interface da integralidade do cuidado e clínica ampliada.

A oficina de **Atividades rítmicas** era realizada todas as quartas-feiras, pelo turno da manhã. Todos os profissionais residentes, participavam desta atividade, as duas psicólogas, a terapeuta ocupacional, o assistente social e o profissional de educação física.

Segundo Muylaert (2013), não há profissional que trabalhe individualmente em CAPS. O trabalho deve ocorrer constantemente em rede, uma vez que o trabalho em equipes multiprofissionais permite a interação entre diversas áreas de conhecimento, importante para os tratamentos psicossociais. “O cuidado em saúde implica pensar o trabalho em equipe dentro de uma lógica mais abrangente, que demanda investimento coletivo integrado dos diferentes saberes e fazeres em saúde” (FERREIRA *et al.*, 2017, p.3), evidenciando a perspectiva da multiprofissionalidade.

Os ritmos da oficina eram escolhidos pelos participantes, cinco músicas eram coreografadas por aula. Os residentes eram responsáveis por elaborar as coreografias e ensinar o passo a passo para os usuários. Vários ritmos foram abordados, alguns escolhidos pelos próprios participantes, como forró, hip hop, salsa, eletrônico, axé, brega e outros.

A oficina tinha duração de cinquenta minutos, dividida em: alongamento, aula de ritmos e volta a calma. O local de realização era o próprio CAPS Geral. Para esta oficina era recomendado ao usuário a utilização de roupas mais leves e o consumo de água, durante ou após a atividade, era disponibilizado um garrafão para os participantes nas proximidades.

Era priorizado a simplicidade nas coreografias, pois facilitaria o aprendizado dos passos. Enquanto um residente apresentava a música e demonstrava os movimentos, os demais profissionais acompanhavam os usuários que tinham mais dificuldade, a fim de motivá-los. Ressalta-se que algumas músicas, eram livres, o usuário ditava as expressões corporais, dessa forma o conhecimento de vida do usuário seria considerado na prática.

Como a musicalidade era algo presente no cotidiano do usuário, se pensou neste grupo, como uma possibilidade de externar sentimentos, e de trazer a família e a comunidade para um convívio mais próximo do usuário. Apesar dos constantes convites impressos destinados à família, verbais nas salas de espera e nos eventos do território, os familiares e a comunidade resistiam a participar da oficina.

Os esforços para a aproximação da família e da comunidade são essenciais no CAPS. Os cuidados em saúde mental necessitam de espaços terapêuticos diversificados, entre eles, oficinas terapêuticas de criação, expressão e produção e atividades de integração com a comunidade (SCANDOLARA *et al.*, 2009). Ainda se faz necessário o empoderamento social e significação de pertencimento sobre as atividades ofertadas pelas políticas de saúde, como modo de fortalecimento e legitimação dessa existencialidade.

Ao término da atividade, havia uma escuta dos usuários quanto à prática, apontando os melhores momentos, as dificuldades, os benefícios e outros. Em seguida, era realizada a evolução dos prontuários e cada profissional dividia seu olhar sobre a prática e

sobre os usuários, compartilhando as observações da experiência e contribuindo para a melhoria contínua da oficina.

Dentre os relatos registrados no diário de campo, se destaca o desabafo de uma usuária, que durante anos, buscou aderir aos grupos ofertados pelo serviço, mas não obtinha êxito e que havia voltado ao tratamento no serviço, após ter ciência da oficina Atividades Rítmicas, pois a dança era uma das suas paixões.

Os desafios desta oficina eram: o espaço físico, que funcionava de estacionamento, o trânsito de veículo, prejudicava o desenrolar da atividade, por se tratar de um espaço aberto, não protegia contra as intempéries, como sol e chuva. Logo, nos dias chuvosos, era inviável a realização da oficina. As potencialidades eram que o serviço disponibilizava caixa de som e microfone para a execução e adesão dos usuários, participavam em torno de dez usuários por intervenção.

A oficina de **Alongamento e relaxamento** era realizada às segundas-feiras, no turno da manhã. Era um grupo exclusivo da categoria de Educação Física. O grupo era composto de mulheres, idosas, que faziam terapia de grupo, com a psicóloga do serviço. A oficina possuía cinco participantes.

O tipo de atividade, Alongamento e Relaxamento, foi escolhida pelo perfil das usuárias, que tinham dificuldades de postura e flexibilidade. Exercícios de alongamento e relaxamento tem sido utilizado por professores de Educação Física na saúde mental, pois garantem a participação de todos os usuários (ROBLE *et al.*, 2012).

Inicialmente houve uma resistência, por parte das usuárias, pois até o momento, haviam tido contato apenas com profissionais do sexo feminino, mas ao longo das intervenções o vínculo foi fortalecido. As experiências e vivências dos profissionais de Educação Física no CAPS fazem com que o trabalho seja mais consistente dentro da instituição ao longo do tempo, uma vez que o convívio diário com os usuários do serviço potencializa as relações (GUIMARÃES *et al.*, 2012).

Eram desenvolvidas com música, respeitando as limitações das usuárias, algumas já haviam passado por procedimentos cirúrgicos e/ou tinham mobilidade das articulações reduzida. A intervenção tinha duração de cinquenta minutos, dividida em vinte minutos destinados ao alongamento e relaxamento e trinta minutos debatendo aspectos referentes à importância da atividade física, ao consumo de água, ao relacionamento com famílias e amigos, higiene do sono, cidadania, alimentação saudável, dentre outros. A discussão sempre era embasada em fotos e vídeos.

O profissional de Educação Física deve adotar, sempre que possível, novas medidas interventivas, não se resumindo somente a uma simples implantação de programas de atividade física no interior do serviço. Considerar o saber dos usuários é de suma importância para o processo interacional com fomento a interculturalidade e a transversalidade. Assim, não atua em processo de individualidade assim como não se restringe a desempenhar apenas atividades de esportes, ginástica, dança ou outra vinculada a sua especificidade, estando inserido nos serviços para compor uma equipe de saúde multidisciplinar, objetivando a integralidade do cuidado em centros de atenção psicossocial (WACHS, 2009). “O trabalho do professor de Educação Física deve pautar-se em outros referenciais que possibilitem ir ao encontro do que é proposto tanto pelas diretrizes do SUS quanto da atenção à saúde mental” (FURTADO *et al.* 2015, p. 45).

Entre os processos de transversalidade temática, emergiu o debate sobre qualidade do sono, em que as usuárias relataram que o horário recomendado pela Psiquiatra para a ingestão dos medicamentos, afetava o cotidiano, passavam o dia com sono e a noite estavam inquietas. Além disso, uma delas estava sem medicamentos, outras reclamavam da dosagem excessiva e da ineficiência do remédio receitado. Foi solicitado à coordenação do serviço, um atendimento de urgência com a Psiquiatra, a solicitação foi acatada e as usuárias tiveram suas necessidades atendidas.

Esta realidade singulariza a retroação positiva da dialogicidade multiprofissional e sua respeitabilidade, uma vez que um dos maiores desafios do profissional de Educação Física inserido na área de saúde mental foi resistir e erradicar os paradigmas dos profissionais do serviço quanto à sua atuação. Por vezes, fez-se necessária uma conduta mais efetiva, quanto a atuação da categoria, uma vez que profissionais do serviço, afirmavam que a formação do profissional de Educação Física era deficiente no que tange aos aspectos da saúde pública. Esse era um discurso recorrente, quando o profissional buscava abordar determinadas temáticas no cenário, CAPS Geral.

A limitação da formação, sobretudo, no que se refere as matrizes curriculares estreitadas aos cursos de Educação Física para atuação na Saúde Pública, mas isso não impede que o profissional signifique sua atuação também pela epistemologia da prática, além de buscar a formação permanente, objetivada na própria RIS, possibilitando a abordagem de determinados assuntos no âmbito da saúde mental, além de apontar mudanças junto ao currículo na formação inicial através da partilha de experiências e saberes.

A fim de garantir a integralidade do cuidado, as oficinas de práticas corporais não se limitavam apenas aos muros do CAPS. Era necessário um convívio com lugares

diferentes do habitual, cujo foco era a integração e o divertimento. Momento de cantorias, danças, prática de esportes, como vôlei e futebol, tão presente no cotidiano do território.

As intervenções dos serviços de saúde mental devem ultrapassar a própria estrutura física, buscando prestar suporte social, potencializar ações em detrimento dos cidadãos, preocupando-se com o sujeito e sua singularidade, sua história, sua cultura e sua vida cotidiana (BRASIL, 2004).

3.2.2 Oficinas de Práticas Corporais no Território do CAPSAad

A oficina de práticas corporais no CAPSad compunha uma diversidade de atividades: Jogos e brincadeiras, carimba, futebol adaptado, futebol livre, vôlei, vôlei adaptado, basquete, tênis, atividades rítmicas, *twister*, jogos de cartas, jogos de tabuleiro, cabo de guerra, vídeo *games*, circuitos, caminhadas, dentre outros

Elas eram realizadas todas as quintas-feiras, no período matutino. Os profissionais envolvidos nessa atividade eram: profissional de educação física e terapeuta ocupacional da ênfase de saúde mental coletiva e a fisioterapeuta da ênfase da saúde da família e comunidade. Vale ressaltar que algumas atividades eram realizadas extramuros do CAPS.

Em geral, tinha duração de uma hora cuja aula era dividida em alongamento, aquecimento, aula propriamente dita e volta à calma. Participavam da atividade cerca de sete usuários. As atividades desenvolvidas eram construídas em conjunto, profissionais e usuários. Como exemplo, foi suscitada a necessidade de resgatar jogos e brincadeira da infância dos usuários, fase da vida, em que não tiveram acesso aos momentos lúdicos. No mês de outubro de 2016, foi realizado as olimpíadas do CAPS, em alusão ao dia das crianças, para este período foram planejadas algumas atividades de competição, a partir do desejo dos usuários.

Dentre as formas de oferecer o cuidado aos usuários dos serviços de saúde mental, o profissional de Educação Física deve organizar suas intervenções, considerando os desejos dos participantes, uma vez que uma atividade imposta pode gerar falta de interesse e afastamento do tratamento (SANTOS *et al.*, 2011).

As avaliações das oficinas em realizadas constantemente, ao término das atividades. Um dos relatos apreendidos no diário de campo foi que a maior motivação para a participação nas oficinas era a inserção dos próprios profissionais, garantindo a integração e a desierarquização naquele momento. Outros relatavam que às vezes estavam indispostos pelos efeitos dos medicamentos, mas após as práticas se sentiam melhores, mais ativos e contentes.

As potencialidades desta oficina eram: a adesão e assiduidade dos participantes; o ambiente físico coberto; disponibilidade de alguns materiais para a intervenção. Entre os desafios: o acompanhamento das atividades por alguns profissionais do serviço, que não participavam das mesmas e inibiam alguns usuários; adaptação das atividades para alguns usuários que compareciam sob o efeito de álcool.

3.2 PRESSUPOSTOS DA INTEGRALIDADE FUNDADOS NA INTERVENÇÃO DO PROFISSIONAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA NO ESCOPO DA SAÚDE MENTAL ATRAVÉS DE OFICINAS DE PRÁTICAS CORPORAIS

As representações do trato da saúde nas oficinas foram dimensionadas sobre o empoderamento dos sujeitos-profissionais de saúde e usuários, entoando para um planejamento participativo e de democratização social.

Todas as atividades eram planejadas previamente, buscando adotar metodologias participativas, que garantissem a autonomia e adesão dos usuários do serviço de saúde mental. As práticas integradas garantem a amplitude do cuidado, uma vez que cada profissional traz uma perspectiva de intervenção, de promover saúde.

É possível considerar a intervenção do profissional de Educação Física como uma experiência formadora, pois esta tem como função comunicar o aluno (participante / usuário) e o profissional sobre os resultados obtidos durante o desenvolvimento das atividades; aprimorar a metodologia; identificar e citar as deficiências presentes, objetivando eliminá-las; proporcionar *feedback* (SANT'ANNA, 2001). Além disso, esta experiência educativa através das oficinas de práticas corporais impeliu relações de intersubjetividade e afetividade.

Para que a experiência seja considerada formadora, é necessário falarmos sob o ângulo da aprendizagem; em outras palavras, essa experiência simboliza atitudes, comportamentos, pensamentos, o saber-fazer, sentimentos que caracterizam uma subjetividade e identidades... implica uma articulação conscientemente elaborada entre atividade, sensibilidade, afetividade e ideação (JOSSO, 2004, p.48).

A sistematização do pensamento sobre as oficinas de práticas corporais como estratégia de cuidado mental nos centros de atenção psicossocial, portanto, inferem como pressupostos uma teia de inter-relações de saberes e fazeres, a saber:

1. Diversidade de apreensão motora, cognitiva, social e afetiva;
2. Multirreferencialidade do cuidado na perspectiva multiprofissional;

3. Racionalidade crítica sobre o processo saúde-doença;
4. Interfaces socioculturais dos territórios adscritos;
5. Articulação de espaços-tempos comunitários para realização de atividades extramuros;
6. Autonomização dos sujeitos sobre seus saberes como referência da tessitura das práticas corporais;
7. Evidência comunicativa da relação de referência e contrarreferência;
8. Planejamento participativo;
9. Resiliência do cuidado como modo de (trans)formação;
10. Abordagem por meio de metodologias participativas.

Nesse sentido, comporta falar de uma (trans)formação dos sujeitos e territórios onde foram desenvolvidas as oficinas, em contexto de alteridade, implicação social e multiprofissional.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscando responder à pergunta norteadora do estudo, verificou-se pela disposição cartográfica que as oficinas de práticas corporais são estratégias potenciais de cuidado do profissional de Educação Física, uma vez que possibilita a integralidade em saúde do usuário, fomenta a democratização deste cuidado, suscita a intervenção multiprofissional, busca a mobilização de metodologias participativas, incidindo no coinvestimento dos sujeitos em implicação social colaborativa.

O planejamento e materialidade das oficinas de práticas corporais ocorreram com base na territorialização do município, atendendo a demanda proposta pela comunidade, apontada por profissionais de saúde, líderes comunitários, usuários dos serviços de saúde, dentre outros.

Os pressupostos da integralidade em saúde foram evidenciados no empoderamento dos sujeitos-profissionais de saúde e usuários, estes tinham autonomia no processo de construção da intervenção, fortalecendo assim, o processo de planejamento participativo.

Este estudo não encerra a discussão a respeito da temática, considerando que abordou a realidade de uma localidade específica. Assim, sugere-se que outras regiões em que

os profissionais de Educação Física foram inseridos no CAPS sejam alvo de relatos, para a obtenção de novas perspectivas.

Estudos na área de saúde mental e atuação do profissional de Educação Física devem ser realizados, a fim de exteriorizar as potencialidades da inserção das práticas corporais na terapia de pacientes com transtornos mentais e reforçar as contribuições que tal profissional pode agregar na equipe multidisciplinar, nos projetos realizados, nas intervenções sociais, dentre outros.

Esta pesquisa aponta algumas possibilidades de estudos posteriores, como: práticas corporais como recurso terapêutico na percepção da equipe multidisciplinar em saúde mental do CAPS ou na visão dos próprios usuários, práticas corporais como estratégias não farmacológicas nos CAPS, exercícios físicos e suas influências no humor, exercícios aeróbios e seus impactos no tratamento de usuários de serviços de saúde mental, dentre outros.

Recomenda-se que o profissional de Educação Física busque uma formação permanente, através de cursos, palestras, encontros, debates, especializações na área da saúde, dentre outros, buscando consolidar conhecimentos e saberes essenciais à sua intervenção. É ideal que tais profissionais busquem estudos e publicações na sua área de atuação, a fim de obter um olhar crítico a respeito de suas estratégias e metodologias.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Casa Civil. **Lei nº 8.080, de 19 de setembro de 1990**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8080.htm>. Acesso em: 20 de abr. 2017.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Saúde Mental no SUS: os Centros de Atenção Psicossocial**. Brasília: Distrito Federal, 2004.
- FERREIRA, L. A. S.; DAMICO, J. G. S.; FRAGA, A. B. **Entre a composição e a tarefa: estudo de caso sobre a inserção da Educação Física em um serviço de Saúde Mental**. 2017. Disponível em: <<http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0101328915300548>>. Acesso em: 08 de mai. 2017.
- FURTADO, R. P.; NETO, R. C.; RIOS, G. B.; MARTINEZ, J. F. N.; OLIVEIRA, M. F. M. **Educação Física e Saúde Mental: uma análise da rotina de trabalho dos profissionais dos CAPS de Goiânia**. 2016. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/62158/39713>>. Acesso em: 08 de mai. 2017.
- FURTADO, R. P.; OLIVEIRA, M. F. M.; SOUSA, M. F.; VIEIRA, P. S.; NEVES, R. L. R.; RIOS, G. B.; SIMON, W. J. **O trabalho do professor de Educação Física no CAPS: Aproximações Iniciais**. 2015. Disponível em:

<<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/43457>>. Acesso em: 08 de mai. 2017.

GUIMARÃES, A. C.; PASCOAL, R. C. A.; CARVALHO, I. Z.; ADÃO, K. S. **A inserção social através de práticas de educação física como medidas interventivas para pacientes psicóticos e neuróticos graves do CAPS de São João del-Rei**. Minas Gerais: São João del-Rei, 2012.

JOSSO, M. C. **Experiências de vida e formação**. São Paulo: Cortez, 2004.

LIBERMAN, F.; LIMA, E. M. F. A. O Corpo de um Cartógrafo. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, Botucatu, v. 19, n. 52, p. 183-193, 2015.

MACHADO, G. J.; GOMES, I. M.; ROMERA, L. A. **A atuação do professor de Educação Física nos Centros de Atenção Psicossocial Álcool e Drogas da Grande Vitória-ES**. 2016. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/58883/37379>>. Acesso em: 08 de mai. 2017.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo: Hucitec, 2007.

MOURA, N. L.; GRILLO, D. E.; MERIDA, M.; CAMPANELLI, J. R.; MERIDA, F. A influência motivacional da música em mulheres praticantes de ginástica em academia. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v.6, n.3, p.103-18. 2007.

MUYLAERT, C. J. **Formação, vida profissional e subjetividade: narrativas de trabalhadores de Centro de Atenção Psicossocial Infanto-juvenil**. [Dissertação de mestrado]. Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2013.

OLIVEIRA, R. C. M. **(ENTRE)LINHAS DE UMA PESQUISA: o Diário de Campo como dispositivo de (in)formação na/da abordagem (Auto)biográfica**. *Revista Brasileira de Educação de Jovens e Adultos*, vol. 2, nº 4, 2014.

ROBLE, O. J.; MOREIRA, M. I. B.; SCAGLIUSI, F. B. **A Educação Física na Saúde Mental: construindo uma formação na perspectiva interdisciplinar**. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/icse/v16n41/aop3112>>. Acesso em: 08 de mai. 2017.

SANT'ANNA, I. M. **Porque avaliar? Como avaliar? Critérios e instrumentos**. 7. Ed. Vozes. Petrópolis, 2001.

SANTOS, F. T.; SILVA, J. D. P.; FREITAS, P. S. Atividade Física e Saúde Mental – Projeto AFISAM. **Rev. Em Extensão**, Uberlândia, v. 10, n. 1, p. 146-153, jan./jun. 2011.

SCANDOLARA, A. S.; ROCKENBACH, A.; SGARBOSSA, E. A.; LINKEE, L. R.; TONINI, N. S. **A avaliação do centro de atenção psicossocial infantil de Cascavel – PR**. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/psoc/v21n3/a06v21n3>>. Acesso em: 19 de abr. 2017, às 19h51min.

SCHÖN, Donald. **Formar professores como profissionais reflexivos**. In: NÓVOA, Antônio (Org.). *Os professores e a sua formação*. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

SENA, K. S.; GRECCO, M. V. Comportamento da frequência cardíaca em corredores de esteira ergométrica na presença e na ausência de música. **Revista Brasileira de Fisiologia do Exercício**, São Paulo, v.10, n.3, p.156-61. 2011.

WACHS, F. **Educação Física e Saúde Mental: uma prática de cuidado emergente em Centros de Atenção Psicossocial (CAPS)**. Disponível em:

<<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/14069>>. Acesso em: 28 de fev. 2017, às 20h48min.

WACHS, F.; FRAGA, A. B. Educação Física em Centros de Atenção Psicossocial. **Rev. Bras. Cienc. Esporte**, Campinas, v. 31, n. 1, p. 93-107, set. 2009.

CREDENCIAIS DOS AUTORES

¹**Victor Hugo Santos de Castro**

Graduado em Educação Física Licenciatura Plena pela Universidade Estadual do Ceará - UECE (2011). Especialista em Gestão em Saúde (2013) e em Gestão Pedagógica (2016) pela Universidade Estadual do Ceará - UECE. Especialista em Saúde Mental, pela Escola de Saúde Pública do Ceará - ESPCE, na modalidade residência multiprofissional.

E-mail: vsantosdecastro@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0926292084747264>

²**Samara Moura Barreto de Abreu**

Doutoranda em Educação no Programa de Pós Graduação em Educação pela Universidade Estadual do Ceará (PPGE UECE). Mestre em Educação formada no mesmo programa - PPGE UECE, com área de concentração em formação de professores(2015). Especialista em Educação Física Escolar pela Universidade Cândido Mendes(2013). Graduação em Educação Física pela Universidade Estadual do Ceará (2007).

E-mail: samaraef@hotmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8989448843028647>

Recebido em: 15 out. 2018.

Aprovado em: 26 out. 2019.

ARTIGO ORIGINAL

EFEITOS DE UM PROGRAMA DE QUALIDADE DE VIDA NO TRABALHO E GINÁSTICA LABORAL NOS COLABORADORES DA JUSTIÇA FEDERAL NO CEARÁIsabele Islai da Silva Melo¹**RESUMO**

O objetivo geral deste estudo é analisar os efeitos de um PQVT e da GL nos colaboradores da Justiça Federal no Ceará. Trata-se de uma pesquisa de levantamento com abordagem quantitativa e de natureza aplicada, em que 108 participantes da GL responderam, de agosto a setembro de 2017, um questionário sobre um PQVT e a GL desenvolvidos na organização. Os dados foram analisados pela frequência absoluta, relativa e pela média, utilizou-se os programas da Microsoft Excel e Word 2010. Média de idade das mulheres: 44,2 anos, homens: 46,4 anos. Observou-se que 85% (n=73) dos colaboradores consideraram que as ações do PQVT forneceram informações importantes sobre saúde, 78% (n=67) consideraram que proporcionaram maior integração e 64% (n=55) que ajudaram a controlar seu estresse. Na GL, 67% (n=72) dos praticantes identificaram aumento na consciência corporal, 66% (n=71) melhoraram seus hábitos posturais, 63% (n=68) disseram ficar mais dispostos, 62% (n=67) melhoraram sua capacidade de relaxamento muscular e 59% (n=64) diminuíram seu estresse. Identificou-se que a GL também gerou mudanças de hábitos, em que 82% (n=89) de seus praticantes sentiram-se mais conscientes sobre a importância das pausas no trabalho, 44% (n=47) passaram a realizar alongamentos em outros períodos do dia, 43% (n=46) passaram a vivenciar os ensinamentos discutidos nas aulas e 30% (n=32) iniciaram a prática de exercícios físicos fora do trabalho. Conclui-se por estes resultados, que tanto as demais ações do PQVT como a GL contribuíram para melhorar o bem estar e a qualidade de vida dos colaboradores da instituição de forma integrada.

Palavras-chave: Qualidade de vida no trabalho. Saúde ocupacional. Ginástica laboral.

EFFECTS OF A WORKPLACE QUALITY AND LABOR GYMNASTIC PROGRAM ON FEDERAL JUSTICE EMPLOYEES IN CEARÁ**ABSTRACT**

The general objective of this study is to analyze the effects of a PQVT and GL on Federal Justice employees in Ceará. This is a survey with quantitative approach and applied nature, in which 108 participants of GL answered, from August to September 2017, a questionnaire about a QWPV and GL developed in the organization. Data were analyzed by absolute, relative and average frequency, using Microsoft Excel and Word 2010 programs. Mean age of women: 44.2 years, men: 46.4 years. It was observed that 85% (n = 73) of the employees considered that the actions of PQVT provided important health information, 78% (n = 67) considered that they provided greater integration and 64% (n = 55) that helped to control their health. stress. In LG, 67% (n = 72) of practitioners identified increased body awareness, 66% (n = 71) improved their postural habits, 63% (n = 68) said they were more willing, 62% (n = 67) improved their muscle relaxation capacity and 59% (n = 64) decreased their stress. It was found that the LG also generated changes in habits, in which 82% (n = 89) of its practitioners felt more aware of the importance of breaks at work, 44% (n = 47) began to stretch in others.

During the day, 43% (n = 46) began to experience the teachings discussed in class and 30% (n = 32) began to practice physical exercises outside of work. It is concluded from these results that both the other actions of PQVT and GL contributed to improve the well-being and quality of life of the institution's employees in an integrated manner.

Keywords: Quality of life at work. Occupational health. Labor gymnastics.

1 INTRODUÇÃO

O homem contemporâneo constantemente vive em contato com agentes estressores, como a violência, o volume de trabalho e o ritmo das grandes cidades. Somado a um estilo de vida inadequado, o trabalhador ao realizar atividades repetitivas e monótonas fica suscetível a desenvolver as Lesões por Esforço Repetitivo (LER) e as Doenças Osteomusculares Relacionadas ao Trabalho (DORT). O indivíduo que não se sente bem, não consegue produzir dentro do seu potencial, não consegue ter uma boa interação com os colegas, não tem ânimo e fica suscetível ao adoecimento (LIMA, 2005).

Nesta perspectiva, algumas instituições estão adotando medidas para melhorar a qualidade de vida do trabalhador. A criação de Programas de Qualidade de Vida no Trabalho (PQVT) em instituições públicas tem como desafios promover o bem – estar dos servidores, a satisfação do usuário – cidadão, a eficiência e a qualidade dos serviços oferecidos à sociedade (FERREIRA *et al.*, 2009). A Ginástica Laboral (GL) está entre as inúmeras atividades que podem compor um PQVT. Trata-se de um programa de exercícios físicos realizados no trabalho, com o intuito de reduzir as dores, prevenir as LER/DORT, diminuir os níveis de estresse, melhorar a auto estima e a convivência entre os trabalhadores (GALLIZA; GOETTEN, 2010).

Neste sentido, o trabalho teve como objetivo geral analisar os efeitos do PQVT e do PGL na qualidade de vida no trabalho dos colaboradores da Justiça Federal no Ceará (JFCE) participantes da GL. E como pontos específicos, relacionados ao PQVT: verificar a sua adesão, identificar os motivos que dificultam a participação nas ações e investigar os seus benefícios; referentes à GL, analisar os efeitos na saúde e na mudança de hábitos; e sugerir melhorias para esses programas.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 QUALIDADE DE VIDA NO TRABALHO

De acordo com Campos e Neto (2008), a definição de QV envolve o estado de saúde e vários aspectos da vida humana, como o meio ambiente, os recursos econômicos, os relacionamentos, o tempo para o trabalho e lazer. No ambiente de trabalho, a QV depende de um correto gerenciamento das interferências dos fatores físicos e psicológicos, o que proporciona as condições favoráveis e imprescindíveis para um melhor desempenho e produtividade (SINNOT SILVA *et al.*, 2010).

Assim em decorrência do maior tempo gasto no ambiente laboral, torna-se importante que as próprias instituições desenvolvam ações de qualidade de vida que visem melhorar o bem estar de seus trabalhadores, proporcionando melhores condições de trabalho, que contribuam positivamente para uma vida melhor em sociedade e que desta forma, o colaborador possa ter mais condições para suprir as necessidades da organização (ALVES, 2011).

Deste modo, pensando na valorização do trabalhador e na melhora do seu bem estar, o Comitê de Qualidade de Vida no Trabalho da JFCE institucionalizou em 2015 o seu PQVT: “Cuidar-se é Legal”. Este tem como missão: “promover ações que efetivamente aumentem o nível de satisfação e bem-estar dos magistrados e servidores, contribuindo assim para o aprimoramento da qualidade de vida individual e coletiva de forma integrada” (JUSTIÇA FEDERAL NO CEARÁ, 2015). Assim são realizadas atividades como rodas de conversas itinerantes sobre temas voltados para a saúde, técnicas de respiração e relaxamento, yoga, círculos de cantos, oficinas de arte terapia, de alimentação saudável e ginástica laboral.

2.2 GINÁSTICA LABORAL: EXERCÍCIO FÍSICO NO AMBIENTE DE TRABALHO

No Brasil, a GL foi introduzida em 1969 através dos executivos nipônicos nos estaleiros Ishiksvajima, com o objetivo de prevenir os acidentes de trabalho. (SANTANTONIO, 2011). Segundo Lima (2005), a GL é um exercício físico realizado no próprio local de trabalho composto por exercícios que compensam as regiões que são usadas constantemente, os que ativam estruturas que normalmente não se movimentam e os que têm a finalidade de corrigir a postura.

Conforme os estudos da mesma autora, a GL é um meio de incentivar a prática de exercícios físicos fora do ambiente de trabalho e funciona como um instrumento de promoção de saúde. Desta maneira e de forma natural, esta prática diminui o sedentarismo, ajuda a controlar o estresse, melhora o desempenho profissional e à relação consigo mesmo e com os colegas.

O PQVT da JFCE tem dentre suas ações, o Programa de Ginástica Laboral (PGL). Este foi realizado ao longo de 14 meses, desenvolveu-se em doze setores da instituição e foi temporariamente interrompido devido ao término de contrato de serviço. As aulas eram realizadas de uma a duas vezes por semana com duração de 15 minutos. Eram compostas por exercícios de alongamentos, exercícios de coordenação motora, atividades lúdicas, automassagens, massagens, exercícios de respiração e eram acompanhados por músicas da cultura brasileira.

3 METODOLOGIA

A pesquisa possui abordagem quantitativa, que se caracteriza por organizar e examinar os dados coletados de um determinado acontecimento em um grupo a ser estudado, por meio de questões fechadas (MARTINS, 2005). Quanto aos objetivos, a pesquisa se caracteriza como descritiva, que busca descrever os fenômenos, suas características e suas relações com outros acontecimentos, dentro da própria realidade em que essas ações ocorrem (BASTOS, 2008).

Com relação aos procedimentos, o presente trabalho corresponde a uma pesquisa de levantamento. De acordo com Nakata *et al.* (2009), os dados da pesquisa de levantamento possuem a finalidade de avaliar a incidência relativa, a distribuição e as inter-relações entre os fatos. Os pesquisadores colhem informações dos sujeitos através das respostas às perguntas de um questionário (THOMAS; NELSON, 2002), o que permite a interrogação direta a fim de investigar determinadas opiniões dos investigados (GIL, 1991).

A investigação foi realizada na JFCE, nos setores que aconteciam as aulas de GL. A coleta de dados ocorreu no período do mês de agosto a setembro de 2017. A população compreendeu os participantes do PQVT, de ambos os sexos, com faixa etária de 21 a 81 anos. A amostra constituiu 108 colaboradores que participaram do PGL, número que corresponde a 52,1% do total de participantes (n=207) dessa intervenção.

O tipo de amostragem é não probabilística ou de conveniência e foi selecionada de forma fortuita, em que não houve um sorteio dos elementos da amostra, composta pelos participantes da GL que estavam presentes nos dias da coleta de dados. Não foram incluídos os participantes da GL que no período da coleta de dados se aposentaram, que mudaram o local de trabalho, que foram transferidos, que terminaram o período de estágio e os que não estavam presentes.

A coleta de dados foi realizada por meio de um questionário semiestruturado. O primeiro bloco de questões se referia ao PQVT, no qual questionava sua importância como ferramenta de bem estar no ambiente de trabalho, a participação dos colaboradores em alguma ação e os benefícios que foram percebidos por eles. O segundo bloco de questões voltava-se ao PGL, referia-se aos benefícios físicos, psicológicos e sociais que puderam ser percebidos com a prática e se ocorreram mudanças no estilo de vida. A última questão eram as sugestões para melhorar o PQVT e o PGL.

Ao diretor do Núcleo de Gestão de Pessoas da JFCE foi solicitada a permissão para o desenvolvimento da pesquisa na instituição, em que se informou a finalidade da pesquisa e a existência dos procedimentos éticos e de segurança presentes na Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde (CNS) (2013), ocasião que foi assinado o Termo de Anuência. Após, foi informado aos participantes da GL sobre o estudo e questionou-se o interesse a participarem da pesquisa. Desse modo, aos que aceitaram foi entregue o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Os dados foram tratados através da estatística descritiva, em que se utilizou a frequência absoluta, a relativa e a média. Para estes procedimentos, foi utilizado o programa Microsoft Excel 2010 e Microsoft Word 2010.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Participaram da amostra 108 praticantes de GL, destes 67% (n=72) eram do sexo feminino (média de idade = 44, 2 anos) e 33% (n=36) do sexo masculino (média de idade= 46,4 anos). O percentual de 81% (n=87) da amostra revelou que participava de outras ações promovidas pelo PQVT, enquanto que 19% (n=21) informaram que não se faziam presentes nesses eventos.

Na Tabela 1 são apresentados os motivos que dificultam a participação nas ações do PQVT, relatados pelos colaboradores. Nas questões laborais, eles citaram o excesso de trabalho, a grande concentração na função desempenhada, o horário das ações não compatível com a rotina de trabalho e a pequena quantidade de trabalhadores no setor. Além disso, quatro mencionaram a falta de tempo. Nas questões pessoais estava à falta de interesse, o pouco incentivo para participar, a falta de organização e a de costume. Três pessoas disseram que não conheciam outras ações do programa.

Tabela 1 – Motivos que dificultam a participação dos colaboradores da JFCE em outras ações do PQVT, Fortaleza, 2017.

Motivo	Fr. Absoluta	Fr. Relativa
Questões laborais	05	31%
Tempo	04	25%
Questões pessoais	04	25%
Desconhecer o programa	03	19%
Total	16	100%

Fonte: Elaborada pela autora.

Dados semelhantes foram encontrados em uma pesquisa realizada por Andrade e Veiga (2012) sobre um PQVT de uma instituição pública. Nele os principais motivos de não participarem das ações de QV, foram: a dificuldade de se ausentar da função, devido ao excesso de trabalho; a pouca sensibilização e conscientização dos funcionários e dos gestores sobre a importância das ações de QVT; a deficiência que existe na divulgação e os horários pouco acessíveis.

Esses dados demonstram a necessidade de um trabalho de conscientização de toda a instituição, de forma que a participação nessas ações seja compreendida dentro do cotidiano como parte integrante de sua função e que ao realizarem estarão beneficiando o resultado do seu trabalho (serviço a sociedade) e o seu bem estar, satisfação e motivação neste ambiente.

Dos colaboradores que participaram de outras ações fora a GL (Tabela 2), observou-se que 85% (n=73) consideraram que as ações forneceram informações sobre saúde, 78% (n=67) que proporcionaram maior integração e a possibilidade de conhecer novas pessoas e estimularam à adoção de um estilo de vida saudável, 64% (n=55) que ajudaram a controlar seu estresse e 47% (n=40) que ajudaram a se conscientizar a respirarem melhor.

Tabela 2- Resultados percebidos pelos colaboradores da JFCE nas ações do PQVT, Fortaleza, 2017.

Temas	Fr. Absoluta	Fr. Relativa
Forneceram informações importantes para melhorar sua saúde	73	85%
Proporcionaram maior integração com seus colegas e lhe ajudaram a conhecer novas pessoas	67	78%
Estimularam a ter um estilo de vida saudável	67	78%

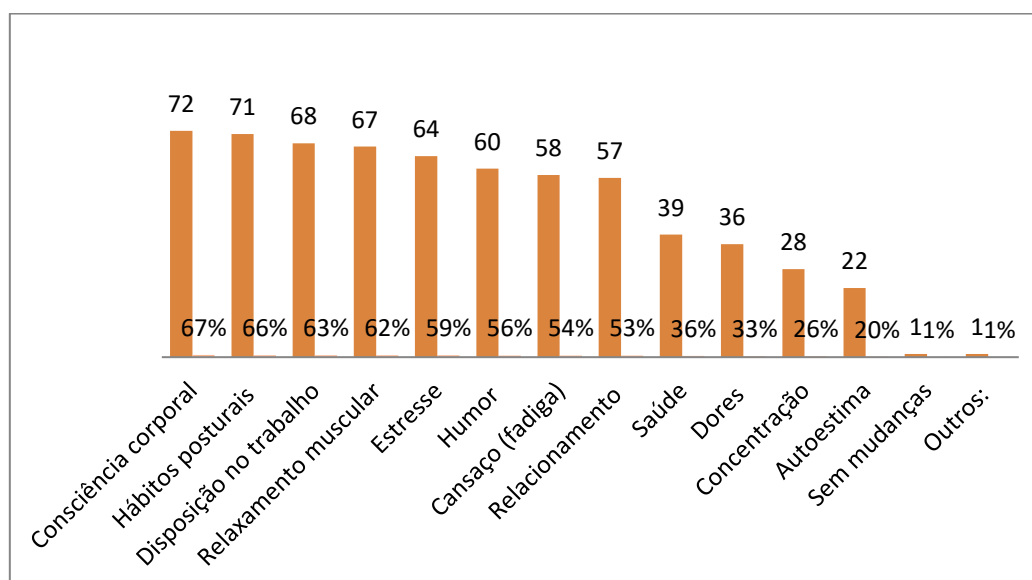
Ajudaram a controlar seu estresse	55	64%
Conscientizaram a respirar melhor	40	47%
Aproximaram ou estimularam o seu lado espiritual	17	20%
Permitiram vivenciar atividades artísticas	17	20%
Total	86	100%

Fonte: Elaborada pela autora.

No estudo realizado por Andrade e Veiga (2012), mostrou que os participantes das ações desenvolvidas (GL, dança e yoga) reconheceram que elas proporcionaram descontração, integração e bem estar mental e físico. Neste sentido, verifica-se que as ações de PQVTs contribuem bastante para a saúde mental, física e social, trazendo benefícios diretos no ambiente de trabalho e que provavelmente também em outros setores da vida. Na idéia de conscientizar, a apresentação desses dados poderem servir para estimular os demais setores e/ou colaboradores a participarem dessas ações.

Os efeitos da GL verificados pelos participantes do “Cuidar-se é Legal” são apresentados no Gráfico 1.

Gráfico 1 – Efeitos da Ginástica Laboral na saúde dos colaboradores da JFCE, Fortaleza, 2017.



Fonte: Elaborado pela autora.

Podemos observar que um dos principais efeitos da GL nos colaboradores da JFCE foi o aumento da consciência corporal, em que 67% (n=72) perceberam essa mudança,

seguidos de 66% (n=71) que melhoraram seus hábitos posturais no trabalho, 63% (n=68) a disposição durante a jornada, 62% (n=67) a capacidade de relaxamento muscular, 59% (n=64) diminuíram o estresse, 56% (n=60) melhoraram o seu humor, 54% (n=58) diminuíram seu cansaço e 53% (n=57) melhoraram seu relacionamento com os colegas de trabalho.

Para Lima (2005), a prática de exercícios tem como finalidade promover o bem estar, por meio dessa consciência, como uma forma de conhecer, respeitar, amar e estimular o próprio corpo. Rocha (2009) descreve em seus estudos que quando o aluno percebe, durante os exercícios, a posição do seu corpo em relação ao espaço e das regiões corporais entre si, ele aprimora o seu movimento e o seu domínio corporal.

As conclusões da investigação de Candotti, Stroschein e Noll (2011) concordaram com os nossos resultados, com relação à melhora da postura. Eles após identificarem a postura incorreta durante o trabalho, implementaram à GL e depois de três meses, observaram que 53,3% dos trabalhadores passaram a sentar-se com a postura correta. No estudo conduzido por Souza e Ziviani (2010), constatou-se uma melhora no relacionamento com os colegas e na capacidade de relaxamento, o aumento na disposição para o trabalho, uma diminuição do estresse e o alívio de dores corporais.

Os efeitos da GL na instituição são bastante pertinentes e positivos a essa realidade. Antes da implementação do PQVT e do PGL em uma pesquisa interna de clima organizacional foi verificado um alto índice de estresse, de absenteísmo e de adoecimentos acometidos por conseqüências laborais. Além dos sentimentos que permeiam os servidores públicos de passarem muitos anos no mesmo cargo, fazendo as mesmas tarefas e a visão de baixa expectativa de mudanças, contribuem para a baixa auto estima, motivação e concentração neste ambiente. Com isso, pode-se refletir que estas ações estão no caminho para se atingir os seus objetivos na saúde no trabalho.

O desenvolver da GL ocorreu de forma diferente nos setores de abrangência. Na maioria a prática era feita no mesmo setor de trabalho. Em poucos havia a necessidade de percorrer algum corredor, para entrar em um setor vizinho para se chegar à aula, nestes a participação dos praticantes era mais esporádica e possivelmente os efeitos da GL não tenham sido percebidos da mesma forma que nos demais.

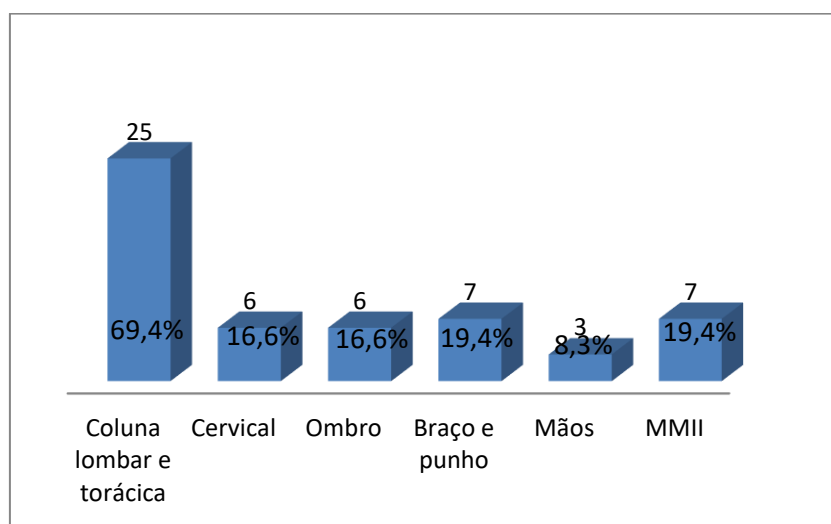
Os colaboradores da JFCE relataram que começaram a cuidar mais da saúde depois que começaram a praticar GL. Um resultado semelhante a esse, foi encontrado por Giordani (2011), em que um participante de GL, comentou que sentia falta quando não realizava a prática e que nos momentos que estava em outro andar, e por ocasião estava acontecendo essa intervenção, prontificava-se a participar, pois para ele este exercício aliviava

a carga de trabalho do dia. Além disso, este autor constatou-se que a prática de exercícios físicos no trabalho aproxima pessoas de outros setores, possibilita a formação de novas amizades, momentos de descontração e proporciona um espaço de convívio e comunicação entre os trabalhadores.

De fato a GL proporciona esse encontro, esse momento de olhar para si e para o outro. Durante as práticas, surgiam os comentários de que aquele momento permitiu conhecer um colega de trabalho; e de que o ambiente da GL era como se fosse uma terapia de grupo. Além disso, as aulas também possibilitavam aos participantes uma reunião para pedir orações, passar energia positiva, aos colegas e/ou familiares que estavam em situações difíceis.

Em relação às dores, observamos que 33% (n=36) da amostra afirmaram que a prática da GL diminuiu as dores em alguma região do corpo. No Gráfico 2, apresentamos as regiões onde ocorreram essa redução de algias, relatados pelos participantes. Verifica-se que 69,4% (n=25) destes colaboradores sentiram uma redução das dores na coluna lombar e torácica, 19,4% (n=7) sentiram no braço, punhos e o mesmo percentis nos membros inferiores, 16,6% (n=6) sentiram no ombro, punhos e o mesmo percentis nos membros inferiores, 16,6% (n=6) relataram melhora na dor na coluna cervical e o mesmo por cento nos ombros e 8,3% (n=3) perceberam na região das mãos.

Gráfico 2 – Regiões que ocorreram diminuição de dores de alguns colaboradores da JFCE após o PGL, Fortaleza, 2017.



Fonte: Elaborado pela autora.

Sedrez *et al.* (2012) mostraram em seu trabalho que funcionários melhoraram suas dores nas costas e sua QV ao participarem de PGL. Giordani (2011) constatou que esta prática reduziu as dores corporais, como nas costas; diminuiu o desconforto na volta ao trabalho e aumentou a disposição durante o dia. Candotti, Stroschein e Noll (2011), verificaram que com

GL houve uma redução das intensidades mais altas de dor nos braços, no pescoço, nas costas e nas pernas e que ocorreu diminuição da frequência diária da dor nos trabalhadores do setor produtivo.

As dores na coluna eram uma das principais queixas relatadas pelos colaboradores na avaliação diagnóstica antes da implementação do PGL. Isso provavelmente ocasionado devido à posição sentada durante um longo período do dia e as compressões que dela ocorrem, provocando posturas incorretas para descansar a musculatura que trabalha para manter essa posição por muito tempo. Estes dados reforçam a importância da GL para relaxar essa estrutura, diminuindo as compressões e reorganizando a postura corporal.

Na Tabela 3 são apresentados os efeitos do PGL na rotina diária em casa e/ou no trabalho. Dentre as mudanças de hábitos provocadas pela GL podemos destacar que os 82% (n=89) dos participantes ficaram mais conscientes da importância das pausas no trabalho, 44% (n=47) realizaram alongamentos em outros períodos do seu dia, 43% (n=46) vivenciavam os ensinamentos transmitidos nas aulas e 30% (n=32) iniciaram a prática de outros exercícios físicos.

Tabela 3 – Efeitos da GL na mudança de hábitos de vida dos colaboradores da JFCE, Fortaleza, 2017.

Mudanças	Fr. Absoluta	Fr. Relativa
Maior consciência da importância das pausas no trabalho para realizar pequenos alongamentos	89	82%
Faço alongamentos em casa, após exercícios físicos ou quando sinto dores musculares.	47	44%
Passei a vivenciar os ensinamentos difundidos nas aulas semanais para melhorar minha condição de saúde em geral	46	43%
Comecei a praticar outros exercícios com mais frequência	32	30%
Comecei a participar de outras ações promovidas pelo PQVT	31	29%
Não estimulou a mudança de hábitos	04	4%
Outros	03	3%
Total	108	100%

Fonte: Elaborada pela autora.

No trabalho de Giordani (2011), observou-se essa maior conscientização das pausas no trabalho e Ferracini e Valente (2010), apresentaram que 86,6% dos participantes de

GL passaram a vivenciar os conhecimentos e orientações transmitidas durante os exercícios e cerca de 80% disseminaram esses saberes a outras pessoas.

A investigação de Candotti, Stroschein e Noll (2011), revelou que a participação na GL não influenciou trabalhadores a praticarem exercícios físicos. Isso contraria os resultados encontrados por Giordani (2011), em que todos os investigados relatam que ela é a principal incentivadora para uma vida fisicamente ativa; os de Ferracini e Valente (2010) que mostram 46,6% dos que acreditaram em influências no estilo de vida, passaram a se exercitar com mais frequência e os do presente estudo, em que 30% (n=32) começaram a praticar exercícios com mais regularidade.

Estimular a prática de exercícios físicos fora do ambiente de trabalho era um dos objetivos do PGL da JFCE. Na instituição existiam trabalhadores que relatavam seu comportamento sedentário fora do ambiente de trabalho e que a GL constituía muitas vezes o

A Tabela 4 apresenta as sugestões de melhorias para PQVT.

Tabela 4 – Sugestões de melhorias dos colaboradores da JFCE para o PQVT, Fortaleza, 2017.

Sugestões	Fr. Absoluta	Fr. Relativa
Ações	23	49%
Organização	10	21%
Constância do Programa	09	19%
Conscientização dos diretores	03	6%
Outros	02	4%
Total	47	100%

Fonte: Elaborada pela autora.

Nas ações citadas, foram sugeridas mais atividades relacionadas ao cotidiano laboral; massagens semanalmente; círculo de leitura de livros; a promoção de cursos; instituição do regime do tele trabalho; verificação e correção postural; aulas de dança; noções de Pilates e da Reeducação Postural Global (RPG); atividades com músicas; técnicas de meditação; Passeio Ciclístico; mais campanhas de vacinação, atividades artísticas e nutricionais.

Na organização das atividades, recomendaram a contratação de mais profissionais; maior divulgação das ações; que as atividades incluíssem, simultaneamente,

servidores, diretores e magistrados; a mudança de horário das ações; que as oficinas tivessem vários horários disponíveis ao dia e que a instituição custeasse as atividades. Argumentaram também que o Programa tivesse mais constância e que houvesse um trabalho de conscientização dos diretores para incentivar a participação dos servidores nas ações.

As semelhanças entre os PQVTs de instituições públicas podem ser observadas através do estudo de Andrade e Veiga (2012), na qual se revela que colaboradores reconhecem, são cientes da importância das ações, defendem a permanência do programa, mas que possuem dificuldade de se ausentar da função, devido o excesso de trabalho. Além disso, identificou que os trabalhadores e os gestores possuem pouca sensibilização e conscientização sobre a importância das ações, que existe uma deficiência na divulgação e que os horários são pouco acessíveis.

A Tabela 5 apresenta as sugestões à GL. Dentre as recomendações estão, que a ação tenha caráter permanente no PQVT; o aumento das sessões semanais; a permanência de profissional para ministrar a GL; com relação à aula, como diversificar os exercícios, incluir mais vezes a massagem e a escolha do tipo de aula para o dia, dependendo da rotina de trabalho, verificar a postura dos trabalhadores durante sua função; realizá-la em ambiente comum por andar.

Tabela 5 – Sugestões de melhoria dos colaboradores da JFCE para a Ginástica Laboral, Fortaleza, 2017.

Sugestões	Fr. Absoluta	Fr. Relativa
Permanência no PQVT	31	58%
Aumento das sessões semanais	08	15%
Permanência de um profissional para conduzir a prática	08	15%
Propostas de aula	04	8%
Ambiente comum por andar	02	4%
Total	53	100%

Fonte: Elaborada pela autora.

No estudo de Candotti, Silva, Noll e Lucchese (2011), os participantes da GL também propuseram que a ação deveria ocorrer mais vezes durante a semana. Por outro lado, outros disseram que não havia necessidade nesse acréscimo. No de Souza e Ziviani (2010) os

praticantes defenderam que ela deve ser preservada e que ocorresse mais vezes durante a semana, por contribuir diretamente no cotidiano laboral e por melhorar a QVT.

5 CONCLUSÃO

Podemos concluir que a maioria da amostra dos praticantes da GL participa de outras ações do PQVT da instituição. Dentre os principais motivos de não aderir aos eventos de QVT estão o excesso de trabalho, a falta de tempo, o horário das ações não compatíveis com a rotina de trabalho, a falta de interesse e o pouco incentivo para participar.

Observamos que os benefícios advindos das ações do PQVT forneceram informações importantes sobre saúde, promoveram a integração entre os colaboradores, estimularam a adoção de um estilo de vida saudável e ajudaram a controlar o estresse. Portanto, verifica-se que estes resultados contribuíram para melhorar o bem estar e a qualidade de vida dos colaboradores da instituição de forma integrada e que estão de acordo com a missão do PQVT.

Identificamos que a GL realizada, duas vezes por semana, no período de 14 meses, aumentou a consciência corporal, melhorou os hábitos posturais, a disposição, a capacidade de relaxamento muscular, o humor, o relacionamento interpessoal e diminuiu o estresse e o cansaço. Além destes, vimos que a prática provocou mudanças de hábitos, como o reconhecimento da importância das pausas no trabalho, a atitude de realizar alongamentos ao longo do dia, à vivência dos saberes discutidos nas aulas e a adesão de exercícios físicos. As sugestões ao “Cuidar-se é Legal” foram de novas ações e de recomendações para a organização. Para a GL, defenderam a sua continuidade, ação temporariamente suspensa.

Por fim, é importante que mais instituições implantem PQVTs, a fim de promover qualidade de vida aos seus trabalhadores e que ocorram mais pesquisas envolvendo estes programas para compartilhar experiências, os desafios e os resultados positivos e negativos de ações como essas. Seriam interessantes também investigações com uma só ação desenvolvida por um PQVT, para analisar detalhadamente seus objetivos, sua metodologia, seus resultados e propostas de melhorias.

Neste sentido, uma grande limitação que este estudo teve foi o fato de não ter sido possível avaliar o nível de satisfação de cada ação do PQVT que o praticante de GL participou. Assim como, o de analisar se tal evento conseguiu atingir o seu objetivo proposto, quais foram às percepções e hábitos geradas posteriormente, as sugestões e considerações dos

seus participantes, a sua utilidade, a necessidade de continuidade e também a influência que ele teve no ambiente de trabalho.

REFERÊNCIAS

ALVES, E. F. Programas e ações em qualidade de vida no trabalho. **Revista INTERFACEHS**, v.6, n.1, p. 60 – 78, abr. 2011.

ANDRADE, P. P.; VEIGA, H. M. da S. Avaliação dos trabalhadores acerca de um Programa de Qualidade de Vida no Trabalho: Validação de Escala e Análise Qualitativa. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 32, n. 2, p. 304-319, 2012.

BASTOS, N. M. G. **Introdução à metodologia do trabalho acadêmico**. 5. ed. Fortaleza: Nacional, 2008.

CAMPOS, M. O.; NETO, J. F. R. Qualidade de vida: um instrumento para promoção de saúde. **Revista Baiana de Saúde Pública**, v.32, n.2, p.232-240, maio/ago. 2008.

CANDOTTI, C. T.; SILVA, M. R. da; NOLL, M. LUCCHESI, C. R. Efeito da ginástica laboral sobre a motivação para a prática regular de atividade física. **Revista Baiana de Saúde Pública**, v.35, n.2, p.485-497, abr./jun. 2011.

CANDOTTI, C. T.; STROSCHEIN, R.; NOLL, M. Efeitos da Ginástica Laboral na dor nas costas e nos hábitos posturais adotados no ambiente de trabalho. **Rev. Bras. Ciênc. Esporte**, Florianópolis, v. 33, n. 3, p. 699-714, jul./set. 2011.

CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE. Aprova as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Resolução n. 466, 12 de dezembro de 2012. **Diário Oficial da União**, Brasília, n. 12, 13 jun. 2013. Seção 1, p. 59.

FERRACINI, G. N.; VALENTE, F. M. Presença de sintomas musculoesqueléticos e efeitos da ginástica laboral em funcionários do setor administrativo de um hospital público. **Rev Dor**, São Paulo, v. 11, n. 3, p. 233-236, jul./set. 2010.

FERREIRA, M. C.; ALVES, L.; TOSTES, N. Gestão de Qualidade de Vida no Trabalho (QVT) no Serviço Público Federal: O Descompasso entre Problemas e Práticas Gerenciais. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 25, n. 3, p. 319–327, jul./set. 2009.

GALLIZA, T. A.; GOETTEN, A. S. Os benefícios da Ginástica Laboral na prevenção dos Distúrbios Osteomusculares Relacionados ao Trabalho. **Ágora: Revista de Divulgação Científica**, Mafra, v. 17, n. 1, 2010.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1991.

GIORDANI, L. B. **Ginástica Laboral e sua influência no estilo de vida**: um estudo, acerca de sua contribuição: no relacionamento interpessoal, na alimentação e na prática de atividade física. 2011. 53 f. Trabalho de Conclusão do Curso de (Bacharelado em Educação Física) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

JUSTIÇA FEDERAL NO CEARÁ. Comitê de Qualidade de Vida no Trabalho. **Programa de Qualidade de Vida no Trabalho Cuidar-se é Legal**. Fortaleza, 2015.

LIMA, V. de. **Ginástica Laboral**: atividade física no ambiente de trabalho. 2 ed. São Paulo: Phorte, 2005.

MARTINS, Caroline de Oliveira. **Repercussão de um programa de ginástica laboral na qualidade de vida de trabalhadores de escritório**. 2005. 187f. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção) – Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.

NAKATA, L. E.; VELOSO, E. F. R.; FISCHER, A. L.; DUTRA, J. S. Uso de pesquisas de clima organizacional no Brasil. **Gestão Contemporânea**, Porto Alegre, Ano 6, n. 6, p. 45-68, jan./dez. 2009.

ROCHA, I. P. Consciência corporal, esquema corporal e imagem do corpo. **Corpus etScientia**, v. 5, n. 2, p. 26-36, set. 2009.

SANTANTONIO, Natalia San Martin. **Impacto de um Programa de Ginástica Laboral sobre a Qualidade de Vida dos Funcionários de uma Empresa Financeira na cidade de Londrina/PR**. 2011. 89f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Educação Física) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2011.

SEDREZ, J. A.; ROSA, M. I. Z. da; CUNHA, A.; CANDOTTI, C. T. Avaliação dos efeitos de um Programa de Ginástica Laboral, sobre a dor e a qualidade de vida. **Cinergis**, v. 13, n. 2, p. 21-26, abr./jun., 2012.

SINNOT SILVA, R.; SILVA, I. da; AZEVEDO DA SILVA, R.; SOUZA, L.; TOMASI, E. Atividade física e qualidade de vida. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 15, n. 1, p. 115-120, 2010.

SOUZA, F. K. N.; ZIVIANI, F. A Qualidade de Vida no Trabalho correlacionada à prática da Ginástica Laboral. **E-civitas Revista Científica do Departamento de Ciências Jurídicas, Políticas e Gerenciais do UNI-BH**, Belo Horizonte, v. 3, n. 1, jul., 2010.

THOMAS J. R.; NELSON, J. K. **Métodos de pesquisa em atividade física**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2002.

CREDENCIAIS DA AUTORA

¹Isabele Islai da Silva Melo

Graduação em Educação Física pela Universidade Estadual do Ceará (UECE).

E-mail: isabeleislai@outlook.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5720968298690469>

Recebido em: 20 jul. 2018.

Aprovado em: 24 dez. 2019.

ARTIGO ORIGINAL

AVALIAÇÃO DO RISCO DE ORTOREXIA, ANOREXIA E BULIMIA NERVOSA
ENTRE PRATICANTES DE EXERCÍCIO FÍSICO EM ACADEMIAS DE LIMOEIRO
DO NORTE- CELeontina Maciel da Silva¹
Josicléia Vieira de Abreu²

RESUMO

Objetivo: Avaliar o risco de Ortorexia Nervosa entre praticantes de atividade física em academias de Limoeiro do Norte-CE. Como também, o risco de outros transtornos alimentares como Anorexia e Bulimia Nervosa. **Metodologia:** Estudo de tipo transversal, descritivo e analítico, realizado com praticantes de exercício físico, mediante aplicação de um formulário sócio demográfico, o questionário Orto-15 que avalia o risco de atitudes obsessivas por alimentos saudáveis e *Eating Attitudes Test* (EAT-26) que investiga o risco de transtornos Alimentares como Anorexia e Bulimia. **Resultados:** O estudo compreendeu 89 praticantes de atividade física da cidade de Limoeiro do Norte- CE, com média de idade de $27,77 \pm 9,91$ anos, sendo a prevalência de 75 (84%) para Ortorexia e 46 (51%) para a presença de outros transtornos alimentares. A amostra foi composta sem grandes discrepâncias entre sexos, com o risco de Ortorexia de 51% para o sexo masculino. Em contrapartida, a prevalência de risco para outros transtornos alimentares como Anorexia e Bulimia foi de 59% para o sexo feminino. Uma baixa correlação foi encontrada entre os testes Orto-15 e EAT-26 de acordo com o teste de Correlação de Pearson. **Conclusão:** A maioria dos praticantes de atividade física obtiveram um alto risco de Ortorexia Nervosa e a presença de transtornos alimentares.

Palavras chaves: Comportamento alimentar. Alimentos. Academias de ginástica.

RISK ASSESSMENT OF ORTOREXIA, ANOREXIA AND NERVOUS BULIMIA
AMONG PEOPLE EXERCISE PRACTICES IN LIMOEIRO DO NORTE – CE

ABSTRACT

Objective: To evaluate the risk of nervous orthorexia among practitioners of physical activity in Limoeiro do Norte-CE. As well as the risk of other food disorders. **Methodology:** Cross-sectional, descriptive and analytical study. Performed with practitioners of physical activity through the application of a socio-demographic form, the Ortho-15 survey that assesses the risk of obsessive attitudes towards healthy foods and Eating Attitudes Test (EAT-26) that investigates the risk of food disorders such as anorexia and the bulimia. **Results:** The study comprised 89 practitioners of physical activity in the city of Limoeiro do Norte-CE with an average age of 27.77 ± 9.91 years, and the prevalence of (75) 84% for Orthorexia y 46 (51%) for the presence of other food disorders. It is often compounded by major gender discrepancies, with a 51% orthorexia risk for males. In contrast, the prevalence of risk of other eating disorders was 59% for female sex. A good correlation has been found between the Ortho-15 and EAT-26 children according to Pearson's correlation. **Conclusion:** The majority of practitioners of physical activity obtained a high risk of nervous orthorexia and the presence of food disorders.

Keywords: Eating behavior. Foods. Fitness centers.

1 INTRODUÇÃO

O comportamento alimentar é influenciado por vários fatores, como idade, sexo, hábitos familiares, clima, aspectos culturais e sociais. Além disso, a prática esportiva e os padrões de beleza expresso pela mídia, exercem uma grande influência sobre o comportamento alimentar (LAI *et al.*, 2013; MUNSCH, 2014). Esses fatores podem gerar modificações no estilo de vida de uma pessoa, provocando transtornos alimentares classificados como distúrbios psiquiátricos vistos como graves problemas de saúde, como Anorexia Nervosa, Bulimia Nervosa e Transtorno de Compulsão Alimentar (MARTINS *et al.*, 2011; AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2013).

Nos últimos anos, os meios de comunicação social, comunidades científicas, literatura e especialistas na área de nutrição têm lançado um novo termo, conhecido como Ortorexia Nervosa. Definido por Steven Bratman em 1997, para descrever pessoas que desenvolveram uma fixação por alimentação saudável (LARSEN, 2013; PONTES; MONTAGNER MARIA; MONTAGNER MIGUEL, 2014).

Esse termo Ortorexia Nervosa vem das palavras gregas “orthos”, que significa direito e correto, e “orexis” apetite. Embora a Ortorexia Nervosa ainda não tenha sido reconhecida como uma doença pelo Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-V) da Associação Americana de Psiquiatria, assim como, na Classificação Internacional de Doenças e Problemas Relacionadas à Saúde (CID-10) e no Manual de diagnósticos de Transtornos Alimentares da Associação Americana de Psicologia (APA), a mesma pode ser considerada como um distúrbio de comportamento que resulta em traços obsessivos de personalidade (CHAKI; PAL; BANDYOPADHYAY, 2013).

A Ortorexia Nervosa pode não ser percebida, pois a busca pela alimentação saudável é incentivada e tida como um hábito que promove bem-estar e longevidade, isto é, indivíduos ortoréxicos parecem seguir os padrões de saúde dificultando o diagnóstico. Pessoas com ortorexia têm orgulho de seus comportamentos e escolhas, e vão progressivamente se aperfeiçoando na obtenção de alimentos tidos como puros ou superiores. Esse caráter positivo dificulta a aceitação de que comportamentos “saudáveis” podem levar ao prejuízo da saúde (PONTES; MONTAGNER MARIA; MONTAGNER MIGUEL, 2014). A ideia de alimentação associada à prática esportiva exerce um importante papel na promoção da saúde e prevenção de doenças (MARTINS *et al.*, 2011).

Dessa forma, a busca por uma vida saudável e a prática de exercícios físicos têm sido cada vez mais evidenciadas, uma vez que estas apresentam efeitos benéficos na redução da mortalidade, doença cardiovascular, hipertensão, acidente vascular cerebral, síndrome metabólica, diabetes tipo II, câncer de colón e mama, depressão e quedas. Dessa forma, ser ativo fisicamente está diretamente ligado à saúde, promovendo adaptações fisiológicas favoráveis e melhora da qualidade de vida (FIUZA-LUCES *et al.*, 2013). Contudo, muito exercício físico e um foco exagerado na dieta, podem afetar a saúde de forma negativa, desencadeando transtornos alimentares (MALBOMBORG *et al.*, 2016).

Sabendo que a nutrição assume um papel importante no desempenho de praticantes de exercício físico e que estes tendem a exercer um grande controle sobre sua dieta, muitas vezes sem o acompanhamento por profissional de nutrição, aumenta assim, os riscos de desenvolver comportamentos de transtornos alimentares como a Anorexia e Bulimia nervosa e distúrbios alimentares como a Ortorexia.

Diante do exposto, o presente trabalho teve como objetivo, avaliar o risco de Ortorexia Nervosa, entre praticantes de Exercício Físico em academias situadas na cidade de Limoeiro do Norte- CE. Como também, o risco de outros transtornos alimentares como Anorexia e Bulimia Nervosa.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 TRANSTORNOS ALIMENTARES E ATIVIDADE FÍSICA

Os transtornos alimentares são doenças psiquiátricas que ocasionam preocupações excessivas e persistentes em relação a forma física e alimentar, provocando graves prejuízos à saúde do indivíduo. Os transtornos mais relatados são a Bulimia Nervosa e a Anorexia Nervosa. Em geral, acometem pessoas do sexo feminino, mas também é possível encontrar em indivíduos do sexo masculino (SOUZA; RODRIGUES, 2014).

A atividade física e a prática de esporte regular são essenciais para o desenvolvimento físico, mental, psicológico e social do indivíduo (SEGURA-GARCÍA *et al.*, 2012). Segundo Haman, Lindgren e Prell (2017), ao mesmo tempo que as academias são lugares para obtenção de saúde e bem-estar, dietas rigorosas e altos volumes de exercício, geralmente são exercidas nesses locais, no qual, os indivíduos muitas vezes deixam atividades sociais, ocupacionais, pela necessidade compulsiva de manter seu cronograma de treinamento e dieta com o objetivo

de se enquadrar em um padrão estético expresso pela sociedade. Esses aspectos favorecem o desenvolvimento de Transtornos Alimentares e outros distúrbios (BEHAR; MOLINARI, 2010).

A prática esportiva também pode ser exercida em busca de um comportamento compensatório, na tentativa de minimizar o sentimento de culpa, provocado por episódios de compulsão alimentar. Contudo, o equilíbrio é essencial para o bom funcionamento do organismo, tanto no controle da prática de atividade física como também, na alimentação, ambos são fundamentais na prevenção de Transtornos Alimentares (BAPTISTA; PANDINI, 2005).

2.2 ORTOREXIA NERVOSA

A ortorexia nervosa é considerada um desvio de conduta alimentar, descrita pela primeira vez em 1997, pelo médico americano Steven Bratman, como uma fixação pela saúde alimentar, caracterizada por uma obsessão doentia por alimentos saudáveis. Geralmente essas pessoas, gastam mais de 3 horas por dia na preparação da dieta, evitam alimentos que podem conter corantes artificiais, aromatizantes, conservantes, resíduos de pesticidas ou ingredientes geneticamente modificados, gorduras, alimentos açucarados e salgados, entre outros, considerados insalubres. A forma de preparação, utensílios de cozinha e outras ferramentas usadas, também são características presentes nesse comportamento obsessivo (BARTRINA 2007; SOUZA; RODRIGUES, 2014). Além disso, esses indivíduos com ortorexia tendem a se privar do convívio social, preferindo realizar suas refeições sozinhas, evitando questionamentos em relação a suas escolhas alimentares (BRADMAN, 1997).

A prática desse ritual leva a uma dieta muito restritiva, a dependência de tal dieta elimina muitos nutrientes essenciais, provocando deficiências nutricionais, como consequência podem apresentar desnutrição, anemia, hipovitaminose e déficit de vitamina B12, comprometendo a qualidade de vida desses indivíduos (RIBAS; SUEN, 2013; CHAKI; PAL; BANDYOPADHYAU, 2013).

Este comportamento ortoréxico é descrito como tendo um começo inocente, por exemplo, um desejo de evitar doenças e melhorar os hábitos alimentares e físicos, mas estas mudanças posteriormente saem do controle e levam a uma obsessão doentia, tornando a dieta a parte mais importante da vida. Os grupos populacionais mais atingidos são compostos por adolescentes, atletas, profissionais da área de medicina e nutrição, e pessoas envolvidas com a imagem corporal (HAMAN *et al.*, 2016; LUNA; BELMOMTE, 2016).

A Ortorexia Nervosa deve ser distinguida da Anorexia ou Bulimia Nervosa no sentido de que ortorexia é utilizada para categorizar um indivíduo com obsessão pela qualidade alimentar ao passo que os anoréxicos e bulímicos focam na quantidade, no controle do peso. Porém, os ortoréxicos apresentam algumas características em comum com pacientes anoréxicos, eles geralmente são ansiosos, perfeccionistas, com uma necessidade exagerada para o autocuidado, proteção e controle (HAMAN *et al.*, 2016; LUNA; BELMOMTE, 2016).

Os últimos estudos apontam que a Ortorexia Nervosa, assim como os Transtornos Alimentares, estão se tornando cada vez mais presente no meio social. Contudo, uma classificação clara da Ortorexia Nervosa ainda não foi devidamente desenvolvida, há uma recorrente discussão se ela pertenceria ao grupo dos transtornos alimentares ou dos transtornos obsessivos compulsivos (COELHO *et al.*, 2016).

3 PROCEDIMENTO METODOLÓGICO

Trata-se de um estudo de delineamento transversal, descritivo e analítico, o qual teve a etapa de coleta dos dados realizada em janeiro de 2018, em nove academias de Limoeiro do Norte-CE, devidamente registradas no Conselho de Educação Física (CREF5-CE). Inicialmente foi realizado um estudo piloto em todas as academias registradas, sendo ao todo 16 academias. Contudo, nove aceitaram participar do estudo, colhendo o número total de 1102 praticantes. Posteriormente, foi efetuado o cálculo amostral com um nível de significância de 5% e confiança de 95% em cima da população alvo, com erro amostral de 10% obtendo uma amostra de 89 praticantes de atividade física de ambos os sexos.

A pesquisa foi realizada após a provação do Comitê de Ética do Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia do Ceará, campus Fortaleza-CE, com o número do parecer 2.581.089, bem como, após assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) pelos praticantes de atividade física, quando maiores de dezoito anos, ou pelos seus pais ou responsáveis, quando menores de idade, de acordo com a resolução 466/12 (BRASIL, 2012).

Para realização da coleta dos dados foi utilizado um formulário elaborado pelo próprio autor para a obtenção de variáveis como: sexo, idade, escolaridade, duração do exercício, estado civil, e modalidade praticada, todas as variáveis foram obtidas através do autopreenchimento do participante.

A avaliação do risco de ON foi realizada a partir do preenchimento do ORTO- 15, desenvolvida por Donini *et al.* (2005), o qual é composto por 15 questões de múltipla escolha,

que investigam atitudes obsessivas dos indivíduos quanto à escolha, preparo e consumo de alimentos considerados saudáveis. As respostas variam no intervalo de 1-4, sendo que as respostas que indicam sinais de ortorexia pontuam (1) e as respostas com comportamento mais saudável pontuam (4). A soma da pontuação do teste indica o resultado. Este instrumento foi validado para população brasileira, com o ponto de corte com escore de 40 para baixo diagnosticando a ortorexia em estudos populacionais (PONTES; MONTAGNER MARIA; MONTAGNER MIGUEL, 2014).

A prevalência de transtornos alimentares foi avaliada pelo questionário *Eating Attitudes Test (EAT-26)* desenvolvido por Garner et al, (1982) um questionário de autorrelato normalizado, amplamente utilizado na investigação de sintomas e preocupações com hábitos alimentares anormais, composto por 26 questões na forma de escala de pontos de Likert (sempre = 3; muitas vezes = 2; frequentemente = 1; poucas vezes, quase nunca e nunca = 0). A questão 25 apresenta pontuação invertida, as alternativas “sempre”, “muitas vezes” e “frequentemente” são avaliadas com peso 0, a resposta “poucas vezes” apresentam peso 1, “quase nunca” peso 2 e “nunca” valor 3. O resultado é obtido a partir da soma das respostas dos itens, a variação pode ser de 0 a 78 pontos, sendo que quanto maior o resultado, maior o risco de desenvolvimento de Transtorno Alimentar. Considera-se um ponto de corte de 21 pontos. O questionário é composto por três subescalas, cada qual avaliando diferentes fatores do comportamento alimentar: dieta (13 itens), bulimia e preocupação com alimentos (6 itens) e autocontrole oral (7 itens) (GARNER *et al.*, 1982).

Para análise estatística foi utilizado o programa IBM SPSS Statistics. Os dados foram apresentados como frequências absolutas ou relativas, média e desvio padrão. Para a correlação entre as variáveis dos resultados dos testes de ORTO-15 e EAT-26 foi utilizado o teste de correlação de Pearson.

4 RESULTADO E DISCUSSÃO

O estudo compreendeu 89 praticantes de atividade física da cidade de Limoeiro do Norte- CE, sendo 47 (52,8%) do sexo masculino e 42 (47,2%) do sexo feminino. Com média de idade de $27,77 \pm 9,91$ anos ao todo. (idade mínima de 16 e máxima de 66 anos). As variáveis sociodemográficas estão descritas na tabela 1.

Tabela 1 - Dados descritivos do perfil sociodemográfico dos praticantes de atividade física da cidade de Limoeiro do Norte-CE, 2018.

Variável	N 89	(%) 100
Sexo		
Feminino	42	47,2
Masculino	47	52,8
Faixa Etária (anos)		
< 18	02	2,2
18 – 25	45	50,6
26 – 30	18	20,2
31 – 35	10	11,2
36 – 40	05	5,6
>40	09	10,1
Escolaridade		
Ensino Fundamental completo	03	3,4
Ensino Médio completo	41	46,1
Ensino Superior completo	45	50,6
Estado civil		
Solteiro	72	80,9
Casado	17	19,1
Modalidades		
Musculação	61	68,5
Cross Training	05	5,6
Pilates	02	2,2
Dança	01	1,1
Musc. e outros	20	22,5
Horas praticadas		
1h - 1h30min	66	74,0
2-3h	23	25,8

Fonte: O autor (2018)

Após análises das variáveis descritivas, pode-se notar uma prevalência de jovens do sexo masculino, solteiros e com maior nível de escolaridade. Dentre as modalidades praticadas o maior percentual correspondeu a prática de musculação.

De acordo com o Orto-15, dos 89 praticantes avaliados, n=75 (84%) apresentaram o risco para Ortorexia Nervosa (Figura 1A). A amostra foi composta sem grandes discrepâncias entre sexos, sendo o risco de 51% para o sexo masculino (Figura 1B).

O risco de Ortorexia Nervosa (84%) entre os praticantes de atividade física, corrobora com um estudo brasileiro realizado por Tocchetto (2016) que ao avaliar o risco de ortorexia em desportista recreacionais, obteve um resultado semelhante de 84% ao serem avaliados, assim como o presente estudo pelo teste Orto 15. Um outro estudo brasileiro realizado por Vital, Silva e Messias (2016) com universitários de educação física, obtiveram um percentual de 82,5%. Malmberg *et al.* (2017) ao avaliarem estudantes suecos apresentaram um resultado de 84,5% para estudantes de ciência do exercício em comparação aos estudantes de ciências do negócio. Em outras avaliações, porém, com públicos diferentes, as prevalências foram similares. Pontes (2012) relatou 83% entre estudantes brasileiros do curso de Nutrição, já

Aksoydan e Camci (2009) ao examinarem 94 artistas de ambos os gêneros, encontraram uma ocorrência de 81,8 % entre cantores de ópera, 36,4% nos músicos da orquestra e 32,1% nos bailarinos. Segundo Luna, Belmonte (2016) um estudo realizado na Espanha em uma comunidade de Yoga, o risco foi de 86% entre os praticantes.

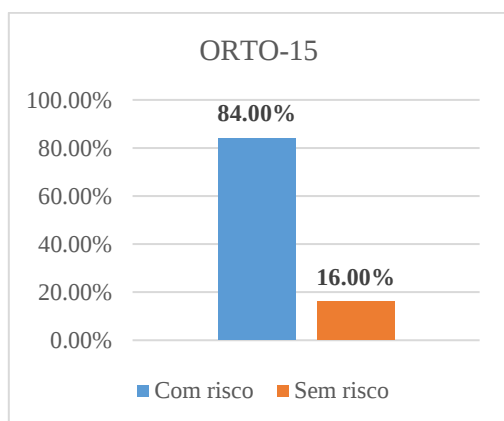


Figura 1A

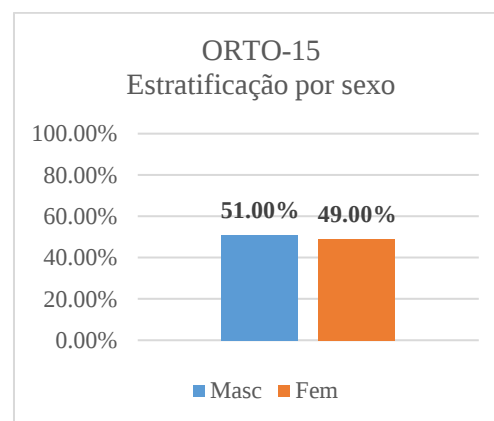


Figura 1B

Figura 1 - Percentual de risco de transtornos alimentares e estratificação por sexo segundo resultados dos testes ORT-15.

No que diz respeito ao escore EAT-26, os achados indicaram que 52% dos praticantes tinham riscos para transtornos alimentares (Figura 2A) com prevalência maior para o sexo feminino de 59% (Figura 2B).

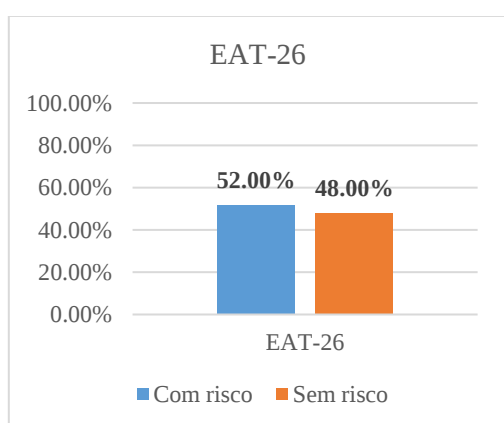


Figura 2A

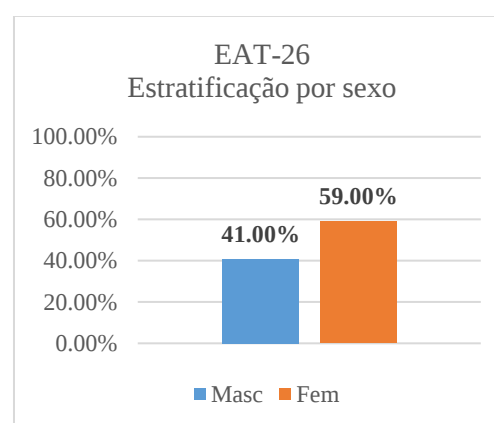


Figura 2B

Figura 2 - Percentual de risco de transtornos alimentares e estratificação por sexo segundo resultados dos testes EAT-26.

Em relação ao teste EAT-26 o percentual de risco para transtornos alimentares encontrados no presente estudo foi de 52% entre os participantes, resultado superior ao encontrados no estudo com 71 mulheres em uma academia no centro do município de Chapeco (SC), que após a realização e análise do EAT-26, apresentaram um percentual de

33,8% (DAROS; ZAGO; CONFORTIN, 2012). Em Segura-Garcia (2012) a prevalência foi 14% em atletas italianos das seguintes modalidades: judô, boxe, musculação, vôlei, basquete, futebol e atividades aeróbicas. Forte *et al.* (2016) encontraram 17,4% ao realizarem o estudo com adolescentes brasileiros da cidade de Juiz de Fora/MG.

Notou-se que a ortorexia não é um transtorno associado apenas às mulheres, considerando que tanto os homens quanto mulheres podem transformar em obsessão o desejo por uma alimentação saudável (COELHO *et al.*, 2016). O estudo de Segura-García (2012) observou entre os atletas e frequentadores de academia, um maior percentual no sexo masculino para o risco de ortorexia nervosa, corroborando com o estudo presente. Segundo a literatura o desenvolvimento de ortorexia nervosa é mais prevalente nesse gênero (AKSOYDAN; CAMCI, 2009; FIDAN *et al.*, 2010; VITAL; SILVA; MESSIAS, 2017). Esse resultado pode decorrer do maior número de homens em competição esportiva e pela grande busca do ganho de massa muscular (SEGURA-GARCIA, 2012).

Em contrapartida, a avaliação do teste EAT-26, mostrou uma maior prevalência para o sexo feminino, o que já era esperado, visto que, os estudos apontam que esse grupo apresenta maiores frequências para o desenvolvimento de transtornos alimentares como Anorexia nervosa e Bulimia, já que, geralmente, mostram uma intensa preocupação com a saúde, e são mais críticas em relação ao seu corpo, sempre em busca do padrão exigido pela mídia e pela sociedade, principalmente as praticantes de atividade física (DAROS; ZAGO; CONFORTIN 2012; BRYTEK-MATERA, 2015).

A relação dos resultados dos testes de ORTO-15 e EAT-26, através do teste de Correlação de Pearson, resultou em uma baixa correlação, ($r = -0,390$ $p < 0,01$) ou seja, o fato do indivíduo apresentar algum risco para ortorexia nervosa, não quer dizer necessariamente, que o mesmo poderá desenvolver outros transtornos alimentares, como Anorexia ou Bulimia. O que não corrobora com Bo *et al.* (2014), e outros autores que relataram uma correlação positiva, em seus estudos (SEGURA-GARCIA *et al.*, 2012; BUNDROS *et al.*, 2016). Um artigo de revisão, ressalta que a presença de ortorexia pode levar ao desenvolvimento de um Transtorno da Conduta Alimentar. E que existe uma transposição entre Anorexia, Bulimia e Ortorexia Nervosa, podendo se observar em alguns pacientes que tiveram um diagnóstico de Bulimia Nervosa e Anorexia Nervosa no passado, uma passagem para um quadro com características ortorexícas. Porém algumas características ideológicas e comportamentais, no entanto, distinguem os pacientes com Transtorno Alimentares dos indivíduos com Ortorexia Nervosa. Após um diagnóstico clínico, o tratamento deve ser realizado com abordagem de

uma equipe multidisciplinar, envolvendo médicos, psicólogos ou psicoterapeutas e nutricionistas (MISSBACH; DUNN; KONIG, 2017; LUNA, BELMONTE, 2016).

5 CONCLUSÃO

De acordo com os resultados, a maioria dos praticantes de exercício físico obtiveram um alto risco para Ortorexia Nervosa e outros Transtornos Alimentares como Anorexia e Bulimia, visto que, a alimentação é um fator decisivo na composição corporal e rendimento físico. Esses resultados indicam uma tendência desse público ao desenvolvimento de Ortorexia Nervosa e Transtornos alimentares como Anorexia e Bulimia. Ainda, destaca-se que os testes demonstraram pouca diferença nas prevalências segundo a variável sexo, sendo o teste EAT-26 mais sensível nesta análise.

Dentre as limitações deste estudo, citamos o tamanho da amostra reduzida, a ocorrência de poucos estudos brasileiros conduzidos com o mesmo perfil do público alvo, assim para maiores comparações. Provavelmente a falta de outros instrumentos nesse estudo, que avaliassem o risco de transtornos alimentares, além do teste EAT-26.

Contudo, são necessárias maiores pesquisas, para descrever de modo mais completo o comportamento ortoréxico e sua prevalência em grupos vulneráveis. Esses estudos poderão contribuir para um futuro reconhecimento no Manual de Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-V), como também fornecer informações a profissionais da área de saúde para que possam identificar indivíduo com características ortoréxicas.

REFERÊNCIAS

AKSOYDAN, E.; CAMCI, N. Prevalence of orthorexia nervosa among Turkish performance artists, **Eat Weight Disord.** v.14, n.1, p. 33-7, 2009.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION: Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders. **DSM-V**. 5th ed. Arlington, VA, USA: American Psychiatric Publishing; 2013.

BAPTISTA, A.P.; PANDINI, E.V. Distúrbios alimentares em frequentadores de academia. **Revista Digital Buenos Aires**. 2005; Disponível em: < <http://www.efdeportes.com/efd82/aliment.htm>>. Acesso em: 5 jun. 2018.

BEHAR, R.; MOLINARI, D. Dismorfia Muscular, Imagen Corporal y Conductas Alimentarias en dos Poblaciones Masculinas. **Rev Med Chile**. v. 138, p.1386-1394, 2010.

BO, S. *et al.* University courses, eating problems and muscle dysmorphia: are there any associations? **Journal Of Translational Medicine**, v.12, N.1, 2014.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução n. 466, de 12 de dezembro de 2012**. Aprova diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Brasília, Diário Oficial da União, 12 dez. 2012.

BRATMAN S. Original essay on orthorexia. 1997. Disponível em: <http://www.orthorexia.com/index.php?page=essay>. Acesso em: 08 de março de 2018.

BRYTEK-MATERA, A. *et al.* Orthorexia nervosa and self-attitudinal aspects of body image in female and male university students. **Journal of Eating Disorders**, v.3, N.2, 2015.

BUNDROS, J. *et al.* Prevalence of orthorexia nervosa among university students based on trends in test and associates of Bratman. **Appetite**, v.101, p.86-94, 2016.

CHAKI, B.; PAL, S.; BANDYOPADHYAY, A. Exploring scientific legitimacy of orthorexia nervosa: a newly emerging eating disorder. **Journal of Human Sport and Exercise**, v. 8, n. 4, p.1045-1053, 2013.

COELHO, G. C. *et al.* As Consequências físicas, psíquicas e sociais em indivíduos com Ortorexia Nervosa. **Revista Brasileira de Obesidade, Nutrição e Emagrecimento**, São Paulo, v.10. n.57. p.160-168. Maio/Jun, 2016.

DAROS, K.; ZAGO, É. C.; CONFORTIN, F.G. Transtornos Alimentares e Imagem Corporal de mulheres praticantes de atividade física em academias do município de Chapecó-Sc. **Rev. Brasileira de Nutrição Esportiva**, São Paulo, v.6, n.36, p. 495-503, 2012.

FIDAN, T.; ERTEKIN, V.; IŞIKAY, S.; KIRPINAR, I. Prevalence of orthorexia among medical students in Erzurum. Turkey. **Compr Psychiatry**, Turquia, v.51, n. 1, p. 49-54, jan. 2010.

FIUZA-LUCES, C.*et al.* Exercise is the real polypill. **Physiology**, vol. 28, n. 5, p.330-358, 2013.

FORTES, L. S. *et al.* Qualidades Psicométricas do Eating Attitudes Test (EAT-26) para adolescentes brasileiros do sexo masculino. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 32, n.3, 2016.

GARNER D.M.; OLMESTED M.P.; BOHR Y.; GARFINKEL P.E. The Eating Attitude Test: psychometric features and clinical correlates. **Psychol Medicine**. v. 12, p. 871-878, 1982. Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/6961471>>. Acesso em: 5 jun. 2018.

HAMAN, L.; BARKER-RUCHTI, N.; PATRIKSSON, G.; LINDGREN, E. The framing of orthorexia nervosa in Swedish daily newspapers A longitudinal qualitative content analysis. **Scandinavian sport studies fórum**, v. 7, p. 27-46, 2016. Disponível em: <<https://muep.mau.se/bitstream/handle/2043/21640/hamanetal.pdf?sequence=2>>. Acesso em: 5 jun. 2018.

HAMAN, L.; LINDGREN, E.; PRELL, H. “If it’s not Iron it’s Iron f*cking biggest Ironman”: personal trainers’s views on health norms, orthorexia and deviant behaviours. **International Journal of Qualitative Studies on Health and Well-being**, v.12, n.1, 2017. Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/28826371>>. Acesso em: 5 jun. 2018.

- LAI, C. M. *et al.* The associations of sociocultural attitudes towards appearance with body dissatisfaction and eating behaviors in Hong Kong adolescents. **Eating Behaviors**, v.14, n. 3, p. 320-324, 2013.
- LARSEN, K. I. **Similarities and differences between eating disorders and orthorexia nervosa**, (Dissertação de Mestrado). European Master in Health and Physical Activity. 2013.
- LUNA, C. A. BELMONTE, T. S. A. Ortorexia Nervosa: Um desafio para o nutrólogo
Orthorexia Nervosa: a challenge for the nutrology doctor. **International Journal of Nutrology**, v.9. n.1, p.128-139, 2016.
- MALMBORG, J.; BREMANDER, A.; OLSSON M. C.; BERGMAN, S. Health status, physical activity, and orthorexia nervosa: A comparison between exercise science students and business students. **Appetite**, V. 109, p.137-143, 2017.
- MARTINS, M.C.; *et al.* Ortorexia Nervosa: reflexões sobre um novo conceito. **Rev. Nutrição**, Campinas. v. 24, n. 2, p. 345-357, 2011.
- MISSBACH. B.; DUNN.T. M.; KONIG.J. S. We need new tools to assess Orthorexia Nervosa. A commentary on “Prevalence of Orthorexia Nervosa among College Students Based on Bratman’s Test and Associated Tendencies”. **Appetite**, v.108,p.521-524. 2017.
- MUNSCH, S. Study protocol: psychological and physiological consequences of exposure to mass media in young women - an experimental cross-sectional and longitudinal study and the role of moderators. **BMC Psychol**, v. 2, n.1, 2014.
- PONTES, J. B. **Ortorexia em estudantes de nutrição: a hipercorreção incorporada ao habitus profissional**. 2012. (Dissertação de Mestrado) Mestrado em Ciências da Saúde - Universidade de Brasília, Brasília, 2012.
- PONTES, J. B.; MONTAGNER, M. I.; MONTAGNER, M. Â. Ortorexia nervosa: adaptação cultural do orto-15. **Demetra: Alimentação, nutrição & saúde**, v. 9, n. 2, p. 533-548, 2014.
- RIBAS, F. D.; SUEN, V. M. M. **Avaliação do estado nutrológico infantojuvenil**. Transtornos da conduta alimentar e terapia nutrológica. Tratado de Nutrologia. São Paulo: Manole, 2013.
- SEGURA-GARCÍA, C. *et al.* Orthorexia nervosa: A frequent eating disordered behavior in athletes. **Eat Weight Disord**. v.17, n. 4, p. 226-33. 2012
- SOUZA, Q. J. O. V. de; RODRIGUES, A. M. Comportamento de risco para ortorexia nervosa em estudantes de nutrição. **J Bras Psiquiatr**, v. 63, n. 3, p. 200-204, 2014
- TOCCHETTO. B. **Avaliação da Prevalência de Ortorexia e Vigorexia em Desportistas Recreacionais**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação). Universidade Federal do Rio Grande Do Sul. 2016.
- VITAL, A.B.A.; SILVA, E.I.G.; MESSIAS, C.M.B.O. Risco para desenvolvimento de Ortorexia Nervosa e o comportamento alimentar de estudantes universitários. **Saúde e Pesquisa**, Maringá (PR), v. 10, n. 1, p. 83-89, jan./abr 2017.

CREDENCIAIS DAS AUTORAS**¹Leontina Maciel da Silva**

Graduada em Bacharelado em Nutrição pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE), *campus* Limoeiro do Norte, CE, Brasil.

E-mail: leontinamaciel2013@hotmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8834862473777859>

²Josicléia Vieira de Abreu

Mestre em Ensino da Saúde pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Prof^a. MSc no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (UECE), *campus* Limoeiro do Norte, CE, Brasil.

E-mail: josicleia.abreu@ifce.edu.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4598151980216528>

Recebido em: 20 jul. 2018

Aprovado em: 28 dez. 2019

ARTIGO ORIGINAL**FORÇA, AGILIDADE E VELOCIDADE DE DESLOCAMENTO EM ATLETAS DE VOLEIBOL JUVENIL**

Pedro Henrique de Sousa¹
Alisson Polineli Moura Brito²
Danilo Lopes Ferreira Lima³

RESUMO

Nos dias atuais, o voleibol está sendo bastante difundido no mundo e, principalmente, em todo o território brasileiro onde é considerado o segundo esporte mais praticado, trazendo vários benefícios com sua prática. O objetivo do presente estudo foi identificar o nível de força, agilidade e velocidade de deslocamento em atletas de voleibol juvenil. Participaram do estudo 12 atletas de voleibol juvenil do sexo masculino, com idades entre 14 e 15 anos. Os investigados foram submetidos aos testes de força (arremesso de medicine ball), agilidade (teste do quadrado) e velocidade de deslocamento (corrida de 20 metros). Ao avaliar o nível de força 66,7% dos avaliados foram considerados como excelente ou muito bom. 83,4% dos avaliados foram considerados como fraco e razoável em relação à agilidade. Semelhantemente, 91,6% dos investigados estavam nos mesmos níveis fraco e razoável para a velocidade de deslocamento. Pode-se concluir que os atletas de voleibol demonstraram bons resultados no tocante à força muscular, contudo as valências agilidade e velocidade de deslocamento devem ser mais trabalhadas por mostrarem-se prevalentemente fracas.

Palavras-chave: Voleibol. Aptidão Física. Treinamento.

DISPLACEMENT FORCE, AGILITY AND SPEED IN YOUTH VOLLEYBALL ATHLETES**ABSTRACT**

Nowadays, volleyball is being widespread in the world and, mainly, throughout the Brazilian territory where it is considered the second most practiced sport, bringing several benefits with its practice. The aim of the present study was to identify the level of strength, agility and speed of displacement in youth volleyball athletes. Twelve male youth volleyball athletes aged 14 to 15 years participated in the study. The investigated subjects were submitted to tests of strength (medicine ball throwing), agility (square test) and displacement speed (20 meters run). When assessing the level of strength 66.7% of those evaluated were considered excellent or very good. 83.4% of respondents were considered to be weak and reasonable regarding agility. Similarly, 91.6% of those surveyed were at the same weak and reasonable levels for travel speed. It can be concluded that volleyball athletes have shown good results regarding muscle strength, however the valences agility and speed of displacement should be more worked because they are predominantly weak.

Keywords: Volleyball. Physical aptitude. Training.

1 INTRODUÇÃO

Nos dias atuais, o voleibol está sendo bastante difundido no mundo e, principalmente, em todo o território brasileiro onde é considerado o segundo esporte mais praticado, trazendo vários benefícios com sua prática.

A presente pesquisa apresenta como objeto de estudo atletas de voleibol masculino do município de Fortaleza, estado do Ceará, que estão na categoria juvenil. Nesses atletas pretendeu-se avaliar a aptidão física por meio de testes de força de membros superiores, agilidade, e velocidade.

O interesse em realizar tal estudo sobre aptidão física no voleibol deve-se ao fato do pesquisador ter sido atleta de voleibol durante toda a educação básica e depois professor de escolinha de voleibol. Em uma busca realizada nos sites eletrônicos PubMed, MEDLINE, SciELO foi verificado que poucos estudos científicos sobre o tema força de membros superiores, agilidade, e velocidade no voleibol foi conduzido no município de Fortaleza-Ceará.

A prática do voleibol é saudável para a faixa etária de 14 a 15 anos estudada. Sabe-se dos benefícios físicos, relacionados à saúde dos praticantes, psicológicos e sociais, por conta das relações interpessoais estabelecidas durante a prática do esporte justifica-se a relevância do trabalho.

A condução deste estudo contribui ainda para a divulgação e um maior conhecimento por parte da população e de profissionais que trabalham com o voleibol sobre a aptidão física. Dessa forma, formulou-se o seguinte questionamento para a atividade investigativa: Como está a aptidão física de atletas juvenis de voleibol masculino do município de Fortaleza-Ceará?

De forma hipotética e puramente baseada no conhecimento empírico do pesquisador, pode-se supor que os atletas apresentem uma boa aptidão física por praticarem o esporte. Para responder a pergunta inicial e rechaçar ou confirmar a hipótese levantada foi realizada uma pesquisa sobre a aptidão física em 12 atletas de voleibol juvenil do sexo masculino do município de Fortaleza-Ceará, por meio de testes de força, agilidade e velocidade deslocamento.

2 REVISÃO DE LITERATURA

De acordo com Moscarde, Alves e Gregol (2013), o voleibol vem influenciando no desenvolvimento saudável de estudantes e os distanciam da mentalidade distorcida. Aqueles que o pratica também têm uma vida mais ativa e corre menos riscos de adquirir doenças

crônicas. O voleibol se destaca pelo desenvolvimento das qualidades motrizes como velocidade, flexibilidade e resistência aeróbica, além da força para que possam dominar os hábitos motores relacionados com o esporte. Na fase do ensino fundamental as crianças são velozes, têm boa capacidade de concentração e de diferenciação de movimentos (SUVOROV; GRISHIN, 2002).

A aptidão física está relacionada com as capacidades do atleta em realizar suas funções dentro do jogo de acordo com sua posição (levantador, atacante central, atacante esquerda ou de ponta, atacante universal ou oposto e líbero) (BOJIKIAN; BOHME, 2008). O nível físico é bastante importante para o voleibol, necessitando de um bom aperfeiçoamento de certas valências físicas (SILVA *et al.*, 2011).

Para Zatsiorsky e Kraemer (1999), a força, ou força muscular é a capacidade de superar ou opor a uma resistência externa por meio de um esforço muscular. A força muscular pode ser definida como a superação de uma dada resistência pela contração muscular (UCHIDA *et al.*, 2008). Nesse sentido, para o voleibol, é essencial a valência força para o desenvolvimento da saúde ou alto rendimento esportivo.

A força muscular pode tanto refletir o estado de saúde como prever o desempenho para determinadas modalidades esportivas. A força muscular é importante em vários esportes, especificamente no voleibol onde é bastante utilizada a produzida pelos membros superiores (principalmente nos ombros), inferiores (saltos) e pelo tronco (SCHNEIDER; BENETTI; MEYER, 2004).

Agilidade é de grande importância para o desenvolvimento do voleibol, pois a mesma é a principal habilidade para a posição de expectativa do jogador na hora do saque ou cortada do adversário durante um jogo e são as formas mais eficazes para marcar o ponto no jogo. Segundo Gomes *et al.* (2011), a agilidade é uma variável neuromotora essencial para a prática do voleibol.

De acordo com Zakharov (1992), a velocidade é a capacidade que se manifesta quando o atleta pode executar as ações motoras no menor tempo possível, em determinado percurso.

A capacidade de responder prontamente a um estímulo é vital para o sucesso de um atleta em esportes com características do voleibol. Nesse sentido, o atleta de voleibol precisa considerar o tempo de reação, uma das habilidades determinantes para que sejam alcançados ótimos níveis para o desempenho (MACIEL *et al.*, 2009).

Para Silva *et al.* (2011) avaliações físicas específicas e periódicas são necessárias para que se possa montar uma preparação física adequada para uma equipe de voleibol que almeja buscar melhoria do desempenho atlético, e nessa fase, os atletas juvenis estão em um ponto de aperfeiçoamento das técnicas empregadas no esporte.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esse estudo do tipo transversal de abordagem quantitativa foi realizado no período entre os meses de março e maio de 2017, na sede de uma instituição particular de ensino, cidade de Fortaleza-Ceará.

Participaram do estudo 12 adolescentes, entre 14 e 15 anos, todos do sexo masculino e que estão regularmente matriculados na educação regular e que praticam o esporte há, pelo menos, 6 meses.

Para coleta de dados foram utilizados os testes de força, agilidade e velocidade de deslocamento inclusos no Manual de Teste e Avaliação do Projeto Esporte Brasil (PROESP-BR, 2015).

Para o teste de força (arremesso de medicine ball) do Manual de Teste e Avaliação do Projeto Esporte Brasil (PROESP-BR, 2015), foi utilizada uma bola de medicine ball de 2 kg e uma trena fixada no solo perpendicularmente à parede. O ponto zero da trena foi fixado junto à parede. O aluno sentou-se com os joelhos estendidos, as pernas unidas e as costas completamente apoiadas à parede, segurou a medicine ball junto ao peito com os cotovelos flexionados e, ao sinal do avaliador, lançou a bola à maior distância possível, mantendo as costas apoiadas na parede. A distância do arremesso foi registrada a partir do ponto zero até o local em que a bola tocou ao solo pela primeira vez. Foram realizados dois arremessos, registrando-se para fins de avaliação o melhor resultado, com uma casa decimal. Sugeriu-se que a medicine ball fosse banhada em pó branco para facilitar a identificação precisa do local onde tocou pela primeira vez ao solo (PROESP-BR, 2015).

Para o teste de agilidade (teste do quadrado) do Manual de Teste e Avaliação do Projeto Esporte Brasil (PROESP-BR, 2015), foi utilizado um cronômetro, um quadrado com 4 metros de lado, 4 cones de 50 cm de altura. Demarcou-se no local de testes um quadrado de quatro metros de lado. Colocou-se uma cone em cada ângulo do quadrado e com uma fita crepe ou uma reta desenhada com giz foi indicada a linha de partida. O aluno partiu da posição de pé, com um pé avançado à frente imediatamente atrás da linha de partida (num dos

vértices do quadrado). Ao sinal do avaliador, cada avaliado foi orientado a deslocar-se em velocidade máxima e tocar com uma das mãos no cone situada no canto em diagonal do quadrado. Na sequência, correu para tocar o cone à sua esquerda e depois se desloca para tocar o cone em diagonal. Finalmente, corre em direção á último cone, que corresponde ao ponto de partida. O cronômetro foi acionado pelo avaliador no momento em que o avaliado tocou pela primeira vez com o pé no interior do quadrado e foi travado quando tocou com uma das mãos no quarto cone. Foram realizadas duas tentativas, sendo registrado para fins de avaliação o menor tempo. Registram-se os resultados com duas casas decimais e escolhido o melhor após 2 tentativas (PROESP-BR, 2015).

Para o teste de velocidade de deslocamento (corrida de 20 metros) do Manual de Teste e Avaliação do Projeto Esporte Brasil (PROESP-BR, 2015), foi utilizado um cronômetro e uma pista de 20 metros demarcada com três linhas paralelas no solo da seguinte forma: a primeira (linha de partida); a segunda, distante 20m da primeira (linha de cronometragem) e a terceira linha, marcada a um metro da segunda (linha de chegada). A terceira linha serve como referência de chegada para o aluno na tentativa de evitar que ele inicie a desaceleração antes de cruzar a linha de cronometragem. Dois cones para a sinalização foram colocados na primeira e terceira linhas. O avaliado partiu da posição de pé, com um pé avançado à frente imediatamente atrás da primeira linha (linha de partida) e teve que cruzar a terceira linha (linha de chegada) o mais rápido possível. O cronômetro foi travado quando o aluno, ao cruzar a segunda linha (linha de cronometragem), tocou pela primeira vez ao solo. Registram-se os resultados com duas decimais. Foi utilizado o melhor resultado de duas tentativas. Todos os três testes tiveram seus resultados classificados em fraco; razoável; bom; muito bom e excelente (PROESP-BR, 2015).

Para a análise dos resultados foi utilizado o Programa SPSS 23.0®, sendo realizada a estatística descritiva através de frequência, média e desvio padrão. Esse estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Fortaleza sob parecer número: 2.080.557.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Entre os avaliados, as idades variaram entre 14 e 15 anos com média de $14,0 \pm 0,2$ anos. A média de tempo de prática do voleibol foi de $3,3 \pm 1,5$ anos e a média de treinos semanais foi de $3,5 \pm 1,0$ dias.

Ao avaliar o nível de força do grupo de atletas observou-se uma média de $4,6 \pm 0,7$ metros, onde 1 (8,3%) obteve resultado como excelente, 6 (50%) como muito bom, 2 (16,7%) como bom, 2 (16,7%) razoável e 1 (8,3%) como fraco (Tabela 1).

Tabela 1- Classificação do teste de força.

CLASSIFICAÇÃO	GRUPO TOTAL
Fraco	1 (8,3%)
Razoável	2 (16,7%)
Bom	2 (16,7%)
Muito bom	6 (50,0%)
Excelente	1 (8,3%)
Total	12 (100%)

Fonte: Elaborado pelo autor (2019).

De acordo com Cabral *et al.* (2016), a força explosiva de membros superiores em atletas de voleibol com idade média de 14 a 18 anos é a variável de aptidão física que manifesta indiscutivelmente melhor resultado. Essa afirmativa concorda com os achados do presente estudo que demonstrou a força como o melhor componente da aptidão física dos avaliados.

Quando realizado o teste de agilidade, a média do tempo foi $6,3 \pm 0,6$ segundos. Para efeito de classificação, nenhum 0 (0%) foi classificado como excelente e bom, 2 (16,6%) como muito bom e 10 (83,4%) como fraco e razoável (Tabela 2).

Tabela 2- Classificação do teste de agilidade.

CLASSIFICAÇÃO	GRUPO TOTAL
Fraco	5 (41,7%)
Razoável	5 (41,7%)
Bom	0 (0%)
Muito bom	2 (16,6%)
Excelente	0 (0%)
Total	12 (100%)

Fonte: Elaborado pelo autor (2019).

Os resultados desta pesquisa corroboram com o estudo de Silva *et al.*, (2011) onde foram avaliados 22 atletas de voleibol da cidade de Irati (PR), com idade média de $14,7 \pm 1,3$ anos sendo 10 do sexo masculino, quando foi verificado que a maioria estava em um platô regular de agilidade.

Foi identificado que no teste de velocidade de deslocamento, a média do tempo foi $3,8 \pm 0,5$ segundos. O resultado do teste de velocidade demonstrou que 0 (0%) estavam como

excelente e muito bom, 1 (8,3%) estava bom, 4 (33,3%) estava razoável e 7 (58,3%) estava fraco (Tabela 3).

Tabela 3- Classificação do teste de velocidade de deslocamento.

CLASSIFICAÇÃO	GRUPO TOTAL
Fraco	7 (58,3%)
Razoável	4 (33,3%)
Bom	1 (8,4%)
Muito bom	0 (0%)
Excelente	0 (0%)
Total	12 (100%)

Fonte: Elaborado pelo autor (2019).

Podemos observar no presente estudo uma alta prevalência entre fraco e razoável para velocidade de deslocamento, discordando do estudo conduzido por Knaben (2015), que verificou a aptidão física de adolescentes do sexo masculino que praticam voleibol, com idade média de $13,29 \pm 0,72$ anos, após a realização de um treinamento físico periodizado com utilização de metodologia de treinamento funcional (GTF) e 16 semanas de intervenção, encontrando resultados positivamente significativos para esse componente da aptidão física.

5 CONCLUSÃO

Pode-se concluir que os atletas de voleibol demonstraram bons resultados no tocante à força muscular, contudo as valências agilidade e velocidade de deslocamento devem ser mais trabalhadas por mostrarem-se prevalentemente fracas.

REFERÊNCIAS

- BOJIKIAN, L.P.; BÖHME, M.T.S. Crescimento e composição corporal em jovens atletas de voleibol feminino. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 22, n. 2, p.91-102, 2008.
- CABRAL, S. A. T. et al., Relação da idade óssea com antropometria e aptidão física em jovens praticantes de voleibol. **Rev Bras Ciênc Esporte**, v.38, n.1, p.69-75, 2016.
- GOMES, S. A. et al. Análise da flexibilidade e agilidade de atletas de futsal e voleibol femininos. **Coleção de Pesquisa em Educação Física**, v.10, n.2, p. 27-32, 2011.
- KNABEN, V. V. Treinamento funcional: influência na aptidão física de adolescentes praticantes de voleibol da cidade de Braço do Norte, SC. **Revista digital**. Buenos Aires, ano

20, n. 211, dez. 2015. Disponível em : < <http://www.efdeportes.com/efd211/treinamento-funcional-de-adolescentes-de-voleibol.htm> >. Acesso em 30 abr. 2017.

MACIEL, R. N. et al., Relação entre o tempo de reação e função específica em jogadores de voleibol. **Fitness e Performance**, v. 8, n.6, p. 395-399, 2009.

MOSCARDE, E. R.; ALVES, E.; GREGOL, D. C. Os Benefícios do Voleibol no âmbito Escolar. **Revista digital**. Buenos Aires, ano 18, n. 181, jun. 2013. Disponível em: < <http://www.efdeportes.com/efd181/os-beneficios-do-voleibol-no-ambito-escolar.htm> >. Acesso em: 03 mar. 2017.

PROESP-BR. (Projeto Esporte Brasil) Manual de testes e avaliação. **Faculdade Federal do Rio Grande do Sul**, 2015. Disponível em <<http://www.proesp.ufrgs.br>> Acesso em: 22 mar. 2017.

SCHNEIDER, P.; BENETTI, G.; MEYER, F. Força muscular de atletas de voleibol de 9 a 18 anos através da dinamometria computadorizada. **Rev Bras Med Esporte**, v. 10, n. 2, p. 85-91, 2004.

SILVA, L. A. et al., Nível de agilidade de atletas juvenis de voleibol da cidade de Irati, PR através do teste de shuttle run. **Revista digital**. Buenos Aires, ano 15, n. 152, jun. 2011. Disponível em: < <http://www.efdeportes.com/efd152/agilidade-de-atletas-de-voleibol.htm> >. Acesso em: 04 Abri. 2017.

SUVOROV, Y. P; GRISHIN, O. N. **Voleibol Iniciação**. 3. Ed., Rio De Janeiro: Sprint, 2002.

UCHIDA, M. C. el al., Manual de Musculação. **Uma Abordagem Teórico-Prático do Treinamento de Força**. 5.ed. São Paulo: Phorte, 2008.

ZAKHAROV, A. **Ciência do treinamento desportivo**. Rio de Janeiro: Grupo Palestra Sport, 1992.

ZATSIORSKY, V. M.; KRAEMER, V. W. **Ciência e Prática do Treinamento de Força**. 2 ed. São Paulo: Phorte, 1999.

CRENCIAIS DOS AUTORES

¹**Pedro Henrique de Sousa**

Universidade de Trás-Os-Montes de Alto Douro.

E-mail: pedrohx2@hotmail.com

²**Alisson Polineli Moura Brito**

Centro Universitário Estácio do Ceará.

E-mail: pol.alisson@outlook.com

³**Danilo Lopes Ferreira Lima**

Universidade de Fortaleza.

E-mail: lubbos@uol.com.br

Recebido em: 18 jul. 2018.

Aprovado em: 28 dez. 2019.

RELATO DE EXPERIÊNCIA**A INICIAÇÃO A PESQUISA NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA**Neucivânia Moreira da Silva¹Ticianne Bezerra Campos²Cesar Augusto Sadalla Pinto³**RESUMO**

O presente artigo tem como objetivo analisar as contribuições da disciplina de Metodologia do Trabalho Científico para a formação do professor pesquisador no curso de Licenciatura em Educação Física. Para isso descrevemos o desenvolvimento da disciplina, pontuando as dificuldades encontradas no transcurso do componente curricular. O trabalho é de natureza qualitativa com uso de relato de experiência. Os dados para a pesquisa foram coletados a partir de observações participantes, com o uso de notas de campo. Percebemos que os estudantes apresentaram dificuldades na delimitação do objeto de pesquisa, no uso das técnicas de análise de dados e dificuldades na escrita científica, entre outras. No decorrer da disciplina foi proporcionado momentos para que os alunos superassem algumas dificuldades do desenvolvimento de pesquisa. Concluímos ser imprescindível proporcionar espaços formativos para o desenvolvimento da capacidade de pesquisa nos cursos de formação de professores, com especial atenção para iniciação à pesquisa.

Palavras-Chave: Educação física. Pesquisa. Formação de professores.

INITIATION RESEARCH IN TRAINING PHYSICAL EDUCATION TEACHERS**ABSTRACT**

This article aims to analyze the contributions of the Scientific Work Methodology discipline to the formation of the researcher teacher in the Physical Education Degree course. For this we describe the development of the discipline, pointing out the difficulties encountered during the course of the curricular component. The work is qualitative in nature using experience report. The data for the research were collected from participant observations, using field notes. We noticed that the students presented difficulties in the delimitation of the research object, the use of data analysis techniques and difficulties in scientific writing, among others. During the course there were moments for students to overcome some difficulties of research development. We conclude that it is essential to provide training spaces for the development of research capacity in teacher training courses, with special attention to research initiation.

Keywords: Physical Education. Search. Teacher training.

1 INTRODUÇÃO

A pesquisa pode assumir um caráter educativo ou científico (DEMO, 2011). Como uma atividade educativa, no Ensino Superior a pesquisa está presente no cotidiano de professores e estudantes, constituindo-se em um importante elemento do processo ensino-aprendizagem. Quando essa pesquisa assume a forma de uma prática acadêmica institucionalizada, norteadas pelo rigor metodológico, passa a ser estimulada em momentos pontuais da formação, como nas disciplinas de metodologia científica ou de construção de trabalhos de conclusão de curso, e em reduzidos espaços extracurriculares destinados a iniciação científica.

A formação do professor pesquisador representa um desafio a ser enfrentado nos cursos de formação de professores. Para Nóvoa (2001) o professor pesquisador é aquele que pesquisa ou que reflete sobre a sua prática; aquele que indaga e que assume a sua própria realidade escolar como um objeto de pesquisa, reflexão e análise.

As dificuldades encontradas de formar professores para a pesquisa é uma realidade constatada empiricamente por Lüdke (2001, p. 93), segundo a qual “a precariedade de instâncias formadoras para a pesquisa ao longo dos cursos de graduação, seja na forma de disciplinas específicas, seja pela participação em projetos de pesquisa”, é um problema recorrente nos cursos de licenciatura, apesar de, contraditoriamente, a Universidade ser considerada o local por excelência para a formação do pesquisador.

Nesse sentido, as disciplinas e programas dedicados a ensinar aos alunos os elementos de um agir dito científico desempenham um importante papel no contexto geral da formação em pesquisa do estudante, cabendo a elas a difusão da postura científica como uma atitude contínua ao longo do curso. Dessa forma, nos questionamos quais as contribuições da disciplina de Metodologia do Trabalho Científico para a formação em pesquisa dos estudantes do curso de Licenciatura em Educação Física?

Norteados por essa inquietação, buscamos ao longo desse trabalho analisar as contribuições da disciplina de Metodologia do Trabalho Científico para a formação em pesquisa de estudantes de Educação Física, identificando as principais dificuldades encontradas no seu desenvolvimento e as estratégias adotadas para a superação dos problemas.

Acreditamos que a pesquisa com rigor científico é imprescindível na formação de professores em geral, e especificamente de professores de Educação Física, pois

estimula o estudante a ter uma postura crítica e argumentativa, promove o enriquecimento cultural pelo contato com teorias de diversos autores, valoriza o rigor e a clareza na escrita, entre outros. Nesse sentido, Soares Júnior e Borges (2012, p. 183) afirmam que “a formação de professores com capacidade para realizar pesquisa deva ser um processo contínuo, sem fim, assim como a formação docente”. Por esses motivos, acreditamos que os cursos de formação de professores devem proporcionar uma formação sólida em pesquisa ao longo de todo o curso, contribuindo para uma maior qualificação da atuação acadêmica e profissional.

2 MATERIAIS E MÉTODOS

Nesse trabalho, relatamos, a partir de uma perspectiva qualitativa (BOGDAN; BIKLEN, 1994), a experiência da disciplina de Metodologia do Trabalho Científico, ministrada no segundo semestre de um curso de Licenciatura em Educação Física do Instituto Federal do Ceará (IFCE), campus de Limoeiro do Norte.

O referido componente curricular é a base para construção de trabalhos acadêmicos que serão requisitados ao longo de toda graduação, entre eles o projeto de pesquisa e os artigos científicos. Além disso, a disciplina é uma oportunidade para que o estudante faça a primeira aproximação com as principais técnicas e métodos de pesquisa recorrentes em sua área de atuação, constituindo-se em um pré-requisito para a construção do trabalho de conclusão de curso.

Com o auxílio de notas de campo confeccionadas a partir de observações participantes de aulas (BOGDAN; BIKLEN, 1994), descrevemos a seguir os principais procedimentos didáticos desenvolvidos pelo professor, enfatizando como transcorreu o processo de iniciação científica dos estudantes e as dificuldades identificadas nesse processo.

3 RELATO DE EXPERIÊNCIA

Pela análise do plano de ensino do professor, percebemos que a disciplina de Metodologia do Trabalho Científico foi estruturada em quatro etapas inter-relacionadas, a saber: introdução à pesquisa educacional, conhecimento sobre métodos e técnicas de pesquisa em educação, construção do projeto de pesquisa e construção do artigo científico. A proposta metodológica da disciplina consistiu em proporcionar aos

estudantes um espaço para a realização de uma pesquisa, desde o seu planejamento, execução e comunicação.

Na etapa inicial, houve a explanação de conceitos importantes para o início da prática de pesquisa pelos estudantes. Entre os temas trabalhados destacamos o conceito de ciência, os tipos de conhecimento, as dificuldades de realização de uma pesquisa, a diferença entre pesquisa quantitativa e qualitativa, a definição do desenho metodológico da pesquisa, entre outros. Essa “introdução à pesquisa educacional” mostrou-se pertinente para que os estudantes pudessem fazer as primeiras aproximações com a prática de pesquisa na área da Educação, considerando que serão futuros professores. Contribuiu ainda para a desmistificação da ideia de pesquisa científica, entendida por muitos como uma postura distante do cotidiano e capaz de gerar um conhecimento inquestionável.

Em um segundo momento no desenvolvimento da disciplina, o professor propôs um seminário de estudos sobre os principais métodos e técnicas utilizados na pesquisa educacional. Cada grupo de alunos ficou responsável por estudar um método/técnica, expondo o resultado para o restante da turma. Os métodos/técnicas de interesse do seminário, previamente selecionados pelo professor, foram pesquisa-ação, estudo de caso, técnicas de pesquisa (observação, questionário e entrevista), pesquisa bibliográfica e documental, história de vida, etnografia, dialética, pesquisa experimental e análise estatística.

As apresentações dos estudos sobre o tema proposto observaram a abordagem histórica, a conceituação e características do método ou técnica apresentado e as formas de aplicação na pesquisa em Educação Física. Ao final de cada apresentação foi realizado pelo professor um resgate dos pontos essenciais dos métodos ou técnicas, para dessa forma facilitar e consolidar o processo de aprendizagem pelos alunos.

Paralelo ao desenvolvimento do seminário de estudos sobre os métodos e técnicas de pesquisa em Educação, o professor da disciplina propôs aos alunos a realização de uma pesquisa, como forma de levar os pesquisadores iniciantes a vivenciarem na prática as diversas etapas de sua construção, iniciando pelo projeto de pesquisa até a elaboração de um artigo científico.

Para a construção da proposta de pesquisa, os discentes foram questionados sobre os seus interesses temáticos. O quadro 1 a seguir apresenta os temas propostos pelos estudantes e a sua delimitação final no decorrer da disciplina.

Quadro 1 - Evolução da delimitação do objeto de pesquisa, desde a temática geral até a sua delimitação final.

Estudante	Temáticas gerais	1ª Delimitação	2ª Delimitação
A	Psicomotricidade	A contribuição do educador físico para o desenvolvimento psicomotor da criança de 2 a 4 anos em uma creche pública de Morada Nova/CE	A Importância da recreação no desenvolvimento cognitivo das crianças de dois á quatro anos em uma creche pública de Morada Nova/CE
B	Terceira idade e atividade física;	A contribuição das atividades aeróbicas para a qualidade de vida em idosos ativos da cidade de Russas/CE;	As contribuições das atividades aeróbicas para a qualidade de vida de idosos da cidade de Russas
C	A importância de aquecer e alongar	A importância do aquecimento e alongamento na atividade física nas aulas práticas dos alunos de educação física do IFCE de Limoeiro do Norte/CE.	A importância do aquecimento e alongamento na atividade física nas aulas práticas dos alunos de educação física do IFCE de Limoeiro do Norte
D	Contaminação microbiológica em academias de musculação.	Artes marciais na escola: um instrumento para a redução da violência	Avaliação antropométrica de idosos praticantes de caminhada ao ar livre em Limoeiro do Norte – CE.
E	Reabilitação e atividade física	Efeitos da atividade física em pessoas portadoras de síndrome de Down que frequentam a Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE) de Limoeiro do Norte/CE.	Efeitos da atividade física em pessoas com síndrome de Down que frequentam a Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE) de Limoeiro do Norte/CE.
F	Corporeidade (teatro e dança)	Educação física, corpo e cultura: possibilidades de interação no ensino das práticas artísticas e corporais através da educação física escolar.	Educação física, corpo e cultura: possibilidades de interação no ensino das práticas artísticas e corporais através da educação física escolar.
G	Atividade física e qualidade de vida	A influência da atividade física na qualidade de vida de estudantes de nível superior do Instituto Federal de Limoeiro do Norte/CE	Percepção de servidores do Instituto Federal do Ceará de Limoeiro do Norte sobre as influências de um programa preventivo de ginástica laboral
H	Tecnologia e esporte	Relação entre o acesso da tecnologia e a diminuição da prática esportiva entre adolescentes de escolas de Limoeiro do Norte/CE.	Relação entre o uso de tecnologia e o nível de atividade física entre alunos do ensino médio de uma escola particular de limoeiro do norte/CE.
I	Educação física inclusiva	Educação Física inclusiva para alunos em escolas públicas de Limoeiro do	Educação Física inclusiva para alunos em escolas públicas de Limoeiro do

		Norte/CE.	Norte/CE.
J	Saúde	Importância dos exercícios físicos escolares no ensino infantil no âmbito da saúde;	Formas de lazer entre estudantes do ensino médio de escolas públicas do município de Morada Nova/CE

Fonte: Elaborado pelos autores.

Os pesquisadores iniciantes apresentaram as temáticas gerais que tinham interesse de desenvolver ao longo da disciplina. Em seguida, com auxílio do professor, tais temáticas foram progressivamente delimitadas, até a construção do que veio a se tornar o título dos respectivos trabalhos de pesquisa. É possível perceber que os alunos D, E, G e J, mudaram completamente a proposta inicial de pesquisa. Em contrapartida, os alunos A, B, C, F, H e I, permaneceram com a mesma temática. No entanto, em todos os casos houve uma significativa delimitação do tema inicialmente proposto.

Para Demo (2011), o trabalho de pesquisa encontra expressão no desafio de elaborar e defender um tema. O processo de construção do objeto de pesquisa não acontece sem problemas ou dificuldades, mas é marcado pela dúvida, especialmente no momento inicial de contato do estudante com a prática de pesquisa.

Como forma de ajudar na delimitação das temáticas de pesquisa, os alunos foram orientados a buscarem no Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e em dois periódicos especializados da área da Educação Física¹ artigos que tivessem afinidade com seus temas de pesquisa. Além dessas bases de dados houve um mapeamento na biblioteca da instituição em busca de livros compatíveis com as temáticas escolhidas. Todo material coletado pelos alunos foi armazenado, sendo que cada pesquisador iniciante construiu uma resenha de pelo menos um trabalho mapeado.

Demo (2011) destaca a importância de construção de um projeto, que, partindo de um problema instigador, apresente por escrito o quadro de referência teórica e os encaminhamentos metodológicos. Na disciplina Metodologia do Trabalho Científico, a confecção do projeto de pesquisa se deu de forma gradativa ao longo do desenvolvimento da primeira etapa da disciplina. Em determinado momento, o professor solicitou aos alunos que construíssem, a seu tempo, as partes constituintes do seu plano de pesquisa, como o problema norteador, os objetivos, a justificativa, a metodologia, o referencial teórico e as referências consultadas.

¹Revista Brasileira de Ciências do Esporte e Revista Pensar a Prática

Para ajudar os pesquisadores iniciantes na construção do projeto de pesquisa foram abertos momentos de orientação, como forma de assistir os estudantes na construção de sua pesquisa. Além disso, os encontros foram um momento de identificar as dificuldades mais comuns encontradas no planejamento da pesquisa, sendo elas a delimitação do objeto de pesquisa, o ajustamento aos modelos de construção do trabalho, a construção de citações, os encaminhamentos metodológicos, entre outras.

Para Fazenda (2010), as principais dificuldades entre os que pesquisam Educação estão relacionadas às deficiências na capacidade de escrever, falar, ler, interpretar e compreender, além das dificuldades relacionadas à delimitação e encaminhamento do objeto de pesquisa. Em nossas observações, pudemos constatar que tais dificuldades apontadas pela autora estavam presentes na realidade da disciplina de Metodologia do Trabalho Científico, sendo imprescindível o apoio do professor e o compromisso dos alunos para a sua superação.

Para a autora, a superação das dificuldades relacionadas ao desenvolvimento da linguagem, é um atributo básico para a prática da pesquisa. Destaca ainda “[...] que o pesquisador tenha a coragem de redefinir seu projeto inicial sempre que necessário, sem abandoná-lo, mas sempre voltado a ele para perceber com clareza o porquê dos desvios pretendidos e em que direção pretende avançar” (FAZENDA, 2010, p. 19).

Como forma de enfrentamento das dificuldades na pesquisa foi solicitado que cada equipe de trabalho realizasse explanação de seus projetos, sendo uma forma de estimular o desenvolvimento da linguagem, além de possibilitar que os discentes tomassem conhecimento das propostas de pesquisa e pudessem compartilhar dificuldades, experiências e aprendizados obtidos no decorrer da construção dos projetos.

Após o planejamento e execução da pesquisa, os estudantes iniciaram o processo de confecção de artigos científicos para a apresentação dos seus resultados. Assim como na etapa de elaboração do projeto, identificamos a existência de dificuldades na confecção dos artigos. Entre as dificuldades destacamos os problemas na formulação da conclusão do trabalho, na estruturação da argumentação e fundamentação, na explicitação da metodologia e na apresentação dos resultados da pesquisa.

O professor possibilitou que a construção do artigo ocorresse em sala de aula, dessa forma seria mais pertinente para construção dos elementos do trabalho e facilitaria a orientação dada pelo professor aos grupos. Entretanto, destacamos que a carga horária

da disciplina apresentou-se insuficiente para a realização dos trabalhos, exigindo um empenho extraclasse dos estudantes.

Foi oportunizado aos alunos apresentarem os resultados das pesquisas realizadas, juntamente com uma breve exposição a respeito de todo o percurso da pesquisa, e destacando os pontos positivos até os percalços encontrados no caminho. Os artigos produzidos foram sistematizados em um documento e compartilhados por meio da internet.

A seguir, com base nos resultados do estudo, buscamos refletir sobre as contribuições do referido componente curricular para a formação em pesquisa dos futuros professores, destacando a importância de uma postura científica contínua pelo acadêmico e futuro professor.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Inicialmente, nos propomos analisar as contribuições da disciplina de Metodologia do Trabalho Científico para a formação do professor pesquisador no curso de Educação Física do IFCE de Limoeiro do Norte, evidenciando as dificuldades encontradas no percurso. Obviamente, as competências necessárias para a pesquisa não foram desenvolvidas unicamente em decorrência da participação do estudante na referida disciplina, mas acreditamos que a mesma contribuiu para a iniciação científica dos pesquisadores iniciantes.

Identificamos que os alunos sentiram dificuldades no transcorrer da disciplina, entre as quais destacamos a construção e encaminhamento da metodologia, a delimitação do objeto de pesquisa, ajustamento aos modelos e normas, a utilização de escrita científica, entre outros. A orientação e acompanhamento dos pesquisadores iniciantes ao longo da disciplina foi um espaço de superação das dificuldades, apesar de não termos subsídios para afirmar o grau de desenvolvimento individual do estudante.

É possível que o estudante tenha tido contato com a prática de pesquisa em outras disciplinas do curso, as quais não foram mapeadas em nosso estudo. Os professores dessas disciplinas têm a possibilidade de adotar metodologias de ensino e avaliação que exijam a participação do acadêmico em atividades de pesquisa. Essas iniciativas metodológicas podem ser objetos de estudos para um maior esclarecimento sobre a questão.

Por ora, os relatos fornecem segurança para afirmar que a disciplina de Metodologia do Trabalho Científico contribui para formação de professores pesquisadores ao proporcionar um espaço para que o estudante conheça os métodos e técnicas de pesquisa e aplique-os em situações concretas. Acreditamos que as dificuldades são inerentes ao processo de pesquisa, cabendo ao pesquisador iniciante, sob a tutela de pesquisadores mais experientes, superar os percalços da sua trajetória.

REFERÊNCIAS

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. **Investigação qualitativa em educação**. Portugal: Porto Editora, 1994.

DEMO, Pedro. **Pesquisa**: princípio científico e educativo. 14. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. Dificuldades comuns entre os que pesquisa educação. In.: FAZENDA, Ivani Catarina Arantes (Org.). **Metodologia da pesquisa educacional**. 12 ed. São Paulo: Cortez, 2010.

LÜDKE, Menga et al. **O professor e a pesquisa**. São Paulo: Papirus, 2001.

NÓVOA, Antônio. **O Professor Pesquisador e Reflexivo**. Entrevista concedida em 13 de setembro de 2001. Disponível em:

<http://www.ledum.ufc.br/arquivos/didatica/3/Professor_Pesquisador_Reflexivo.pdf >

Acessado em 04 de maio de 2018.

SOARES JÚNIOR, Néri Emilio; BORGES, Livia Freitas Fonseca. **A pesquisa na formação inicial dos professores de Educação Física**. Revista Movimento, Porto Alegre, v. 18, n. 02, p. 169-186, abr/jun de 2012.

CREDENCIAIS DOS AUTORES

¹Neucivânia Moreira da Silva

Mestre em Educação Profissional e Tecnológica pelo Instituto Federal do Rio Grande do Norte (2019). Especialista em Educação Física na Educação Básica - UAB/UECE (2019). Licenciada em Educação Física pelo Instituto Federal do Ceará Campus Limoeiro do Norte (2016).

E-mail: neucymoreira@hotmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8165548798510032>

²Ticianne Bezerra Campos

Graduada em Licenciatura em Educação Física no Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia do Ceará, campus Limoeiro do Norte (IFCE, conceito MEC 4, 2016).

E-mail: ticianne.bezerra@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2140041763043461>

³Cesar Augusto Sadalla Pinto

Doutorando em Educação pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Possui Mestrado em Educação pela UECE. Licenciatura Plena em Educação Física pela Universidade do Estado do Pará (UEPA), Campus de Santarém. Especialista em Gestão e Docência na Educação Superior pelas Faculdades Integradas do Tapajós (FIT).

E-mail: cesarsad@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3109888546547538>

Recebido em: 25 mar. 2016.

Aprovado em: 25 jun. 2019.

RELATO DE EXPERIÊNCIA**OS SABERES-FAZERES NOS/DOS/COM OS COTIDIANOS DO ESTÁGIO DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL**Lucas Borges Soeiro¹Victor José Machado de Oliveira²**RESUMO**

Tem por objetivo retratar as redes de saberes-fazer tecidas na disciplina Estágio Supervisionado de Educação Física na Educação Infantil. Toma como base metodológica as narrativas autobiográficas de um professor em formação, cujo principal instrumento de registro é o portfólio utilizado nos espaços de intercessão das discussões na disciplina e nas práticas docentes compartilhadas nos Centros Municipais de Educação Infantil. Faz uso dos estudos e pesquisas nos/dos/com os cotidianos como referencial teórico. Considera a existência de uma crítica mecânica e imediatista dos estagiários sobre as práticas docentes de Educação Física na Educação Infantil, tendo, por consequência, rotulações a professores(as), tais como: “deixam as crianças livres”. Mediante essas ações dos estagiários, alertamos sobre a necessidade de cautela na produção aligeirada dos discursos acerca das práticas de professores(as) que praticam os cotidianos das escolas. Entende-se que a função da crítica só tem procedência quando pautada na ética e na fundamentação ante a complexidade dos acontecimentos vividos nos estágios. Aposta-se, antes de um “falar sobre”, é necessário um “viver com” os outros que praticam cotidianamente os tempos-espacos de educação de crianças muito pequenas. Há necessidade de intervenções *com* os cotidianos ante os anseios e incertezas da materialização das práticas pedagógicas dos estagiários de Educação Física na Educação Infantil.

Palavras-chave: Educação Física. Educação Infantil. Estágio. Saberes-fazeres. Pesquisas com os cotidianos.

THE KNOW-HOW IN/WITH THE DAILY LIFE OF THE PHYSICAL EDUCATION INTERSHIP IN EARLY CHILDHOOD EDUCATION**ABSTRACT**

It aims to portray the networks of know-how created in the subject Supervised Internship of Physical Education in Early Childhood Education. It takes as methodological basis the autobiographical narratives of a teacher in training, whose main instrument of record is the portfolio used in the intercession spaces of discussions in the discipline and in the teaching practices shared in the Municipal Centers for Early Childhood Education. It makes use of studies and researches in/with everyday life as a theoretical reference. It considers the existence of a mechanical and immediate criticism of the trainees about the teaching practices of Physical Education in Early Childhood Education, having, as a consequence, labels to teachers, such as "they let the children free". Through these actions of the interns, we warn about the need for caution in the quick production of speeches about the practices of teachers who practice the daily lives of schools. It is understood that the function of criticism only has provenance when based on ethics and on the grounds of the complexity of the events experienced in the internships. It is bet that before a "talk about", it is necessary to "live with"

the people who practice daily the times-spaces of education of very young children. There is a need for interventions with everyday life in the face of the desires and uncertainties of the materialization of the pedagogical practices of the Physical Education interns in Early Childhood Education.

Keywords: Physical Education. Early Childhood Education. Internship. Know-how. Researches with everyday life.

1 INTRODUÇÃO

Os estágios são vistos pelos discentes¹ como a “parte prática” dos cursos de formação inicial. Neles, o exercício da prática pedagógica ocorre nos cotidianos escolares. Nutre-se aí um discurso de contraposição entre teoria e prática, como se a primeira se referisse aos saberes da universidade e a segunda aos da escola (LIMA; PIMENTA, 2006). Na Educação Física (EF), a dicotomia teoria/prática é ainda mais intensa e repleta de celeumas, entre as quais o conceito de prática, que é também associado ao fazer corporal (físico).

Pensar a relação teoria-prática nos estágios se complexifica, ainda mais na Educação Infantil, etapa da educação básica na qual a EF está presente faz pouco tempo, sobretudo no município de Vitória-ES. Rangel (2012) aponta que a inserção da EF nos Centros Municipais de Educação Infantil (CMEI) ocorreu inicialmente para garantir às professoras regentes o horário de planejamento (PL). Contrariamente a essa proposta, o autor elenca uma série de problemáticas que atravessam esse componente na Educação Infantil para além de um “cobre PL”: Qual seu lugar? O que ensinar? Qual metodologia utilizar? Quais os conteúdos a serem trabalhados? Quais as relações se estabelecem com os outros conteúdos? (RANGEL, 2012).

Caparroz e Bracht (2007), ao discutirem sobre a didática na/da EF, questionam as dificuldades dos professores em organizar, planejar e sistematizar o ensino dos conteúdos da área. Os autores identificaram um movimento de hipertrofia das discussões pedagógicas e de atrofia das discussões didáticas na área (pelo menos no campo da produção do conhecimento), que parece materializar-se nos cursos de formação e nas escolas. Buscamos compreender esse fenômeno mediante a nossa experiência no estágio.

No curso de licenciatura em Educação Física do Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo (CEFD/UFES), o “Estágio Supervisionado da Educação Física na Educação Infantil” é um componente curricular

¹Aqui, considerados por nós professores em formação.

obrigatório, ofertado no quinto período, com 105 horas, sendo o primeiro estágio previsto no currículo– versão 2014 (UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO, 2014).

Em vista das problemáticas mencionadas, da complexidade que o estágio traz para os discentes e desse tempo-espaço dentro de uma perspectiva da atividade de pesquisa no estágio, foi possível observar as narrativas dos sujeitos nele implicados. No decorrer dos encontros, notaram-se críticas e reclamações traduzidas desde a prescrição do currículo de curso de graduação até as práticas pedagógicas dos sujeitos que habitam o cotidiano dos CMEIs.

Orientados pelo saber do conhecimento na/da universidade – espaço pautado na literatura científica – e por visões fragmentadas sobre as reflexões da ação (PIMENTA, 2002), os discentes produziam pedagogicídios² (CORTELLA, 2006), expressando posturas hierárquicas, e não colaborativas com o trabalho docente que vinha acontecendo nos CMEIs.

Buscamos problematizar os paradigmas e as classificações produzidas por esses sujeitos. Nesse sentido, este relato de experiência tomará como base metodológica as narrativas autobiográficas de um professor em formação que viveu essa experiência coletiva. Esse método, materializado em registros, permite a reflexão e a autonomia das pessoas e leva-as a se assumirem como sujeitos epistêmicos, o que evidencia um processo (auto)formativo (VENÂNCIO; SANCHES NETO, 2019).

Desse modo, pretendendo valorizar a subjetividade das vivências e os modos autorais de narrá-las diante da compreensão dos contextos educacionais escolares mediante um olhar sensível, este relato tem por escopo articular o movimento de reflexão entre as singularidades envolvidas nos múltiplos encontros do estágio com as redes de saberes-fazer e com os estudos e pesquisas nos/dos/com os cotidianos (FERRAÇO, 2001; 2007; ALVES, 2001), para perceber a produção dos limites e possibilidades didático-pedagógicos nos CMEIs.

2 (RE)INVENTANDO LEITURAS NOS/DOS/COM OS COTIDIANOS DOS CMEIs

²Cortella (2006, p. 63) chama de pedagogicídio as incriminações com exclusividade que são feitas aos professores pelas múltiplas fontes e dimensões do fracasso escolar no Brasil. “Nesse ofício pedagocida, é bastante interessante o papel que vem sendo exercido por alguns ‘achologistas’ que, sem nunca terem atuado de fato na educação escolar, e apenas porque escolas frequentaram ou frequentam, passaram a oferecer cenários educacionais oníricos, desde que, claro, se consiga ‘converter’ os professores e resgatar ‘a pureza de um trabalho que perdeu a sua alma nos últimos anos’. Nessa empreitada pouco epistêmica e bastante doxológica, confundem autores com atores e protegem um privatismo meramente mercantil. Pior ainda, há vários intelectuais ligados à Educação que vem-se prestando à tarefa de escrever livros cujo foco central é desmoralizar e tripudiar sobre a escola (mormente a pública), sob o pretexto de fazer uma crítica salvacionista”.

Considerando o cotidiano escolar como espaço-tempo de produções de saberes, de táticas, de criações, de memórias, de projetos, de representações e significados, presentes durante o estágio na Educação Infantil, concordamos com Ferraço (2001, p.93) que:

- a) No cotidiano, só conhecemos nossas próprias criações, pois, em essência, somos nosso próprio objeto de estudo. Apreendemos do cotidiano o que nele introduzimos;
- b) Todo conhecimento que criamos/inventamos revela, em parte, quem somos. As verdades que produzimos são fragmentos de nossas verdades/identidades;
- c) Essas verdades são múltiplas porque subjetivas e tornam-se objetivas (objetivadas) à medida que compartilhadas/produzidas pelo imaginário mais amplo;
- d) Por ser invenção não há como antecipar caminhos. Somos levados, por movimentos caóticos (ordem/desordem), a percorrer redes efêmeras de representações e práticas que se configuram e desaparecem nos tempos/espacos das vivências;
- e) Como são efêmeras, as redes exigem de nós, a apreensão de seus fragmentos, caças não autorizadas, maneiras diferenciadas de senti-las. Mergulhos, mortes/ressurreições, idas e vindas. Vivências corporais dos movimentos caóticos.

Com base nesses indícios que corroboram a construção do ser professor no estágio, por meio do uso dos registros realizados em portfólio³ (VILLAS BOAS, 2004), este texto aborda os saberes-fazer partilhados pelos discentes com os cotidianos vivido sem contato com os agentes dos CMEIs, tendo como espaços de intercessão as discussões na disciplina e as práticas docentes compartilhadas. Nessa direção, consideramos o pressuposto precípua das pesquisas nos/do/com o cotidiano, que é:

[...] a dimensão político-epistemológico-inventiva do cotidiano. Ou seja, diferentemente de se assumir, por exemplo, o cotidiano escolar apenas como ‘local’ de aplicação e/ou de realização das políticas educacionais prescritivas, as defensoras das pesquisas nos/dos/com os cotidianos entendem os cotidianos escolares como espaços tempos nos quais também são produzidas políticas educacionais sendo, nesse caso, impossível de se manter a dicotomia ‘prática x política’ (FERRAÇO; ALVES, 2017, p. 159).

Nessa esteira, afirmamos a importância de os discentes realizarem um mergulho com todos os sentidos, sobretudo de colaboração, cooperação e solidariedade, buscando sempre a invenção de outros tantos sentidos de viver nas e/ou com as escolas públicas. Com o tempo, observamos a necessidade de superar o mero uso dos CMEIs como locus da aplicação de teorias pedagógicas (academicamente validadas pela universidade).

Era preciso reinventar nossa forma de viver os tempos e os espaços, fazendo emergir os saberes tácitos desses contextos (ou seja, era preciso fazer validar os saberes do cotidiano). Em tal movimento, foi necessário, em lugar de olhar, incluir “[...] sentimentos,

³O portfólio é uma coleção de suas produções (do aluno), as quais apresentam as evidências de sua aprendizagem (do aluno). É organizado por ele próprio para que ele e o professor, em conjunto, possam acompanhar seu progresso (VILLAS BOAS, 2004, p. 38).

atitudes e sentidos outros como compartilhar, enredar, ajudar, ouvir, tocar, degustar, cheirar, intervir, discutir etc.” (FERRAÇO, 2001, p. 93).

Uma reinvenção do cotidiano nos espaços-tempos do estágio implica um distanciar-se dos binarismos e das dicotomias, pensando, assim, os polos

[...] como difusos e, ao mesmo tempo, inter-relacionados e sujeitos, todo o tempo, às incertezas dos movimentos das redes de saberes, fazeres e poderes tecidas nos cotidianos pesquisados. Trata-se de pensar ‘com’ a complexidade das relações entre teoria e prática, e não apenas ‘a’ complexidade em cada um desses polos (FERRAÇO; CARVALHO, 2008, p. 2).

Na EF, Caparroz e Bracht (2007, p. 27) reverberam: “ainda bem que a teoria na prática é outra, pois permite que o ‘prático’ seja autor de sua prática e não mero reprodutor do que foi pensado por outros”. Para os autores, há, na prática, um movimento de (re)produção e (re)existência das práticas pedagógicas dos professores, pois são intrínsecas às dimensões de autoria, autonomia e autoridade docente (CAPARROZ; BRACHT, 2007).

Para Alves (2001), quando partilhadas, as *práticas/teorias/práticas* docentes são caracterizadas como produções coletivas; como tessituras que compõem as redes de saberes-fazeres, já que, nos cotidianos, há sempre a convocação de novas produções. Observa-se que nesses contextos há invenções, criações e modos de fazer conhecimentos nos cotidianos, diferentes daqueles aprendidos pelos princípios da dicotomia teoria/prática.

Na dificuldade inicial de compreenderem tal questão, os discentes, pautados pelo saber do conhecimento⁴ valorado e mobilizado na universidade (formação inicial), acreditavam “deter” um grande saber sobre a escola e sobre a prática docente, mesmo que considerassem seu curso como “[...] um aglomerado de disciplinas, isoladas entre si, sem qualquer explicitação de seus nexos com a realidade que lhes deu origem” (LIMA; PIMENTA, 2006, p. 6). Logo, esses sujeitos criticavam os saberes-fazeres dos cotidianos dos CMEIs. Contudo, Pimenta (2002, p. 26) argumenta que há aí uma

[...] ilusão do fundamento do saber pedagógico no saber disciplinar – eu sei o assunto, consequentemente, eu sei o fazer da matéria; a ilusão do saber didático – eu sou especialista da compreensão do como saber fazer tal ou tal saber disciplinar, portanto, eu posso deduzir o saber-fazer do saber [...].

Nesse sentido, os discentes parecem ter-se equivocado, pois o saber pedagógico necessita de ser concebido nas práticas pedagógicas realizadas nas escolas (PIMENTA, 2002). Os saberes-fazeres acontecem na ação docente, no próprio cotidiano escolar e no contato com outros praticantes (FERRAÇO, 2007, p. 78). Por isso, é necessário ressaltar que

⁴ Para Pimenta (2002), o saber do conhecimento difere de informações e apresenta a complexidade e profundidade da dimensão conceitual/teórica da especificidade da área educacional a ser futuramente atuada.

“[...] a especificidade da formação pedagógica, tanto a inicial como a contínua, não é refletir sobre o que se vai fazer, nem sobre o que se deve fazer, mas sobre o que se faz” (HOUSSAYE, 1995 *apud* PIMENTA, 2002, p. 26).

Os discentes, ao se encontrarem com o saber da experiência – responsável por convocá-los da passagem de ver-se como aluno para passar a ver-se como professor –, apropriaram-se dele como subalterno ao saber do conhecimento, assim, criando um espaço para condenarem as práticas docentes (PIMENTA, 2002). O seguinte relato busca exemplificar essa análise:

Em um dos encontros em sala, estávamos conversando sobre as escolas onde atuávamos. Já tínhamos visitado elas no encontro anterior. Ao começarmos a conversa, muitos colegas começaram as ‘denúncias’ dizendo que as práticas dos professores da escola não tinham coerência lógica, que não faziam sentido e que os professores deixavam as crianças ‘livres’. O professor do estágio, inconformado, imediatamente alegou que existe todo um sentido por trás daquelas práticas e das aulas daquelas/es professoras/es, e alegou: ‘vocês só acompanharam uma aula e já estão falando mal!’ (NARRATIVA 1, 2017).

Discursos de desinvestimento da formação inicial, binarismos acerca da “teoria x prática” como polos difusos e sem nenhuma inter-relação, rotulações dos professores da escola e suas práticas pedagógicas, como “boas ou ruins”, “certas ou erradas”, marcaram o primeiro contato com os CMEIs na maior parte dos discursos dos discentes.

Sobre o primeiro momento dos discentes no estágio, Souza Neto, Sarti e Benites (2016) apontam que, geralmente, é marcado por representações negativas sobre a educação básica, sobretudo, a pública e seus professores. Assim, numa perspectiva redentora, os discentes têm a intenção de “serem diferentes” dos professores das escolas, prometendo levar inovações relativas ao ensino, supervalorizar as estratégias e os conteúdos, principalmente, como maneira de se oporem à figura docente: 1) que apenas oferece a bola aos alunos e 2) que se conforma como centralizadora e/ou figura “autoritária”. Essas considerações mostram como tais atitudes corroboram a construção de uma atmosfera de rivalidade entre os discentes em estágio e os/as docentes vinculados à escola (SOUZA NETO; SARTI; BENITES, 2016).

Diante desse cenário, era necessária uma (re)invenção que possibilitasse aos discentes tecer outros fios no/com o estágio e seus espaços de intervenção.

3 TECENDO OUTROS FIOS PARA A INVENÇÃO NOS/DOS/COM OSCOTIDIANOSDOS CMEIs

Durante o estágio, foram apresentados os documentos norteadores das práticas pedagógicas das docentes de EF dos CMEIs. Os documentos partiam de um plano macro com a legislação educacional nacional⁵ (BRASIL, 1996; BRASIL, 1998; BRASIL, 2010).

Em um plano curricular micro, foi utilizada a proposta curricular da Educação Infantil do município, denominada “A Educação Infantil do Município de Vitória: Um outro olhar” (PREFEITURA MUNICIPAL DE VITÓRIA, 2006), os projetos político-pedagógicos dos CMEIs e, por fim, os seus regimentos internos—documentos que abordam um conjunto de normas, preceitos e disciplinas, nos quais os corpos dos praticantes devem orientar-se na instituição.

Esses documentos orientam os agentes escolares com relação à estruturação e práticas curriculares. As professoras de um CMEI ainda tiveram um cuidado especial, pois, por meio suas leituras dos currículos apresentados, elas construíram um currículo (SACRISTÁN, 2000):

Figura 1 – Quadro de conteúdos elaborados pelas professoras do CMEI

Aulas	Conteúdo	Objetivos Específicos
4	Observação	Interagir com as crianças e com o professor
2	Esquema Corporal	Reconhecer o corpo, no seu todo, e diferenciar cada uma de suas partes, por meio do movimento;
3	Habilidades motoras fundamentais	Estruturar movimentos que requeiram habilidades : Locomotoras (correr e saltar), estabilizadora (equilibrar e rolar) e manipulativas (Arremessar e chutar)
1	Expressão Corporal	Movimentar-se, adaptando-se a diferentes ritmos;
2	Danças	Brincar com danças que façam parte da cultura da família das crianças
1	Orientação Espaço-Temporal	Identificar e efetuar movimentos, discriminando as diferentes velocidades e trajetórias, no deslocamento do corpo e objetos
1	Qualidades Físicas	Estruturar movimentos que requeiram coordenação geral e seletiva;
1	Qualidades Físicas	Estruturar atividades que requeiram resistência aeróbica e força;
1	Lutas	Brincar como lutas que façam parte da cultura das crianças
1	Finalizando	Um atividade que envolva todas as crianças conteúdo parte significativa do conteúdo;
1	Relatório	Apresentação dos relatórios
Total = 18 aulas sendo 4 observações, 13 intervenções e 1 apresentação		

Fonte: Arquivo elaborado pelas professoras.

⁵ As professoras não fizeram uso da Base Nacional Comum Curricular.

Com base no currículo (re)construído pelas professoras, a docência foi desenvolvida pelos discentes, desencadeando-se no currículo em ação por meio da arquitetura da prática, sendo a “[...] última expressão de seu valor, pois, enfim, é na prática que todo projeto, toda ideia, toda intenção, se faz realidade de uma forma ou de outra; se manifesta, adquire significação e valor, independente de declaração e propósitos de partida” (SACRISTÁN, 2000, p. 201).

Compreendendo que não há regras prontas e é necessária a produção de práticas no movimento de autoria, autonomia e autoridade docente, a busca foi recorrente por relatos de experiência, artigo se manuais de EF com enfoque nas práticas de ensino com crianças pequenas, assim como dicas de outros professores que já atuaram na Educação Infantil.

Mesmo frente às empreitadas encontradas e que nos fizeram até consultar os tão criticados manuais para se materializar as aulas de intervenção no estágio, no início vi que muitos colegas que não receberam uma prescrição elaborada pelas professoras do CMEI ficaram muito ansiosos, e no calor do momento, via muitos colegas apenas julgando as professoras e suas práticas ao invés de colaborar e aprender com elas (NARRATIVA 2, 2017).

No percurso do estágio, na relação com os agentes dos CMEIs, os discentes foram reconhecendo seus equívocos quanto às críticas que faziam inicialmente. Uma vez que ficaram mais próximos das realidades da educação básica, os discentes passaram a valorizar as práticas pedagógicas dos agentes dos CMEIs, afirmando por sua vez:

Os ‘invasores’, os ‘intrusos’, o ‘olhar externo’, não são os das professoras, dos professores, dos diretores, das diretoras, dos coordenadores, das coordenadoras, dos porteiros e das auxiliares de serviços, que atuam na escola há mais de dez anos, mas são nossos, que nos inserimos aqui no CMEI por menos de duas semanas e já estamos falando coisas desagradáveis (NARRATIVA 3, 2017).

A mudança desse olhar foi fundamental, já que os discentes inicialmente, não costumavam ver os professores das escolas como produtores de saberes, possuidores de uma cultura específica relacionada ao ensino e, tampouco, como seus formadores, o que prejudicava uma socialização mais próxima e potente das aprendizagens sobre e com a docência (SOUZA NETO; SARTI; BENITES, 2016).

Percebemos a necessidade e a importância dos estudos nos/dos/com os cotidianos na formação inicial de professores, pois eles despertam olhares sensíveis, potencializadores e, ao mesmo tempo, críticos para pensar os cotidianos escolares, as políticas de currículo e as comunidades compartilhadas (FERRAÇO, 2007).

Desse modo, deslocar a perspectiva do currículo como “objeto documento” para a perspectiva de currículo como redes de *saberes fazeres* dos sujeitos praticantes é fundamental para pensarmos o

[...] currículo como redes de fazeres saberes, produzidas e compartilhadas nos cotidianos escolares, cujos fios, com seus nós e linhas de fuga, não se limitam a esses cotidianos, mas se prolongam para além deles, nos diferentes contextos vividos pelos sujeitos que praticam e habitam, direta ou indiretamente, as escolas, isto é, professoras, alunos, serventes, pedagogos, pais, secretárias, vigias, coordenadores, diretoras, pessoas das comunidades, entre outros(FERRAÇO, 2004, p. 96).

Entender o currículo ante a perspectiva das redes de *saberes fazeres* permitiu aos discentes ampliar as visões das construções curriculares no espaço escolar. Esses sujeitos passaram a entender o currículo para além de uma mera prescrição documental. Destarte, eles passaram a praticar o currículo no cotidiano e nas relações com os outros agentes escolares. Essas relações possibilitaram a superação dos preconceitos (produtores de pedagogídios) e das representações negativas sobre as escolas e seus sujeitos, que sobretudo acabaria por estruturar uma lógica perversa com discursos que demonizam a própria (futura) profissão.

Por isso, a cautela em não “rotular” e/ou estereotipar os agentes escolares é um aspecto importante a destacar e problematizar, principalmente quando se chama os professores de EF de “rola-bola”, “aula matada” etc. (GONZÁLEZ *et al.*, 2013). Casos como esses ocorreram no estágio, durante as visitas/observações, nas quais, até mesmo de maneira precipitada, foi observado que os professores que lá estavam se encontravam em desinvestimento pedagógico (GONZÁLEZ; FENSTERSEIFER, 2009).

De acordo com González e Fensterseifer (2009), o desinvestimento pedagógico na EF é caracterizado por situações em que o professor não possui grandes pretensões com suas práticas, a não ser oportunizar atividades que ocupem o tempo das crianças/adolescentes/jovens.

Durante o estágio, os discentes rotulavam que os(as) professores(as) deixavam as crianças “livres”. Nesse nível de ensino, talvez essa visão fragmentada por parte dos futuros docentes tenha acontecido. De acordo com Caparroz (1992, p. 43):

Quem simplesmente passa pelo local das aulas de Educação Física na Educação Infantil e olha rapidamente para ela pode ter a impressão de que se está bagunçando, ou de que está tudo ‘jogado’ (sem ordem), ou ainda que o professor está perdido no meio das crianças. Na verdade, as coisas estão em perfeita ordem, perfeita ordem do brincar, do jogar. Ou seja, o brincar e o jogar também pressupõem uma organização, porém esta pode não pressupor uma ordem em que o professor é o centro da aula, em que as coisas estejam postas, como nas atividades que não se configuram como lúdicas. Esta ordem pressupõe uma nova relação entre o professor, o aluno e o espaço (físico e temporal). Uma relação que se altera ao jogar, ao brincar, pois depende de cada jogo e de cada brincadeira.

Esse olhar por parte dos discentes também pode ter influências na perspectiva adultocêntrica. Sobre isso, Sayão(2002, p. 57-58) afirma:

Passamos [...] a cobrar das crianças uma postura de seriedade, imobilidade e linearidade, matando pouco a pouco aquilo que elas possuem de mais autêntico – sua espontaneidade, criatividade, ousadia, sensibilidade e capacidade de multiplicar linguagens que são expressas em seus gestos e movimentos. Os adultos tendem a exercer uma espécie de dominação constante sobre as crianças, desconhecendo-as como sujeito de direitos, até mesmo não reconhecendo o direito de movimentarem-se.

Diante desse fenômeno, observamos ser necessária maior aproximação dos discentes com os cotidianos escolares desde o início do curso, para compreenderem os significados e os sentidos que lá se inscrevem, considerando importantes as ações pedagógicas de todos os agentes escolares, pois todos eles produzem educação de alguma forma (CORETLA, 2017).

4 SOBRE A POTÊNCIA DOS SABERES-FAZERES TECIDOS COM O CMEI

Machado e Bracht (2018), a respeito das pesquisas nos/dos/com os cotidianos na área da EF, afirmam que tal perspectiva teórica revela a potência da diversidade de contextos, culturas e práticas escolares, porém destacam que elas também têm posto, em segundo plano, a discussão do referencial normativo que se expressa nas práticas pedagógicas em EF.

Todavia, nessa investigação, mesmo não discutindo diretamente a materialização das práticas pedagógicas, entendemos que elas estão expressas e coexistentes nas situações cotidianas narradas, já que foram fundamentais na constituição das identidades docentes, ante as produções coletivas das redes de saberes-fazer e das leituras dos documentos normativos como expressos na Figura 1 (apresentada anteriormente).

Isso mostra, de modo concreto, que não se perdeu de vista a objetividade do projeto de EF (MACHADO; BRACHT, 2018), o qual as professoras construíram no CMEI, já que elas e os estagiários fizeram diferentes usos (CERTEAU, 1994) das propostas curriculares. Além disso, sobre as pesquisas nos/dos/com os cotidianos, afirmamos também que elas

[...] diferenciam-se de tantos outros estudos que se focavam apenas nas análises das políticas educacionais, da disciplinarização dos *saberes fazeres* e das verificações em escolas concretas, buscando identificar apenas reprodução e faltas, deficiências, negatividades (FERRAÇO; SOARES; ALVES, 2018, p.92).

Desse modo, considerando o “Estágio Supervisionado de Educação Física na Educação Infantil” como espaço profícuo para a produção dos saberes-fazer pedagógicos (PIMENTA, 2002), percebemos nas narrativas que, mediante o mergulho nos cotidianos com os CMEIs, os estagiários passaram a compreender a potência de praticar os cotidianos com maior sensibilidade:

Tomávamos muito cuidado com as formas de estar e de intervir naquele espaço, seja com nossas roupas, falas, atitudes e gestos perante as crianças. É por conta destas questões que lemos todos os documentos que envolviam nossas relações com o CMEI, indo desde a LDB até o regimento interno da escola, pois tudo isso implicava

diretamente na produção de acolhimentos, na transmissão de afetos e conhecimentos (NARRATIVA 4, 2017).

O mergulho possibilitou-nos compreender, experimentar e considerar intensamente as complexidades que envolvem a própria vida, ou seja, o currículo como redes de *saberes fazeres* com os CMEIs. Essas redes conformam-se nos acontecimentos cotidianos que vão além das formalidades. Gallo explica (2007, p.21, grifo nosso):

[...] o conjunto das coisas e situações que *acontecem na sala de aula e para além da sala de aula*, na instituição escolar como um todo, e quero experimentar aqui a ideia de que os acontecimentos cotidianos em tal espaço são pedagógicos. Em outras palavras, na escola não se aprende apenas na formalidade da sala de aula, mas também na informalidade das múltiplas relações e acontecimentos que se dão no dia-a-dia da vida na instituição.

Em nosso caso, entre as formalidades e informalidades das múltiplas relações vividas com a Educação Infantil, destaca-se uma diversidade de aprendizados em formas de narrativas:

Nossa entrada profunda neste processo nos fez experienciar momentos presentes no cuidar e educar no cotidiano do CMEI. Desde limpar a ‘meleca’ do nariz das crianças, de pensar sobre a importância das funcionárias da limpeza que atuam trocando a fralda, a até as nossas preocupações de como produzir as aulas de Educação Física (NARRATIVA 5, 2017).

Um momento muito marcante da minha experiência foi quando dei bolo para uma das crianças com intolerância a lactose, a professora viu imediatamente e me falou, eu preocupado pedi que aquela criança cuspsse o bolo imediatamente. Ressalto ainda a importância do diagnóstico que relatava o caso da criança com intolerância, mas mesmo assim acabei esquecendo (NARRATIVA 6, 2017).

Em uma de nossas intervenções, um aluno de outro grupo 2 bateu com o pé no olho de outra criança e logo ficou roxo, a professora preocupada perguntou se alguém havia visto, respondemos que sim e a mesma tomou todos os cuidados e disse que ia escrever um bilhete explicando, e ainda alegou ‘que bom que vocês viram’ (NARRATIVA 7, 2017).

Mergulhar nos acontecimentos cotidianos do/no/com o CMEI demonstra as dimensões em torno do cuidar e educar na Educação Infantil – ações indissociáveis, como está posto na Constituição Federal (BRASIL, 1988), na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (BRASIL, 1996) e nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (BRASIL, 2009).

As narrativas expressam, no contexto das intervenções, as maneiras como os discentes vivenciaram determinadas responsabilidades que as professoras têm e, muitas das vezes, são desconsideradas ou negligenciadas por aqueles que não vivem o CMEI cotidianamente. Geralmente os sujeitos que desconsideram esses elementos são aqueles que apenas apareceram nos contextos de prática esporadicamente. Outro fator observado foi que os sujeitos que não praticam o cotidiano do CMEI não percebem frequentemente os efeitos que lá produzem.

Fizemos balões com trigo para as crianças brincarem e modelarem, na primeira vez que utilizamos, levamos embora, mas na segunda deixamos no CMEI sem avisar. Pensávamos que iríamos contribuir com o acervo de materiais das docentes, porém, este material foi destruído por ratos, por esta circunstância as auxiliares de limpeza tiveram que lavar e higienizar todos os materiais do acervo das professoras. Nos sentimos muito mal por isso! Neste acontecimento percebemos que se tivéssemos consultado a professora antes de deixar nossos materiais no CMEI, poderíamos ter evitado este ocorrido e o gasto de tempo e energia das auxiliares de limpeza, mas apesar de todos estes fatores, as professoras não nos condenaram ou fizeram qualquer crítica desagradável, as mesmas apenas nos relataram e nos alertaram para tal ocorrido (NARRATIVA 8, 2017).

A colaboração e apoio constante das docentes da escola e do docente da universidade para com os estagiários ante as suas ansiedades em meio às intervenções contribuíram efetivamente para a produção dos próprios saberes-fazer dos discentes na Educação Infantil.

Nossa, eu ficava esperando-as me responderem, falarem que estão gostando, ficarem super animadas, porque eu criava muita expectativa né! Mas como as crianças são muito pequenas, a maioria tinha menos de dois anos, elas estavam gostando, porém não respondiam da forma como esperava, porque geralmente estou acostumado com turmas maiores, em contrapartida a professora dizia que as crianças estavam gostando sim, daí me indicaram a fazer mais o uso de textos imagéticos, de músicas, poemas, entre outros recursos para as aprendizagens das crianças (NARRATIVA 9, 2017).

Em uma de nossas intervenções, trabalhei com a falsa baiana, cheguei bem cedo, amarrei as cordas nas pilastras do CMEI e esperava que as crianças fossem até ela, passou alguns minutos de aula e nenhuma criança ia explorar a falsa, assim, frustrado já comecei a desarmá-la e as professoras disseram para deixar, pois as crianças iriam explorá-la, deixei, depois de 2 minutos e começaram a vir as crianças, eu esperava que elas já saíssem andando nela com minha ajuda, mas não foi bem assim as crianças exploraram de vários modos e as professoras disseram: ‘viu como não foi à toa!’ Esperava sempre uma linearidade, que os fatos acontecessem como havia planejado em minha mente, mas sempre as professoras alertavam e apaziguavam meus anseios (NARRATIVA 10, 2017).

Em nenhum momento, as professoras do CMEI e o professor responsável pelo estágio da universidade produziram pedagogídios sobre os discentes, pelo fato de possuírem ampla experiência no ensino da Educação Infantil, de serem academicamente favorecidos como mestres e/ou doutores, ou mesmo de atuarem/ou já terem atuado nessa etapa de ensino como professoras(es) efetivos por mais de dez anos. Muito pelo contrário, relatavam e teciam aprendizados conosco.

Mesmo com as dificuldades iniciais dos discentes em compreender as intencionalidades pedagógicas das professoras e os tempos da instituição, ao ministrarem as aulas e passarem a compor com os cotidianos do CMEI, uma visão mais ampla de currículo e trabalho docente ganhou espaço. Tal fato permitiu, ante esse processo autoinvestigativo, a tessitura de conhecimentos e de melhor compreensão sobre a vida na instituição que acontece num movimento intenso de saberes-fazer.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na pretensão de retratar a força e a potência do “Estágio Supervisionado de Educação Física na Educação Infantil”, os estudos nos/dos/com os cotidianos contribuíram para mostrar os acontecimentos sobre as inserções dos discentes do CEFD/UFES nos CMEIs, que, no contato inicial, produziram apagamentos das práticas pedagógicas de docentes e críticas ferrenhas aos seus currículos de formação.

A busca pela visão com os cotidianos dos CMEIs foi um elemento importante para evidenciar a percepção equivocada dos estagiários e a necessária ação que tiveram de tecer composições dos sujeitos que praticam o cotidiano dessas instituições, ao invés de estereotipar, sobretudo, os professores de EF que atuam na Educação infantil como “professores(as) que apenas deixam as crianças livres”.

Diante dos acontecimentos repletos de imprevisibilidades e do mergulho realizado, as reflexões passaram a ser plurais, produzindo afetações que consideraram a complexidade do processo de ensino-aprendizagem e de cada sujeito que pratica o cotidiano no CMEI, espaço/tempo que apresenta peculiaridades pedagógicas diferentes das demais etapas da educação básica.

Destaca-se que os saberes-fazerem foram sendo construídos ante os anseios dos discentes. Após a crítica inicial, o mergulho no cotidiano possibilitou o ato de cuidar e educar, tendo como referências o compartilhamento e produção coletiva de saberes-fazerem, autorias, autonomias e autoridades docentes, com decência.

Mediante as inseguranças e incertezas, cabe o alerta da necessidade de cautela na produção aligeirada dos discursos sobre as práticas de professores(as) que praticam os cotidianos das escolas. Entende-se que a função da crítica só tem procedência quando pautada na ética e na fundamentação ante a complexidade dos acontecimentos vividos nos estágios. Apostamos que, antes de um “falar sobre”, é necessário um “viver com” os outros que praticam cotidianamente os tempos-espacos de educação de crianças muito pequenas.

Consideramos, portanto, fundamental pôr em xeque e problematizar constantemente a produção dos discursos sobre a escola, principalmente tendo em vista a lógica cartesiana e o caráter hierárquico acerca da teoria e prática, que coloca, de maneira mecânica, a produção científica como uma verdade absoluta, um parâmetro legitimador de condenações equivocadas que desqualificam as instituições públicas e seus professores. Assim, espera-se que os discentes mergulhem nos contextos de prática, tendo um olhar outro sobre a complexidade que envolve as práticas docentes com os cotidianos da EF na Educação Infantil.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Nilda. Decifrando o pergaminho: o cotidiano das escolas nas lógicas das redes cotidianas. In: OLIVEIRA, Inês Barbosa de; ALVES, Nilda (Org.). **Pesquisa no/do cotidiano das escolas:**sobre redes de saberes. Rio de Janeiro: DP&A, 2001. p. 13-38.
- BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.
- BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9394, 20 de dezembro de 1996.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil**. Brasília: MEC/SEB, 2010.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros nacionais de qualidade para a educação infantil**. Brasília: MEC/SEB, 2006.
- BRASIL. **Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- CAPARROZ, Francisco Eduardo; BRACHT, Valter. O tempo e o lugar de uma didática da educação física. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 28, n. 2, p. 21-37, jan. 2007.
- CAPARROZ, Francisco Eduardo. **O Jogo nas aulas de Educação Física na Pré-Escola e a Pedagogia Crítico-Superadora:** elementos para a análise do processo histórico da atuação de um professor de Educação Física na Pré-Escola. 1992. 113 f. Monografia (Especialização) –Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1992.
- CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano:** Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.
- CORTELLA, Mario Sergio. Formação docente: recusar o pedagogicídio. In: SANTOS, Emerson. (Org.). **Reescrevendo a Educação**. 1. ed. São Paulo: Scipione, 2006, v. 1. p. 62-72.
- FERRAÇO, Carlos Eduardo. Ensaio de uma metodologia efêmera: ou sobre as várias maneiras de se sentir e inventar o cotidiano escolar. In: OLIVEIRA, Inês Barbosa; ALVES, Nilda (Org.). **Pesquisa no/do cotidiano das escolas:** sobre redes de saberes. 1. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001, v. 1. p. 91-107.
- FERRAÇO, Carlos Eduardo. O currículo escolar. In: ESPÍRITO SANTO (ESTADO). Secretaria de Estado de Educação e Esportes. Subsecretaria de Educação Básica e Profissional. **Política Educacional do estado do Espírito Santo:** a educação é um direito. Vitória, 2004. Coletânea de textos.
- FERRAÇO, Carlos Eduardo. Pesquisa com o cotidiano. **Revista Educação e Sociedade**, Campinas, v. 28, n. 98, p. 73-95, jan./abr. 2007.
- FERRAÇO, Carlos Eduardo; ALVES, Nilda. Pesquisa com os cotidianos em redes de conhecimento. In: AMADO, João; CRUSOÉ, Nilma Margarida de Castro (Org.). **Referenciais**

teóricos e metodológicos de investigação em educação e ciências sociais. Vitória da Conquista: Edições UESB, 2017. p. 149-166.

FERRAÇO, Carlos Eduardo; CARVALHO, Janete M. Currículos realizados e/ou vividos nos cotidianos de escolas públicas: sobre como concebemos a teoria e a prática em nossas pesquisas. In: MACEDO, Elisabeth; MACEDO, Roberto Sidnei; AMORIM, Antônio Carlos (Org.). **Como nossas pesquisas concebem a prática e com ela dialogam?** 1. ed. Campinas, SP: FE/UNICAMP, 2008, p. 4-13.

FERRAÇO, Carlos Eduardo; SOARES, Maria da Conceição Silva; ALVES, Nilda. **Michel de Certeau e as pesquisas nos/dos/com os cotidianos em educação.** Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2018.

GALLO, Silvio. Acontecimento e resistência: educação menor no cotidiano da escola. In: MARIGUELA, Marcio; CAMARGO, Ana Maria Faccioli (Org.). **Cotidiano escolar: emergência e invenção.** Piracicaba: Jacintho, 2007.

GONZÁLEZ, Fernando Jaime; FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo; RISTOW, Renato Weiler; GLITZ, Ana Paula. O abandono do trabalho docente em aulas de Educação Física: a invisibilidade do conhecimento disciplinar. **Educación Física y Ciencia**, Buenos Aires, v. 15, n. 2, p. 2-15, 2013.

GONZÁLEZ, Fernando Jaime; FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo. Entre o “não mais” e o “ainda não”: pensando saídas do não-lugar da EF escolar I. **Cadernos de Formação RBCE**, v. 1, n. 1, p. 9-24, 2009.

MACHADO, Thiago da Silva; BRACHT, Valter. Pesquisa Pedagógica em Educação Física e os “estudos nos/dos/com os cotidianos”: entre o contextualismo e a transcendência. **Movimento**, Porto Alegre, p. 319-330, mar. 2018.

PIMENTA, Selma Garrido. Formação de Professores: identidade e saberes da docência. In: PIMENTA, Selma Garrido (Org.). **Saberes Pedagógicos e Atividade Docente.** São Paulo: Cortez, 2002.

LIMA, Maria Socorro; PIMENTA, Selma Garrido. Estágio e docência: diferentes concepções. **Póiesis Pedagógica**, v. 3, n. 3 e 4, p. 5-24, out. 2006.

PREFEITURA MUNICIPAL DE VITÓRIA. **Educação Infantil do Município de Vitória:** Um outro olhar. Secretaria Municipal de Educação Infantil/Gerência de Educação Infantil, Vitória: Multiplicidade, 2006.

RANGEL, Iguatemi Santos. Educação Física na Educação Infantil: possibilidades de intervenção pela via do estágio supervisionado. In: XVI Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino, ENDIPE, 2012, Campinas. **Anais...** Campinas: FE/UNICAMP, 2012. v. 1. p. 14-24.

SACRISTÁN, José Gimeno. **O currículo: uma reflexão sobre a prática.** Porto Alegre: Artmed, 2000.

SAYÃO, Deborah Thomé. Corpo e movimento: notas para problematizar algumas questões relacionadas à educação infantil e à educação física. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 23, n. 2, p. 55-67, jan. 2002.

SOUZA NETO, Samuel; SARTI, Flavia Medeiros; BENITES, Larissa Cerignoni. Entre o ofício de aluno e o *habitus* de professor: os desafios do estágio supervisionado no processo de iniciação à docência. **Movimento**, Porto Alegre, v. 22, n. 1, p. 311-324, jan./mar. 2016.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO. Centro de Educação Física e Desportos. **Currículo de Curso de Educação Física – Licenciatura - Ano/versão: 2014**. Vitória, 2014. 5 p. Disponível em: <<http://www.cefd.ufes.br/sites/cefd.ufes.br/files/field/anexo/Vers%C3%A3o%202014.pdf>>. Acesso em: 07 fev. 2018.

VENÂNCIO, Luciana; SANCHES NETO, Luiz. A relação com o saber em uma perspectiva (auto)biográfica na educação física escolar. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica**, Salvador, v. 04, n. 11, p. 729-750, maio/ago. 2019.

VILLAS BOAS, Benigna Maria de Freitas. **Portfólio, avaliação e trabalho pedagógico**. Campinas: Papirus, 2004.

CREDENCIAIS DOS AUTORES

¹Lucas Borges Soeiro

Especialista em Educação Física Escolar pelo Centro de Ensino Superior de Vitória (2019). Licenciado em Educação Física pelo Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo (CEFD/Ufes) (2018)

E-mail: luuca_borges@hotmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8458570521402380>

²Victor José Machado de Oliveira

Doutor em Educação Física pela Universidade Federal do Espírito Santo (2018). Mestre em Educação Física pela Universidade Federal do Espírito Santo (2014). Licenciado em Educação Física pelo Centro Universitário Católico de Vitória (2011).

E-mail: oliveiravjm@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7335514115153220>